

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

A violência retratada:
a banalização das imagens violentas no jornalismo contemporâneo

Denise Vilche Sepulveda

SÃO PAULO

2016

DENISE VILCHE SEPULVEDA

A violência retratada:
a banalização das imagens violentas no jornalismo contemporâneo

Dissertação apresentada para obtenção de grau de Mestre em Comunicação pela Faculdade Casper Líbero na linha de pesquisa Produtos Midiáticos: jornalismo e entretenimento.

Orientadora: Prof^a Dra. Simonetta Persichetti

SÃO PAULO

2016

Vilche Sepulveda, Denise

A violência retratada: a banalização das imagens violentas no jornalismo contemporâneo / Denise Vilche Sepulveda. – São Paulo, 2016.

112 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof^a. Dra. Simonetta Persichetti

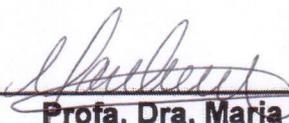
Dissertação (mestrado) - Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação.

1. Imagem. 2. Jornalismo. 3. Contemporaneidade. 4. Webjornalismo. 5. Violência. I. Persichetti, Simonetta. II. Faculdade Casper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação. III. Título

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Autora: DENISE VILCHE SEPULVEDA

**“A VIOLÊNCIA RETRATADA: A BANALIZAÇÃO DAS IMAGENS
VIOLENTAS NO JORNALISMO CONTEMPORÂNEO”**



**Profa. Dra. Maria-Luisa Hoffmann
Universidade do Oeste Paulista - UNOESTE**



**Prof. Dr. Cláudio Novaes Pinto Coelho
Faculdade Cásper Líbero - FCL**



**Profa. Dra. Simonetta Persichetti
Faculdade Cásper Líbero - FCL**

Data da Defesa: 11 de março de 2016

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho só foi possível devido ao apoio dessas pessoas e a quem eu serei eternamente grata:

Meus pais, Angel e Angélica, que enriqueceram essa dissertação com seus comentários e discussões;

Meus irmãos, Vanessa e Alfredo, por entenderem minha ausência;

Minha orientadora, Prof^a Simonetta Persichetti, não só pelas proveitosas aulas mas também por me guiar durante esse percurso;

Professores Dimas Künsch e Roberto Chiachiri, pelos conselhos e ajuda;

Professores Cláudio Novaes e Maria Luisa Hoffmann, pelo interesse e dedicação dados a esse trabalho e pelos valiosos comentários e sugestões;

Meus amigos de mestrado, especialmente a Ingrid Baquit, que gentilmente cedeu seus trabalhos para me guiar.

"Violência é uma das coisas mais divertidas de se assistir!"

Quentin Tarantino

RESUMO

Esta dissertação, inscrita na linha de pesquisa Jornalismo e Entretenimento, busca analisar e compreender a banalização das imagens violentas no jornalismo contemporâneo, tendo como exemplo publicações feitas pelos portais UOL e globo.com, dois sites jornalísticos com bastante visibilidade. O livro "Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa", de Danilo Angrimani, serve de base para traçar um panorama do sensacionalismo na mídia, principalmente no que se refere ao conteúdo violento exibido pelos meios de comunicação. O sensacionalismo e a violência têm suas definições realizadas a partir dos estudos feitos pelos filósofos Michel Foucault e Yves Michaud, no livros "Vigiar e Punir" e "Violência", sendo também utilizado o conceito de banalidade do mal, criado pelo teórica política Hannah Arendt. Tendo em vista os estudos das pesquisadoras Susan Sontag, que defende a publicação sem censura de imagens de violência como forma de chocar e fazer a população agir e Susie Linfield, que propõe cautela no conteúdo exibido, já que a eficiência da imagem não pode ser garantida, o presente trabalho busca analisar se as imagens violentas publicadas nos portais de webjornalismo são de vital importância para a melhor compreensão da notícia ou se são desnecessárias e gratuitas. Ao analisar os dois portais, nota-se uma dependência da mídia por imagens, sendo que muitas não acrescentam nada ao entendimento da reportagem, tornando-se desnecessárias. Além disso, os efeitos da superexposição à violência nos meios de comunicação também são analisados do ponto de vista da psicologia, que vem durante anos estudando o impacto da superexposição a esse tipo de notícia, principalmente em crianças, como mostram os estudos realizados pelo psicólogo e pesquisador Dr. Rowell Huesmann, a frente de um grupo de estudo sobre o tema na Universidade de Michigan, nos Estados Unidos.

Palavras-chave: Imagem. Jornalismo. Contemporaneidade. Webjornalismo. Violência.

ABSTRACT

The violence portrayed: the trivialization of violent images in the contemporary journalism

This dissertation, entered in the research line Journalism and Entertainment, aims to analyze and understand the trivialization of violent images in the contemporary journalism, having as example publications made by portals UOL and globo.com, two news websites with enough visibility. The book "Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa", by Danilo Angrimani, will serve as a basis for drawing a panorama of sensationalism in the media, especially when it comes to violent content displayed by the press. Sensationalism and violence have their settings made from the studies conduct by the philosophers Michel Foucault and Yves Michaud, in the books "Discipline and Punish" and "Violence", and also using the concept of banality of evil, created by political theorist Hannah Arendt. Considering the concepts of researchers Susan Sontag, who defends the publication without censorship of images of violence as a way to shock and make people act and Susie Linfield, which suggests caution in the displayed content, since the efficiency of an image can not be guaranteed, this paper seeks to examine whether violent images posted on web journalism portals are of vital importance for a better understanding of the news or if they would be unnecessary and gratuitous. Analysing both portals, it is clearly the dependency of images hold by the media, most of this images having no important feature in the understanding of a news piece, becoming unnecessary. In addition, the effects of overexposure to violence in the media are also analysed the psychology point of view, which has for years studying the impact of overexposure to this kind of news, especially in children, as shown in studies promote by the psychologist and researcher Doctor Rowell Huesmann, who leads an study group about this theme at Michigan University, in the United States.

Keywords: Image. Journalism. Contemporaneity. Web journalism. Violence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Migrant Mother, de Dorothea Langer	23
Figura 2- Jules Bianchi sofre acidente durante GP do Japão.....	30
Figura 3- Jules Bianchi recebe atendimento médico após sofrer acidente.....	30
Figura 4- Jules Bianchi recebe tratamento ainda na pista em Suzuka.....	31
Figura 5- Televisão russa mostra corpos de vítimas da queda do voo MH17 na Ucrânia.....	32
Figura 6- Televisão russa mostra corpos de vítimas da queda do voo MH17 na Ucrânia.....	32
Figura 7- Homem é linchado até a morte em São Luís (MA).....	37
Figura 8- Quadro de comentários sobre notícia de espancamento até a morte de assaltante em São Luiz.....	38
Figura 9- Imagens da performance Rhythm 0. Fonte: art21.org	40
Figura 10- Capa da edição de março/10 da revista Columbia Journalism Review.....	43
Figura 11- Imagem que ilustra reportagem no portal globo.com	45
Figura 12- Jovem aplica golpe de arte marcial e mata amigo em brincadeira.....	49
Figura 13- Imagem de câmera de segurança é usada em reportagem do portal globo.com	55
Figura 14- Chamada do portal globo.com, com imagem de acidente.....	55
Figura 15- Vídeo filmado por transeunte ilustra matéria em site de notícias Extra, vinculado ao Globo	56
Figura 16 - Reprodução da página G1 sobre esfaqueamento de ciclista no Rio de Janeiro.....	58
Figura 17 - Reprodução de notícia do site G1 sobre crime cometido por menores no Piauí....	59
Figura 18 - Seleção de notícias sobre um mesmo tema disponibilizado pelo portal globo.com ao lado da reportagem principal.....	61
Figura 19 - Corpo de Allan Kurdi é encontrado em praia turca.....	67
Figura 20 - Corpo de Allan Kurdi é retirado por policial turco.....	67
Figura 21 - Jornalista estadunidense é baleada por ex-colega de emissora.....	68
Figura 22 - Imagem gravada por assassino mostra momentos antes de disparo.....	69
Figura 23- Reportagem mostra sofrimento de população síria usando crianças como exemplo..	74
Figura 24- Imagem de criança morrendo de fome ilustra reportagem sobre Síria.....	75
Figura 25- Imagem de jovem desnutrido é usada em vídeo sobre crise na Síria.....	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O INÍCIO DA IMPRENSA SENSACIONALISTA.....	18
1.1 A invenção da fotografia e seu uso na imprensa	19
1.2 A migração para a televisão e a chegada da internet	23
2 SENSACIONALISMO E VIOLÊNCIA.....	27
2.1 Sensacionalismo	27
2.2 Violência.....	33
2.2.1 Suplícios, linchamentos e a perda do senso comum	35
3 WEBJORNALISMO, REDES SOCIAIS E JORNALISMO COLABORATIVO	43
3.1 O cidadão como produtor de notícia	47
4 A PREFERÊNCIA DO PÚBLICO POR NOTÍCIAS VIOLENTAS	51
4.1 Transformação da realidade e hipnose do público	57
4.2 Os efeitos da exposição prolongada à violência	62
5 A IMAGEM DE VIOLÊNCIA E SEU USO NA MÍDIA	66
5.1 Publicar ou não publicar: eis a questão	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83
ANEXOS	88

INTRODUÇÃO

Se com o passar dos anos a maioria dos jornais passaram a adotar uma postura mais séria em relação ao conteúdo publicado, havendo uma distinção entre os veículos considerados “sérios” e os sensacionalistas, como o extinto jornal Notícias Populares, nota-se que hoje em dia, é cada vez mais comum a presença desse tipo de notícia nos veículos considerados mais tradicionais, como Folha de S. Paulo ou Globo. Não é raro vermos fotos de cadáveres, vídeos de atropelamentos, acidentes graves ou fotos de deformidades físicas severas, causadas por anomalias genéticas ou acidentes em sites jornalísticos. Se câmeras de segurança filmaram o exato momento de um atropelamento, as imagens, quase sempre acompanhadas de um anúncio alertando os espectadores sobre o conteúdo forte, são transmitidas para o público.

Um caso, que teve repercussão nacional, envolveu o linchamento da dona de casa Fabiane de Jesus, acusada falsamente de raptar crianças para rituais de magia negra, ocorrido no dia 05 de maio de 2014. Espancada até a morte, os vídeos da agressão ilustraram a página de vários jornais na internet e televisão. Um pouco antes, no dia 24 de abril de 2014, um policial algemou a namorada no meio da rua e a matou com vários tiros, antes de atirar na própria cabeça. O vídeo também estava disponível nos jornais online.

Imagens como essa se tornaram comuns nos noticiários e o excesso de violência exibida na mídia chegou inclusive a ser alvo de reclamações na seção de "Cartas do Leitor" do jornal Folha de São Paulo, no dia 28 de agosto de 2013 no qual o leitor Sérgio Takeo Miyabara questiona o excesso de exposição da violência na mídia, que acabaria estimulando crimes semelhantes aos relatados:

Quando a mídia, principalmente a televisiva, noticia eventos de forma equivocada e inadequada, ela altera sua essência. O ateamto de fogo em mendigos e vítimas de assaltos está se tornando cada vez mais corriqueiro depois que ela noticiou de forma sensacionalista casos como do índio Galdino Jesus dos Santos, da dentista Cinthya Magaly Moutinho, do carteiro Alysson Douglas da Silva e do morador de rua Edivan Lima da Silva. Esse tipo de notícia faz aflorar os sentimentos mais selvagens, perversos e animalescos de indivíduos moralmente fracos. É necessário rever com urgência esta forma de notícia porque toda a sociedade está pagando caro por isso (Carta ao Leitor publicada no jornal Folha de São Paulo).

No Brasil, dois portais de notícias se destacam e serão analisados nesse trabalho: UOL e globo.com. A escolha dos portais acima relacionados deve-se a sua visibilidade diante do público. globo.com representa uma das emissoras com maior audiência no país, enquanto que o portal UOL traz o conteúdo do jornal Folha de S. Paulo, o jornal mais lido no Brasil, que de acordo com a Associação Nacional dos Jornais, teve uma média de circulação de 351.745 unidades em 2014, contando as edições impressas e digitais. Além disso, os portais permitem a publicação de conteúdos de diferentes meios, como jornais (impressos e televisivos), revistas e reportagens feitas especialmente para a internet.

Fundado em 1925 por Irineu Marinho, no Rio de Janeiro, o grupo Globo começou com a publicações de jornais. Com o passar dos anos, o grupo lançou emissoras de rádio e televisão, além de se lançar no mercado editorial, com a publicação de livros e revistas. Em 2000 é lançado o portal globo.com, ganhando seis anos mais tarde a adição da página G1. Com isso, o portal passou a contemplar o conteúdo jornalístico da organização, como os canais de televisão, rádios, jornais e revistas. O site está organizado em colunas, sendo a primeira dedicada aos assuntos do cotidiano, a segunda aos esportes e a última para o entretenimento, com suas editorias divididas por cores. Ao final da página, encontra-se um ranking com a notícias mais lidas no dia, também dividido por assunto, como pode ser visto a seguir.

Inflação começa o ano em alta e chega a 1,27% em janeiro

R\$	540.563,00
R\$	455.262,25
R\$	477.423,51

'O Globo': lista liga Bumilai a obra de sítio

SIGA: Rio-Santos tem lentidão no litoral de SP

Polícia apreende computadores na Samarco

RJ registra mais casos de síndrome ligada ao zika que provoca paralisia

Neymar faz 24 anos e recebe carinho da mãe

* 'Presente Judicial', diz jornal espanhol sobre decisão

Empate escancara problemas do Palmeiras na defesa; veja análise



PM de folga em SP mata jovem em noitada; veja



Carro 'enrosca' em posto e cai de caminhão

Desfiles em SP começam hoje; veja



Renan dorme só com Juliana e diz: 'Não queria'



Matheus dorme de rosto colado com Cacau



'Regra': Danete prende Romero



* Kiki ameaça e surta * Danete não vê pista

PUBLICIDADE

APROVEITE AS CONDIÇÕES DO

PREÇO E FAÇA SEU PEDIDO

PARA REALIZAR ESSE SONHO

MEYER

CRÉDITO

GLOBO PLAY

HORA 1

Confira como fica o tempo nesta sexta em todo o país

9 min

MAIS VOCÊ

Serjão canta 'Do Leme ao Pontal' na gravação...

2 min

BOM DIA BRASIL

Europa tem primeiro caso de Zika em...

1 min

MAIS VÍDEOS



PM finge ser garota de programa em MT, oferece ajuda e prende traficante



Quase derrota escancara problemas do Palmeiras na defesa; veja análise



De barrigão de fora, Sophie curte folia com famosos; Grazi arrasou no look

Rio: colegas teriam sido obrigados a assistir à execução no Chapadão

Após sofrer 16 gols em testes, Lixa anuncia goleiro mais caro que Jadson

Marina Ruy posa decotada e se declara para piloto: 'Fico boba apaixonada'

Morre ciclista atropelado por carro em acostamento de rodovia de SP; vídeo

Jornal compara Neymar a Messi e diz: 'O príncipe que se converterá em rei'

Thammy anuncia fim de namoro com Andressa em rede social: 'Novo tempo'

Mutilação genital atinge pelo menos 200 milhões de mulheres no mundo, diz Unicef

Mãos unidas na testa: antena gesto na comemoração do gol de Calleri

Bruna Linzmeyer nega romance com Cauã e fala de encontros com o ex, Michel Melamed

Aos 100 anos, professor que 'tancou' a penicilina no Brasil fala de Aedes e Zika

Ronaldinho reclama de perseguição na noite e 'provoca' tridente do Barça

Mãe há 1 ano, ex-salva-vidas do 'Caldeirão' diz: 'Me sinto muito melhor hoje'

iPhone ou Galaxy? Novos detalhes podem revelar qual será o smart do ano

Neymar completa 24 anos e recebe parabéns de mãe, pai e amigos

Ellen Roche será ex-BBB em novela e faz mistério sobre novo companheiro

Concursos: levantamento mostra vagas com salários acima de R\$ 10 mil em 7 estados

'Gol ridículo' faz técnico tirar Leandro Almeida do time titular do Palmeiras

Wanessa Camargo fala do pai: 'Hoje, não tenho nada contra a relação que ele tem'

Investigada morte de kido achado perto de colmeia após sair para colher mel

'Luta do Século' completa cinco anos: relembre duelo entre Spider e Belfort

Priscila Pires se diverte no carnaval de Salvador com o sutã à mostra; amplie

Queridinha das redes, moço Katie May, de 34 anos, morre após derrame

Para o gasto: Corinthians encerra o 'suicídio' Audaç para vencer; análise

ESPECIAL PUBLICITÁRIO

SÃO PAULO

CORINTHIANS

A REGRA DO JOGO

Veja enredos em vídeo interativo

Filho de nigeriana e joga da base, sócio de Gil completa treino do Corinthians

Juliano cai no choro ao descobrir que Toia está grávida de Romero

Salba como chegar ao sambódromo

Marlon diz que novo Corinthians pode ser tão forte quanto o de 2015

Carolina Dieckmann explica corpo sequinho: 'Pego músculo fácil'

TECNOLOGIA & GAMES



Vídeo do Facebook cria confusão e traz dia do amigo 'antecipado'



Apps 'anônimos' conquistam fãs e viram febre; conheça todos



Listamos os grandes games que estão 'baratinhos' nesta semana



Como 'vigar' seus contatos no WhatsApp? Usuários dão dicas

MODA & BELEZA

CASA & DECORAÇÃO



COR DE CARNAVAL

Salba como deixar seu cabelo colorido ou com glitter



COR NEUTRA

Quarto branco é um luxo! Saiba como decorá-los de forma ideal



FANTASIA

Inspire-se nos desfiles (quase) carnavalescos para compor a sua



CARTÃO DE VISITA

Salba como escolher o melhor espelho para o seu lavabo



FASHION E DIVERTIDAS

Quer saber quais as bolsas perfeitas para os dias de folia? Confira aqui



EM SP

Simetria, tons neutros e mobiliário 100% brasileiro mudam decor

VEJA TAMBÉM GNT VOGUE

VEJA TAMBÉM CASA E JARDIM CASA VOGUE

FAMOSOS

EGO QUEM



Ex-BBB Kamilla decide estilo de vestido de noiva: 'Princesa'



Filha de José Wilker comemora homenagem ao pai na Sapucaí



Rolling Stones chegam à Argentina para 3 shows de turnê



Confira o 'antes e depois' dos galãzinhos dos anos 1990

gshow



Arthur leva Eliza à boate pela primeira vez em 'Demaís'



Em 'Éta', Sandra recebe carta com a localização de Candinho



'Malhação': Livia apoia Beto em decisão sobre racismo na web



Carol Castro comemora papel: 'Lutei com unhas e dentes'

GLOBO PLAY



BIG BROTHER BRASIL

Munik descarta lance com Renan



TOTALMENTE DEMAIS

Max não consegue beijar Eliza



JORNAL NACIONAL

Receta Federal aumenta o controle sobre as movimentações financeiras



MALHAÇÃO SEU LUGAR NO

Livia pergunta a Beto se eles estão namorando

TOP GLOBO tá todo mundo clicando...

- | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 1 | Mulher emagrece 35 kg em oito meses; sem 'turtir' mudança, marido pede o divórcio | 1 | Corinthians faz o básico, bate o Audaç e chega à segunda vitória no Paulistão | 1 | Juliana sobre clima com Renan: 'Está bem claro e só eu que não queria ver' |
| 2 | Descoberto paciente que contraiu zika, dengue e chikungunya | 2 | As notícias não são boas sobre Michael Schumacher, diz ex-presidente da Ferrari | 2 | Big Brother Brasil: Cacau critica Matheus e chama brother de 'calpina grosso' |
| 3 | Após polêmica com mosquitos, site do governo ganha 'raquete' | 3 | Gol contra aos 45 evita derrota de virada do Palmeiras para o São Bento | 3 | Luana Piovani é apresentada como primeira capa da nova 'Playboy' |
| 4 | Mega-Sena, concurso 1.787: duas apostas de SP dividem prêmio | 4 | Justiça Federal rejeita denúncia e arquivia acusações contra Neymar | 4 | Em 'A Regra do Jogo', Toia faz 'mea culpa' e pede perdão a Juliano: 'Fui muito injusta' |
| 5 | Irmã conta que Marília Pêra sofreu com aviso de morte: 'Fico catatônica' | 5 | Nenê comanda o Vasco, que vence América com golazo de Riascos: 3 a 1 | 5 | Ana Paula se enrola com roubo e mostra demais do decote no 'BBB16' |

O portal UOL (Universo Online) foi ao ar em abril de 1996, tendo como destaque o conteúdo dos jornais Folha de S. Paulo, Folha da Tarde, Notícias Populares e reportagens traduzidas do jornal norte-americano The New York Times. Ao longo do ano, o UOL foi incorporando seções próprias, como esporte e economia, além de uma parceria para divulgação do conteúdo do jornal argentino Clarín. Nos anos seguintes, o UOL passou a incorporar mais revistas e jornais ao site, assim como novas seções, que incluíam transmissões de eventos e páginas especiais dedicadas a algum assunto específico. Em 2000 é lançado o UOL News, programa de TV exibido pela internet, apresentado por Paulo Henrique Amorim. Em 2005, é a vez dos canais BandNews e Band Sports serem transmitidos ao vivo pelo site. Em maio de 2008, é lançado o UOL Notícias, que conta com reportagens das redações do UOL, Folha Online, Veja Online, BandNews, Jovem Pan, Jornal do Comércio, Valor, Agência Estado, BBC Brasil, Reuters, France Presse, Associated Press e Deutsche Welle.

A página inicial do UOL é dividida em blocos. No primeiro, ficam assuntos com mais destaque, independentemente a qual editoria pertençam. No bloco abaixo, estão agrupadas as notícias sobre esporte. O terceiro bloco é dedicado ao entretenimento, seguido do bloco "Mulher", que traz reportagens sobre beleza e moda. O portal também traz um ranking das notícias mais lidas, mas não há uma separação por assunto como no portal da Globo. Ao lado desse quadro, há uma outra lista, com mais destaques de notícias.

UOL MAIL e-mail pessoal

Assine SAC BATE- NOTÍCIAS CARROS ECONOMIA FOLHA ESPORTE ENTRETÊ

Carna UOL Ludmilla, Thiago Martins e Melani na Barra Jura nos Rio veja agora

Polícia Civil cumpre mandados de busca e apreensão na sede da Samarco #12

OMS declara guerra a vírus
Surto de microcefalia faz o mundo olhar para o Brasil

Maiores taxa para o mês desde 2003
Inflação no Brasil acelera e fecha janeiro em 1,27%

Short curto ou Bermuda "brega"?
Regra sobre Uniforme revolta algumas em colégio particular de São Paulo

No Rio
É hoje Ludmilla e Thiago Martins agitam o CarnavalJOL

Lua contra ex-nepos
Claudia Rodrigues comenta demissão da Globo: "Foi um golpe"

Ofertas imperdíveis para você ampliar o seu mundo.
R\$ 991,00

No Rio
Fantasia de Grazi chama atenção em baile de Carnaval

Intimado com nova rotina
Mulher perde mais de 30 kg e marido pede o divórcio

Na busca pela cura
Culpados pela calvície são identificados

Segurança alimentar
Especialista diz que nunca comeria esses seis alimentos

mulher

WhatsApp UOL mulher
(11)94288-3466

Startup UOL
O UOL Mulher vai mudar e quer saber a sua opinião; participe

StartUp australiana cria tecido à prova de manchas por líquidos

Gladiadora e saia ou short curto resolvem qualquer Carnaval

O que vestir
Listra horizontal engorda? Sete mitos de moda para esquecer

Escolha seu signo
Áries Touro Gêmeos Câncer Leão Virgem Libra Escorpião Sagitário Capricórnio Aquário Peixes

entretê + carnaval

Gloria Estefan quer trazer musical sobre sua vida ao Brasil
Cubana quer fazer versão em português de show que é sucesso na Broadway

Playlist perfeita para seu gosto
Descubra um dos 12 tipos de músicas sob medida para você

A Regra do Jogo
Kiki surta antes de desmascarar Gibson

Quem fugiu do Carnaval na TV?
12 dicas de filmes ou documentários para curtir durante o feriado

Consejo e ano com mais informação
Assine 12 e receba 13 meses de melhor conteúdo de política e economia

Paralela Meirinhosadora
Mad Max e feminismo

Quem fugiu do Carnaval na TV?
12 dicas de filmes ou documentários para curtir durante o feriado

Barbie Cabrer
Ator usa técnica de transe e luta boxe para se livrar de Visky

Marcelo Siqueira
Público suspeita que Emílio Surtta estava escondido

Disputa por James Franco
História de stripper contada em 148 túlves vai virar filme nos EUA

Totalmente Demais
Mudar novela

Ígiri em novela das 7
Julianne Trevisol ganha espaço na TV e no Carnaval

Peças de Eliza em novela
viram sonho de consumo de espectadores, veja

mais lidas

- Mulher perde mais de 30 kg e marido pede o divórcio**
Malida e fibro não querem compartilhar nova rotina saudável, conta mulher, sem arrependimento
- Especialista em segurança alimentar diz que nunca comeria 6 comidas**
- Grupo de cientistas do Japão identifica os culpados pela calvície**
- Juz de Santos rejeita denúncia de ação penal contra Neymar e seu pai**
- Além do serviço, quem viaja na 1ª classe ganha mitos especiais** #24

Pepper

Peças de Eliza em novela
viram sonho de consumo de espectadores, veja

notícias

Indústria de SP cai 11% em 2015 e regride a níveis de produção de 2003

Encargos de domésticos devem ser pagos até hoje

Disque-Denúncia do RJ tem pior mês desde 1998

Unesp divulga lista de aprovados

Oferece nas contas
Minas atrasa quitação de dívidas à União em R\$ 500 milhões mensais

Eligido em Appaer
Renan pediu verba para campanha do filio, diz empreiteiro da UTC

Acusado de esquema em Furnas
Alecio Neves diz que é alvo de declarações criminosas

Negociação com as Farc
Obama pedirá US\$ 450 milhões ao Congresso para paz na Colômbia

Opinião
JOSIAS DE SOUZA
Mafia da mensalidade PSDB não pratica, mas quer honestidade

RAQUEL LANDIM
Pessimistas agora vencem de goleada a presidente Dilma

LONA SZABÓ DE CARVALHO
Ao agir como uma lha, Brasil foi regressivo no fórum de Davos

TATI BERNARDI
Sepa lá o que for que todos vocês querem, eu não quero

esporte

Com bom início no Paulista, Corinthians estabiliza time e deixa reforços na espera

China oferece R\$ 326 mi por Oscar e Chelsea mega

Empate por 2 a 2 no Paulista
Vitor Hugo diz que 2º gol do Palmeiras foi contra

O que os boleiros já fizeram na folia
Maradona não disfarçou alegria e Romário já fumou charuto

Judi brasileiro
Trio que já foi ao podio olímpico pode ficar fora do Rio-16

Destaque da Copa
São Paulo atende Bauza e descarta vender revelação

Michael Johnson
Por que lenda do atletismo visitará CT do Fluminense?

Estádio em reforma para futebol
Em 2016, Maracanã fica sem jogo, mas terá 40 h de festa no Carnaval

Libertadores
Time colombiano vence fora de casa e pode enfrentar Corinthians

Opinião
MARILINA LAJULO
Atletas transgêneros têm caminho mais fácil para a Olimpíada

PERRONE
Salta o que os clubes querem para a Libertadores do futuro

FABIO SERRAS
Foi deturcado um ano para descobrir que reduziu motor e rum

BLOG DO CARSUGH
Federação Paulista cometeu uma barbaridade após a obra

esporte

China oferece R\$ 326 mi por Oscar e Chelsea mega
Empresário do meio e confirma proposta de time que contratou Alex Teixeira

Shankar vende A. Teixeira por R\$ 218 mi
Venda pode render R\$ 6,5 mi ao Vasco

30 medalhas nos X-Games
Dave Mina, ícone dos esportes radicais, é encontrado morto

Acadêmicos disputado
Por Rubinho, Atlético-MG repete tática usada com Ronaldinho

Diretores do Santos querem último

Empate por 2 a 2 no Paulista
Vitor Hugo diz que 2º gol do Palmeiras foi contra

Zagueiro nega ter sido autor do gol que deu o empate contra o São Bento
Falta deve tirar Leandro Almeida do time

Judi brasileiro
Trio que já foi ao podio olímpico pode ficar fora do Rio-16

Destaque da Copa
São Paulo atende Bauza e descarta vender revelação

Michael Johnson
Por que lenda do atletismo visitará CT do Fluminense?

Estádio em reforma para futebol
Em 2016, Maracanã fica sem jogo, mas terá 40 h de festa no Carnaval

Libertadores
Time colombiano vence fora de casa e pode enfrentar Corinthians

Opinião
MARILINA LAJULO
Atletas transgêneros têm caminho mais fácil para a Olimpíada

PERRONE
Salta o que os clubes querem para a Libertadores do futuro

FABIO SERRAS
Foi deturcado um ano para descobrir que reduziu motor e rum

BLOG DO CARSUGH
Federação Paulista cometeu uma barbaridade após a obra

Para começar a análise da banalização das imagens no jornalismo contemporâneo, o primeiro capítulo traz uma cronologia do sensacionalismo na imprensa, desde seu começo em folhetins na França no século XVI, até sua disseminação através da fotografia. A transformação do público em produtor de notícia, ao usar a tecnologia para o envio de imagens para os veículos de comunicação também recebe destaque, já que se constitui em uma forma de disseminar mais rapidamente esse tipo de conteúdo.

Falando de violência e sensacionalismo, o segundo capítulo traz as definições dos dois termos, tendo como base os conceitos desenvolvidos pelos filósofos Michel Foucault e Yves Michaud, no livros "Vigiar e Punir" e "Violência". Hannah Arendt e o termo banalidade do mal, citado no livro "Eichmann em Jerusalém" também é utilizado, para demonstrar como a violência cotidiana pode ser vista como algo normal, assim como se desculpavam os nazistas pelo extermínio de judeus.

O psicanalista Sigmund Freud (1856-1939) tem sua importância para a pesquisa por seu trabalho em psiquiatria, que nos ajudam a explicar alguns comportamentos humanos. Seu trabalho sobre as pulsões, descritos no livro "O ego e o id e outros trabalhos" são essenciais para se chegar ao aspecto psicológico por trás da preferência do público por notícias sangrentas. Exemplo dessa preferência pode ser vista no ranking do portal globo.com no dia 11 de abril de 2015.



TOP GLOBO *tá todo mundo clicando...*

- 1** Garota de 20 anos é decapitada pelo namorado após mensagens no WhatsApp
- 2** Médico chora a morte de paciente de 19 anos e colegas registram a emoção
- 3** Mulher é morta pelo marido na fazenda de Amado Batista em Goiás, diz polícia
- 4** Vídeo mostra últimos minutos da jovem que postou 'pode morrer beba?'
- 5** Suspeito de estupro diz que menino de 8 anos 'fazia porque queria'

globo.com © 2000-2015. Todos os direitos reservados.

As consequências da exposição excessiva à violência na mídia é estudada pela psicologia, sendo tema do grupo de estudo da Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, chefiada pelo Dr. Rowell Huesmann, psicólogo e comunicador, cuja pesquisas serão utilizadas no terceiro capítulo dessa dissertação. Uma das teorias defendidas por Huesmann é a da Dessensibilização, na qual a pessoa, acostumada com as imagens de violência vistas na mídia diariamente, perde as respostas fisiológicas diante de uma situação real. Além disso, com o fácil acesso das crianças aos meios de comunicação, o excesso de violência pode influenciar negativamente seus comportamentos futuros.

Para ilustrar a discussão sobre a banalização das imagens violentas no jornalismo, são usados vários exemplos extraídos dos dois portais. Duas reportagens recebem mais destaque: A primeira traz a foto do menino sírio Allan Kurdi, de 3 anos, que foi encontrado morto após a embarcação onde estava virar na costa da Turquia, matando outros 12 refugiados. A segunda notícia traz um vídeo como destaque, onde é possível ver o assassinato a tiros de uma equipe de jornalismo estadunidense por um ex-colega de emissora. A execução foi gravada pelo assassino em primeira pessoa e disponibilizada em suas contas nas redes sociais. Enquanto a imagem de uma criança morta foi amplamente justificada pelos dois portais, nada foi dito em relação ao vídeo dos assassinatos, mostrando que esse tipo de violência é considerada normal e portanto, não merece ter sua publicação explicada.

Os dois exemplos compõem o último capítulo, que ainda discute o uso da fotografia como forma de chocar o espectador, criando um diálogo entre os ideias exibidas nos livros *The Cruel Radiance*, de Susie Linfield, "Além da dor dos outros", de Susan Sontag e o texto "Foto-choque", de Roland Barthes.

1 O INÍCIO DA IMPRENSA SENSACIONALISTA

A história da imprensa sensacionalista tem dois momentos marcantes. De acordo com o jornalista Danilo Angrimani, em seu livro "Espreme que sai sangue" (1995), um deles ocorreu na França, entre 1560 e 1631, com o surgimento dos primeiros jornais impressos franceses, o *Nouvelles Ordinaires* e o *Gazette de France*. Os dois periódicos exploravam em suas páginas notícias trágicas e principalmente histórias sobre crimes ou pessoas defeituosas. Antes disso, era possível encontrar brochuras de aproximadamente 16 páginas, chamadas de "occasionnel", em que já se relatavam notícias desse tipo.

Com a popularização da imprensa, aliada à criação da máquina a vapor que permitiu um aumento na tiragem, foram criados jornais populares, destinados a atrair as massas. Um desses jornais era chamado de "canards", que em francês significa pato, mas também pode ser usada para designar algo falso. Com apenas uma página, esses folhetins traziam notícias diversas, mas eram as publicações sobre crimes violentos, catástrofes naturais e desastres as mais populares. O modelo acabou sendo copiado em outros países, chegando aos Estados Unidos, onde notícias sensacionalistas podem ser encontradas na única edição do primeiro jornal norte-americano, o *Publik Occurrences*, em 1690.

Outro momento marcante, que definiu o sensacionalismo na imprensa, foi a disputa entre dois jornais norte-americanos no final do século XIX. Editado por Joseph Pulitzer, o *New York World* foi pioneiro em vários departamentos, mas se destacou por explorar as notícias sensacionalistas. Pulitzer se gabava do sucesso de seu jornal, afirmando que "nenhum outro jornal do mundo conseguiu a metade disso" (ANGRIMANI, 1995, p. 20). Influenciado pelo sucesso do *World*, o magnata William Hearst comprou o jornal que pertencia ao irmão de Pulitzer e fundou o *Morning Journal*.

Os dois jornais começaram uma batalha pelos leitores, usando as notícias sensacionalistas como chamariz. Durante a guerra contra a Espanha em Cuba, na década de 1890, os dois jornais chegavam a inventar histórias e abusar de hipérboles e linguagem dramática para conquistar o público. O jornalista Erwin Wardman, incomodado com o tipo de notícia veiculada pelos dois periódicos, publicou um artigo na *Press*, na qual dava o nome de "imprensa amarela" para esse tipo de publicação, cunhando o termo. A inspiração veio de uma história em quadrinhos que tanto o

World quanto o *Journal* publicavam, chamada "Hogan's Alley", que trazia um menino vestindo uma camisola amarela, onde as falas eram escritas. Ele acabou ficando conhecido como *The Yellow Kid*, ou o Menino Amarelo. No Brasil, a imprensa sensacionalista é chamada de marrom, possivelmente pela apropriação do adjetivo francês *cimarron*, que a princípio era usado para designar os escravos fugitivos ou que estavam em situação ilegal. Logo a expressão marrom passou a denominar uma condição irregular e o termo acabou ganhando conotação pejorativa.

1.1 A invenção da fotografia e seu uso na imprensa

A imprensa logo pode contar com mais um aliado em suas notícias: a fotografia. Ela foi anunciada ao mundo em 1839, com França e Inglaterra brigando pela patente da nova invenção. O pintor francês Louis-Jacques-Mandé Daguerre (1787–1851) acabou levando a fama por criar um aparelho capaz de criar uma imagem fotográfica em uma placa de cobre e fixada quimicamente, com mais nitidez e rapidez do que vinha sendo feito até o momento¹. O daguerreótipo, como foi nomeada a invenção, foi importante na sociedade industrial que começava e vinha suprir a necessidade de uma representação do real que o trabalho manual, feito através da pintura, já não dava conta.

Ao colocar uma máquina óptica e química no lugar das mãos, dos olhos e das ferramentas de desenhistas, gravadores e pintores, a fotografia redistribuiu a relação que, havia vários séculos, existia entre a imagem, o real e o corpo do artista. [...] A antiga unidade homem-imagem dá lugar a uma nova unidade real-imagem (ROUILLE, 2009, p. 34).

Logo a fotografia foi utilizada como registro, para ser armazenada e consultada por profissionais de diversas áreas. Contrários a princípio, arquitetos, arqueólogos e botânicos logo se renderam às maravilhas da nova invenção, que permitia captar detalhes que o olho humano deixava passar. A nova invenção também possibilitou a descoberta do mundo, através de imagens tiradas ao redor do planeta, como comemora o jurista francês Louis de Cormenin, dizendo que "entregue a

¹ No Brasil, o naturalista, desenhista e tipógrafo francês Antoine Hercule Romuald Florence conseguiu em 1833, fixar uma imagem capturada de uma câmera escura usando sais de prata, processo similar ao que vinha sendo desenvolvido na Europa desde 1820.

alguns intrépidos, fará por nós a volta ao mundo, e nos trará o universo pronto sem que abandonemos nossas poltronas" (CORMENIN apud ROUILLE, 2009, p. 50).

Apesar da inovação, a fotografia encontrou a resistência dos editores de jornal, que preferiam continuar na estética do desenho. Foi somente em 1904, com o surgimento do primeiro tabloide dedicado à fotografia, o *Daily Mirror*, que a nova técnica se popularizou e a fotografia passou a ter tanta importância no meio jornalístico quanto os textos escritos.

Ainda assim sua tecnologia ainda era muito primitiva e de pouca mobilidade, limitando a velocidade de produção de imagens. Por conta disso, os retratos posados e as fotos da arquitetura de cidades eram mais comuns.

A Guerra da Crimeia (1854/1855) foi a primeira a ser fotografada, mas como as câmeras ainda eram pesadas e difíceis de transportar e os negativos, frágeis chapas de vidro, as fotos ainda eram posadas. Além disso, as imagens foram censuradas pelo governo britânico para não assustar a população. Seis anos depois, a Guerra da Secessão, ocorrida nos Estados Unidos, já contava com cerca de 300 fotógrafos, mesmo que não fossem profissionais. Com imagens produzidas e cenas arrumadas especialmente para a realização das fotos, a Guerra de Secessão foi a primeira oportunidade do público de ter contato com os horrores da guerra. Sem censura, criava-se a "estética do horror" e a publicação de imagens violentas na imprensa.

Com o tempo, as câmeras foram diminuindo de tamanho, o que possibilitou a tirada de fotografias com mais qualidade e com uma velocidade compatível com a produção de eventos. Se aproveitando dessa nova mobilidade, a fotografia passou a ser utilizada em reportagens sociais e em matérias sensacionalistas.

O crime era minha sensação e eu gostava disso, declara Weegee, que, no início dos anos 1920, começa a fotografar os dramas noturnos de Nova York. A luz crua de seu flash faz surgir da noite a porção maldita da sociedade, o avesso tenebroso e sangrento das metrópoles modernas. Nunca a cidade de assemelhou tanto a um *teatro crime* (ROUILLE, 2009, p.47, grifo do autor).

No campo social, dois momentos merecem destaque. Um deles é o trabalho de denúncia do fotógrafo Lewis Hine (1874-1940). Após perder o pai aos 18 anos, Hine começou a trabalhar para sustentar sua família. Depois de passar por vários empregos, formou-se em sociologia e começou a trabalhar para o Comitê Nacional de Trabalho Infantil, fotografando crianças em seus ambientes de

trabalho e divulgando-as como forma de conscientizar os governantes e a população sobre o problema. Ele mesmo chegou a trabalhar 13 horas diárias, seis dias por semana quando jovem.

Sua série de fotografias sobre o tema acabou tendo o resultado esperado e uma lei contra o trabalho infantil foi finalmente criada. Hine ainda faria um importante relato sobre as condições de perigo que enfrentavam os operários da construção do Empire State Building, um dos edifícios mais icônicos dos Estados Unidos.

Ao fazer com que as pessoas posassem para a câmera em seu ambiente de trabalho, Hine conseguia chocar com suas imagens, sem precisar apelar para o sensacionalismo.

Fotojornalistas têm nos mostrado um mundo não feito para ser habitado. Eles têm aumentado nossa concepção do que os seres humanos são capazes de fazer uns aos outros, frequentemente através de maneiras que nos entristecem, surpreendem, assustam e enojam. Ao fazer isso, os fotógrafos nos forçam a vislumbrar como um mundo melhor, ou pelo menos, um mundo não tão ruim, seria, mas eles também sugerem o quão difícil é criar um (LINFELD, 2012, p.38-39, tradução nossa).²

A Alemanha marcou o início do fotojornalismo moderno, com o país concentrando nos trinta primeiros anos do século XX, o maior número de revistas ilustradas, com uma tiragem que chegava a cinco milhões de exemplares. De acordo com o pesquisador Jorge Pedro Sousa (2004), o sucesso do modelo alemão se deu por uma série de motivos. O autor cita a profissionalização dos fotógrafos, aliada à comercialização da famosa câmera de 35mm Leica, que trouxe mais mobilidade aos profissionais. Outro fator foi a colaboração entre os envolvidos na produção das revistas, que permitiu a difusão da *candid photography*, fotografia feita de maneira espontânea, ao contrário das posadas utilizadas na época. O tema das fotografias também foi mudando, com as figuras públicas dividindo espaço com o cidadão comum em reportagens sobre o cotidiano. Com a chegada de Hitler ao poder, os famosos fotojornalistas alemães tiveram que fugir do país, levando seus conceitos para o resto do mundo, culminando no surgimento de revistas importantes, como a Vu, Regards e Life e na figura do fotógrafo-autor.

Se na Europa, o fotojornalismo encontrou seu nicho nas revistas ilustradas, nos Estados Unidos esse papel coube aos jornais diários, que passaram a contar cada vez mais com imagens em

² Photojournalists have shown us a world unfit for habitation. They have enlarged our conception of what human beings do to each other, though often in ways that grieve, surprise, frighten, and disgust us. In doing so, photographers have force us to envision what a better world, or at least a less-bad world, would be; but they also suggest how hard it is to create one.

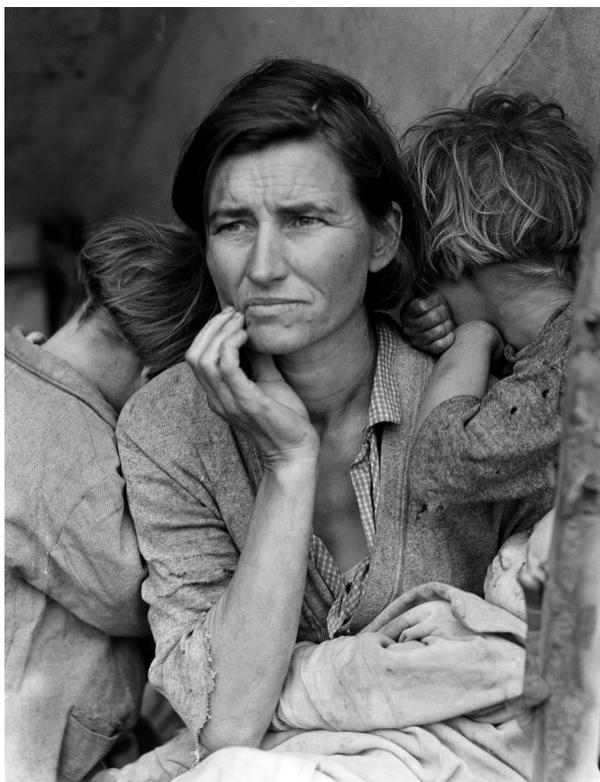
suas edições, influenciadas por uma nova cultura visual instaurada pelo cinema. A facilidade em se fotografar acabou banalizando a produção, criando as fotografias de *fait divers*, muito usadas em jornais sensacionalistas. As agências de notícias, como Reuters e Associated Press passam a oferecer fotografias entre seus serviços.

Outro importante trabalho realizado por um grupo de fotógrafos, fez parte de um projeto do governo estadunidense. Depois da crise na Bolsa de Valores em 1929, Franklin Roosevelt foi eleito presidente. Na época, o país enfrentava uma crise de desemprego, que afetava quase um terço da população, fazendo com que muitos pais deixassem seus filhos em orfanatos por não ter condições de criá-los. A população cobrou do presidente as melhorias nas condições de vida prometidas na campanha e Roosevelt criou o projeto *Farm Security Administration*, que daria empréstimos a agricultores que não conseguiam crédito em outros lugares, com o objetivo de criar fazendas auto-sustentáveis. O programa também previa assistência médica e educacional para as famílias cadastradas. Em 1935, Roy Stryker, chefe do departamento do projeto no Ministério da Agricultura, decidiu que, ao invés de fazer relatórios, enviaria fotógrafos, como Dorothea Lange e Walker Evans, para retratar como era a vida nas fazendas após a Grande Depressão, entre os anos de 1935 e 1944. Uma das fotos mais conhecidas do projeto foi feita por Lange. Chamada *Migrant Mother*, a imagem traz uma mulher em um tenda improvisada, tendo seus dois filhos ao seu lado e um no colo:

Eu vi e me aproximei da faminta e desesperada mãe, como se puxada por um ímã. Eu não me lembro como eu expliquei a minha presença ou minha câmera para ela, mas eu me lembro que ela não me fez nenhuma pergunta. Fiz cinco exposições, trabalhando cada vez mais perto, na mesma direção. Eu não perguntei o nome dela ou sua história. Ela me disse sua idade, que tinha trinta e dois anos. Ela me disse que eles tinham vivido de legumes congelados dos campos ao redor, e pássaros que as crianças matavam. Ela acabara de vender os pneus de seu carro para comprar comida. Lá, ela se sentou na tenda, com seus filhos reunidos em torno dela, e parecia saber que as minhas imagens poderiam ajudá-la, e então ela me ajudou. Havia uma espécie de igualdade nisso (LANGE, 1960, tradução nossa).³

³ I saw and approached the hungry and desperate mother, as if drawn by a magnet. I do not remember how I explained my presence or my camera to her, but I do remember she asked me no questions. I made five exposures, working closer and closer from the same direction. I did not ask her name or her history. She told me her age, that she was thirty-two. She said that they had been living on frozen vegetables from the surrounding fields, and birds that the children killed. She had just sold the tires from her car to buy food. There she sat in that lean- to tent with her children huddled around her, and seemed to know that my pictures might help her, and so she helped me. There was a sort of equality about it. Disponível em: <http://www.loc.gov/tr/print/list/128_migm.html>

Figura 1- Migrant Mother, de Dorothea Langer.



Fonte: Library of Congress/EUA

O resultado do projeto não foi o esperado pelo governo e as fotos tiveram que ser manipuladas a fim de esconder a pobreza e sofrimento da população. Como ponto positivo, o conjunto de fotografias criou uma nova estética, mais ligada ao documentarismo, nas quais as fotos são usadas para retratar um período da história.

1.2 A migração para a televisão e a chegada da internet

Antes do cinema, havia a fotografia. Entre todas as espécies de imagens, a fotografia era a mais rica em índices de realidade [...] Mas esse material tão semelhante ainda não o era suficiente; faltava-lhe o tempo, faltava-lhe uma transposição aceitável do volume, faltava-lhe a sensação de movimento, comumente sentida como sinônimo de vida [...] Enfim, suprema inversão, são imagens aquelas mesmas da fotografia que foram animadas por um movimento tão real, que lhe conferiu um poder de convicção inédito, mas do qual só o imaginário se beneficiou, já que, apesar de tudo, tratava-se de imagens (METZ, 2014, p. 28).

A tecnologia permitiu que as imagens ganhassem movimento, possibilitando a transição do sensacionalismo no jornalismo impresso para as telas da televisão, com a transmissão ao vivo da Guerra do Golfo, na década de 1990. O canal estadunidense de notícias CNN enviou vários repórteres para cobrir o evento, transformando a transmissão em uma novela, diariamente acompanhada de perto por milhares de pessoas, dando início às transmissões ao vivo nas redes de televisão, como escreve o professor José Arbex Jr.:

A televisão, com o seu aparato tecnológico cada vez mais aperfeiçoado, reivindica para si a capacidade de substituir com vantagem o olhar do observador individual. Diversas câmeras postadas em lugares distintos podem captar um número maior de imagens [...] com muitos mais detalhes e com maior precisão do que é facultado ao observador individual (ARBEX JR, 2001, p.103).

Se a televisão trouxe a possibilidade de múltiplos olhares, a internet propiciou mais rapidez nas divulgações de imagens e a transmissão de notícias de qualquer parte do mundo com mais facilidade e agilidade.

A internet tem início em 1957, com um projeto da ARPA (Agência de Projetos de Pesquisa Avançada), que fazia parte do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Sendo desenvolvido ao longo das décadas de 1960 e 1970, a ARPANET, como era chamado o projeto de troca de informações via computadores, foi sendo ampliada. Usada inicialmente pelos militares e por universidades, logo passou a ser usada pelo público.

De acordo com a pesquisadora Magaly Prado (2011), o jornalismo também se aproveitou da nova tecnologia criada. No começo dos anos 1970, as redações nos Estados Unidos começaram a se informatizar e a produzir conteúdo digital. Em 1972, além do e-mail, é criado um banco de dados para jornalistas. Os computadores foram ganhando mais potência, ainda mais depois do lançamento do primeiro computador da Apple em 1976, que trazia o microprocessador como novidade. Em 1978, o BBS (Bulletin Board Systems) é criado e tem-se o início das "comunidades virtuais" e um aumento nas notícias disponíveis na internet, que foi ainda ampliado com o lançamento do Windows, que permitiu a criação de um banco de notícias.

Apesar de todos os avanços da internet, a disseminação das notícias online esbarrava em um outro problema: a dificuldade do cidadão leigo em utilizar os recursos disponíveis. Em 1990, o Centre Européen pour Recherche Nucléaire (CERN) cria o famoso WWW (World Wide Web).

Por volta de 1990, os não iniciados ainda tinham dificuldades para usar a internet. A capacidade de transmissão de gráficos era muito limitada, e era difícil localizar e receber informações. Um novo salto tecnológico permitiu a difusão da internet na sociedade em geral: a criação de um novo aplicativo, a teia mundial (world wide web - www), que organizava o teor dos sítios da internet por informação, e não por localização, oferecendo aos usuários um sistema fácil de pesquisa para informações desejadas (PRADO, 2011, p.16).

Com essa nova facilidade, a partir dos anos 1990, os veículos de comunicação passaram a fazer mais coberturas pela internet, como no caso do ECO-92, onde CNN e Chicago Tribune se destacaram na cobertura online do evento. Em 1993, o San Jose Mercury foi o primeiro jornal do mundo a ter sua versão online.

No Brasil, a Agência Estado foi a primeira empresa de comunicação a ter um site próprio, em 1992, seguida pela Folha de S. Paulo e Jornal do Brasil, em 1995. Em 1996, o portal do site UOL é lançado, um ano após o lançamento do Brasil On-Line, do mesmo grupo, que já trazia notícias em tempo real. Um dos atrativos do UOL era suas salas de bate-papo, influenciadas pelo sucesso da plataforma de conversa online ICQ. Seguindo a linha dos jornais, as revistas também começaram a se digitalizar, apoiadas na segmentação como arma para atrair o público.

Outro marco da internet aconteceu em 1995, quando Larry Page e Sergey Brin lançaram o Google. A página de pesquisa fez tamanho sucesso que virou até verbo em 1996, quando o Merriam-Webster's Collegiate Dictionary incluiu a marca em sua edição impressa.

Com um aumento no número de internautas, em 2001 surge o Wikipedia, enciclopédia onde as informações são produzidas pelos próprios usuários. Dois anos depois começam a surgir as redes sociais, primeiro com o My Space em 2003, seguido de Orkut e Facebook em 2004 e Twitter em 2006. Em 2005, é criado também o YouTube, permitindo aos usuários divulgar vídeos pela internet. O sucesso da plataforma, comprada depois pelo Google, foi tão grande, que após dois anos em funcionamento, o YouTube teve um crescimento de 1972% em sua audiência.

De acordo com Buitoni (2011), tanto a fotografia como o vídeo se adequam aos conceitos representativos do suporte no qual estão inseridos e à linguagem e características do novo meio.

O vídeo instaurou novas modalidades de funcionamento do sistema de imagens. Os vídeos 'transplantados' para a Internet trazem a característica de fragmentação de velocidade, de descentramento, qualidades que, em muitos casos foram aumentadas pelas possibilidades das tecnologias digitais. De um lado, vemos uma transposição pura e simples de um recurso para outro suporte: assim nos sites de grandes jornais

há a reprodução de pequenos vídeos jornalísticos já veiculados na televisão ou a produção própria de vídeos que também seguem exatamente o mesmo padrão convencional (BUIIONI, 2011, p, 173).

O sensacionalismo se aproveitou da tecnologia para fazer a transição entre os diferentes tipos de veículos de comunicação. Buscando compreender melhor esse fenômeno, sua definição será estudada mais profundamente no capítulo a seguir.

2 SENSACIONALISMO E VIOLÊNCIA

2.1 Sensacionalismo

O dicionário Aurélio define Sensacionalismo como: Caráter ou qualidade de sensacional; Divulgação de notícias exageradas ou que causem sensação; Doutrina ou teoria em que todas as ideias são derivadas unicamente da sensação ou das percepções dos sentidos. Para o jornalista Danilo Angrimani (1995, p.16), "sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento".

As notícias sobre mortes e violência, facilmente encontradas em jornais sensacionalistas, podem ser chamadas de *fait divers*:

O fait divers, como informação auto-suficiente, traz em sua estrutura imanente uma carga suficiente de interesse humano, curiosidade, fantasia, impacto, raridade, humor, espetáculo, para causar uma tênue sensação de algo vivido no crime, no sexo e na morte. Consequentemente, provoca impressões, efeitos e imagens [...]. A intenção de produzir o efeito de sensacionalismo no *fait divers* visa atrair o leitor pelo olhar na manchete que anuncia um acontecimento produzido, jornalística ou discursivamente, para ser consumido ou reconhecido como espetacular, perigoso, extravagante, insólito, por isso, atraente (PEDROSO apud ANGRIMANI, 1995, p. 26).

Para chamar a atenção do público, uma notícia sensacionalista costuma vir acompanhada de títulos chamativos. O jornalista Ramão Gomes Portão (1972), que trabalhou durante anos no jornal *Notícias Populares*⁴, diz que a linguagem de uma notícia sensacionalista deve ser simples, visando a facilitar o entendimento do leitor. O uso de apelidos para os criminosos também é uma maneira usada para que as manchetes tenham mais impacto e sejam lembradas mais facilmente pelo público. Assim tivemos o Bandido da Luz Vermelha, o Maníaco do Parque, entre outros.

Nesse gênero de jornalismo, o mais importante é a manchete, que faz o leitor ou telespectador ler ou assistir (comprar) apenas por atração, por sensação, por impacto, por curiosidade despertada, uma vez que o desenvolvimento da matéria não acrescentará nada além daquilo que já foi anunciado. Ao contrário do jornalismo sério, o sensacionalista se presta a informar mais para satisfazer as necessidades instintivas do público, por meio de formas sádicas e espetaculares, expondo pessoas ao ridículo. As matérias têm o tempo e a duração que forem

⁴ Jornal paulista que circulou entre 1963 e 2001, sendo famoso por suas notícias sensacionalistas.

necessários, desde que mantenham o receptor interessado naquilo que é mostrado, garantindo a audiência (PATIAS in COELHO; CASTRO, 2006, p. 82).

Para transportar o telespectador/leitor para perto dos acontecimentos, a linguagem além de simples, é carregada de emoção. As imagens costumam ser fortes. Se há um acidente com vítimas, é preciso mostrar os cadáveres, a família chorando e contando suas trágicas histórias etc. O público tem que se emocionar e se sensibilizar com o que está sendo contado. Todos os detalhes, por mais mórbidos que pareçam, precisam ser narrados, de preferência pelo assassino ou criminoso.

A narrativa (sensacionalista) transporta o leitor; é como se ele estivesse lá, junto ao estuprador, ao assassino, ao macumbeiro, ao sequestrador, sentindo as mesmas emoções. Essa narrativa delega sensações por procuração, porque a interiorização, a participação e o reconhecimento desses papéis, tornam o mundo da contravenção subjetivamente real para o leitor. A humanização do relato faz com que o leitor reviva o acontecimento como se fosse ele o próprio autor do que está sendo narrado (PEDROSO apud ANGRIMANI, 1995, p.17).

O Brasil iniciou tardiamente o uso de *fait divers* nos jornais, sendo encontradas diversas ocorrências em publicações no final do século XIX e começo do século XX. Jornais como Correio Paulistano, Diário Popular e até mesmo O Estado de S. Paulo, mantinham uma seção dedicada exclusivamente à publicação desse tipo de notícia. O jornal que mais se destacava era A Gazeta, lançado em 1906 e que apresentava sua seção de *fait divers* logo na primeira página, sendo que em muitas ocasiões, as notícias sensacionalistas se espalhavam por todo o jornal.

A publicação que se tornou mais conhecida como imprensa amarela, no entanto, foi o Notícias Populares. Criado em 1963, por Jean Mellé e Herbert Levy, o NP, como era conhecido, ficou famoso por seu conteúdo sensacionalista. O caso mais famoso noticiado foi o do bebê diabo. Em 1975, uma mulher deu à luz a um bebê com prolongamento de cóccix e com duas saliências na testa, que poderiam ser removidos facilmente com uma cirurgia. Mas o jornal aproveitou a história e criou a lenda do menino diabo, que já nascera falando e ameaçando a mãe de morte. Vendo um aumento na vendagem dos jornais, o NP deu destaque à notícia por 27 dias, dezesseis deles como manchete principal.

Portão (1972) relata que no caso do jornal Notícias Populares, as notícias policiais eram bem detalhadas. Se havia um assassinato, os vizinhos eram ouvidos e a cena era descrita da maneira mais

real possível. "O leitor quer saber de tudo. Interessa-se pelo detalhe, como se tratasse de bisbilhotices de comadres para conhecimento amplo" (PORTÃO in MELO, 1972, p.28).

Notícias e veículos sensacionalistas são comumente vistos com desconfiança e têm sua credibilidade comprometida. O jornalista Alberto Dines (1972, p.14) defende um melhor uso da palavra sensacionalista, a qual prefere chamar de "popular". "Todo processo de comunicação é sensacionalista pois ele fundamentalmente mexe com sensações tanto física (sensoriais) como psíquicas". Para o autor, o lead é um exemplo de sensacionalismo. É através da manchete que o veículo de comunicação irá chamar a atenção do público, seja qual for o tema abordado, sensacionalista ou não.

Dines (1972) ainda classifica o sensacionalismo em três grupos:

- gráfico, quando há o uso de letras garrafais e apelativas. "Para conceituar didaticamente, poderíamos dizer que sensacionalismo gráfico consiste no dessincronismo entre a importância do fato e a ênfase visual", define o autor;
- linguístico, quando uma história não totalmente verdadeira é mostrada como se fosse. Para o jornalista, nesse tipo de sensacionalismo a falta de ética é muito encontrada;
- temático, cuja principal preocupação do autor com esse grupo é a falta de moral. De acordo com Dines, os jornalistas se esquecem que há pessoas por trás das histórias e que elas podem ser prejudicadas pela exposição excessiva da mídia. O caso mais emblemático dessa situação ocorreu com a história da Escola Base, na qual os proprietários de uma escola infantil foram falsamente acusados de molestar sexualmente os alunos. Após serem perseguidos pela população, influenciada pelas notícias vistas na mídia, os acusados jamais se recuperaram dos danos psicológicos causados e seus nomes ficaram associados a esse caso, dificultando qualquer tentativa de recomeçar uma nova vida.

Um caso de sensacionalismo recente pôde ser visto no caso do acidente sofrido pelo piloto Jules Bianchi no Grande Prêmio do Japão de Fórmula 1, realizado no dia 05 de outubro de 2014. Bianchi aquaplanou na pista e atingiu um trator que retirava o carro de outro piloto da área de escape a 200km/h. A *Formula One Management* (FOM), empresa responsável pela transmissão oficial das imagens da categoria para todas as emissoras do mundo, se recusou a divulgar as imagens do acidente, por achar que elas eram fortes demais. Os veículos de comunicação,

insatisfeitos com a recusa, buscaram outras formas de obter fotos ou imagens do acidente. A primeira foto publicada mostra o carro retorcido debaixo do trator.

Figura 2- Jules Bianchi sofre acidente durante GP do Japão.



Fonte: formule1nieuws.nl/ Globoesporte⁵

Horas depois, uma foto do piloto dentro do carro, mas ainda com o capacete foi obtida.

Figura 3- Jules Bianchi recebe atendimento médico após sofrer acidente.



Fonte: formule1nieuws.nl/ Globoesporte⁶

⁵ Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/motor/formula-1/noticia/2014/10/fia-pede-investigacao-urgente-sobre-causas-do-acidente-de-jules-bianchi.html>>. Acesso em: 07 out. 2014

⁶ Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/motor/formula-1/noticia/2014/10/fia-pede-investigacao-urgente-sobre-causas-do-acidente-de-jules-bianchi.html>>. Acesso em: 07 out. 2014

Abusando do sensacionalismo, a próxima fotografia que a imprensa conseguiu mostra o piloto sendo atendido pela equipe médica dentro do carro, mas dessa vez sem o capacete. Alguns sites de notícias chegaram a alertar o público sobre a violência das fotos, advertência abandonada após algumas horas.

Figura 4- Jules Bianchi recebe tratamento ainda na pista em Suzuka.



Fonte: formule1nieuws.nl/ Globoesporte⁷

Se não bastassem as fotos, a mídia conseguiu um vídeo filmado por um espectador, mostrando o exato momento da batida, que foi amplamente divulgado. Embora as fotos do piloto sendo atendido no carro não possam ser consideradas violentas, são desrespeitosas com a família que via a foto de seu ente querido inconsciente após um grave acidente sendo capa de jornais e sites ao redor do mundo.

O mesmo desrespeito com os familiares das vítimas aconteceu durante a cobertura da queda do avião da Malaysia Airlines, na Ucrânia, no dia 17 de julho de 2014. O portal globo.com acabou publicando uma galeria de fotos dos destroços do avião, tendo como primeira imagem uma foto onde era possível ver cerca de seis corpos de vítimas. A imagem acabou sendo retirada do site algumas horas depois.

Se a Globo logo apagou da galeria de fotos uma imagem do acidente com o voo MH17 onde corpos eram mostrados, a emissora russa LifeNews colocou um repórter para transmitir as últimas

⁷ Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/motor/formula-1/noticia/2014/10/fia-pede-investigacao-urgente-sobre-causas-do-acidente-de-jules-bianchi.html>>. Acesso em: 07 out. 2014

informações sobre o acidente com o avião da Malaysia Airlines ao vivo. Ao fundo, imagens dos destroços do avião e dos corpos das vítimas eram exibidos, como pode ser visto nas imagens a seguir:

Figura 5- Televisão russa mostra corpos de vítimas da queda do voo MH17 na Ucrânia.



Fonte: Lifenews⁸

Figura 6- Televisão russa mostra corpos de vítimas da queda do voo MH17 na Ucrânia.



Fonte: Lifenews⁹

⁸ Disponível em: <<http://lifenews.ru/news/136823>>. Acesso em: 25 set. 2014.

⁹ Disponível em: <<http://lifenews.ru/news/136823>>. Acesso em: 25 set. 2014.

A emissora teve a oportunidade de editar o conteúdo, mas preferiu mostrá-lo mesmo assim, exibindo com orgulho a palavra "exclusivo" no alto da tela. As imagens podem ser facilmente encontradas na internet ou no canal da emissora no Youtube. Em outra reportagem, um oficial do exército carrega nas mãos alguns passaportes encontrados no local e começa a mostrá-los para o repórter, exibindo o nome e a foto dos falecidos.

No caso do acidente na Ucrânia, todos os veículos de comunicação tiveram acesso ao local da queda antes do local ser isolado pelas autoridades e puderam filmar livremente. A conduta dos jornalistas, no entanto, foi duramente criticada pelo público, acusando-os de desrespeitar as famílias e as próprias vítimas, ao mexer em suas bagagens. Um dos criticados foi o repórter Colin Brazier, da emissora britânica Sky News. A Sky não queria mostrar os corpos das vítimas e sem ter para onde apontar a câmera, decidiu mostrar algumas bagagens espalhadas pelo chão, que poderia contar um pouco mais da história de seus donos. Ao ver uma garrafa rosa, o repórter se lembrou de sua filha, que tinha uma igual. Sem pensar, pegou a garrafa nas mãos, além de alguns outros itens da mala. Ao perceber o erro, Brazier pediu desculpas ao vivo e disse que o que estava fazendo era errado. Ele não foi o único jornalista a mexer nos pertences das vítimas, mas condenou esse tipo de ação em declaração ao jornal The Guardian: "Bom jornalismo precisa de muitas coisas e a empatia, que eu espero que eles tenham encravado em mim, é uma delas. Mas também é entender os limites da decência e gosto. E de tempos em tempos nós erramos" (tradução nossa).¹⁰

2.2 Violência

O dicionário Aurélio define violência como: o estado daquilo que é violento; ato violento; ato de violentar; veemência irascibilidade; abuso da força; tirania; opressão; constrangimento exercido sobre alguma pessoa para obrigá-la a fazer um ato qualquer; coação.

O filósofo francês Yves Michaud (1944-) estudou a etimologia do termo no livro "Violência"(1989). Violência remete a *violentia*, que significa violência, caráter violento ou força. O verbo *violare* significa tratar com violência, profanar, progredir. Também pode-se referir à violência usando o termo *vis*, que significa força, vigor, potência, emprego de força física. Tanto no latim quanto no grego, o núcleo da palavra que dá significado ao termo violência tem o mesmo sentido.

¹⁰ Good journalism takes many things and the empathy I hope they have wrought in me is one of them. But so is understanding the boundaries of decency and taste. And from time to time, we screw up.

Para onde quer que nos voltemos, encontramos, portanto no âmago da noção de violência a ideia de uma força, de uma potência natural cujo exercício contra alguma coisa ou contra alguém torna o caráter violento. [...] Tal força, virtude de uma coisa ou de um ser, é o que é, sem consideração de valor. Ela se torna violência quando passa da medida ou perturba uma ordem (MICHAUD, 1989, p.8).

Outras definições de violência podem ser aplicadas, como por exemplo, a definição usada pelo cientista político Harold L. Nieburg (1927-2001), que diz que a violência é "uma ação direta ou indireta, destinada a limitar, ferir ou destruir as pessoas ou os bens" (NIEBURG apud MICHAUD, 1989, p.10). Diante de tantas possibilidades de definição, Michaud chega a seguinte conclusão:

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais (MICHAUD, 1989, p.10-11).

A definição descrita acima é apenas uma tentativa de se definir, o que o próprio autor descreve como imprevisível e sujeito a diversos pontos de vista. Temos as definições institucionais, jurídicas, sociais e até mesmo pessoais. Os conceitos de violência devem também respeitar o período em que são estudados. A violência da sociedade no século XVIII não pode ser comparada com a violência na sociedade atual, devido às mudanças comportamentais ocorridas desde então. Outro ponto a ser considerado, mesmo em relação à sociedade moderna, são os critérios adotados em cada cultura para definir o que é considerado violência.

Outro fator que impede uma melhor compreensão da violência em uma sociedade é a dificuldade de se obter dados precisos. Os registros dos índices da violência só começaram a ser coletados de maneira mais sistemática há pouco tempo. Dados sobre assassinatos e assaltos no século XVIII, por exemplo, são raros ou incompletos. Mesmo quando as estatísticas já eram mais presentes na sociedade, há muitos casos de dados manipulados, com o intuito de se esconder, por exemplo, o número de mortos em uma determinada guerra.

A violência também pode vir na forma de repressão, vinda do governo de um país. No Brasil tivemos o caso da ditadura militar, que instaurou um governo opressor. Para Michaud (1989), a eficiência de um governo ditatorial reside em sua clandestinidade. É preciso que as pessoas tenham medo de serem levadas a centros de torturas. Para o autor, as torturas praticadas nesse tipo de governo tem um único objetivo.

O resultado é o mesmo: a atomização do campo social, o desaparecimento da vida pública, a desconfiança e o medo entre os cidadãos, o recuo angustiado sobre si mesmo. O terrorismo de Estado pratica em escala industrial a política que Aristóteles atribuía ao tirano e chega ao mesmo resultado: a despolitização da vida (MICHAUD, 1989, p.58).

É o que aconteceu durante o protesto de funcionários públicos professores no dia 29 de abril de 2015, em Curitiba. Ao tentar chegar na Assembleia Legislativa, onde um projeto de lei seria votado, os manifestantes foram recebidos com violência pela polícia, deixando um saldo de cerca de 200 feridos. Um cinegrafista da rede Bandeirantes chegou a ser atacado por um cachorro da raça pitbull da polícia enquanto filmava a saída dos deputados do local da votação.

A repressão policial também foi usada para conter manifestações durante a Copa do Mundo, disputada no Brasil em 2014. Em 13 julho de 2014, dia do jogo final, um grupo de manifestantes foi cercado em uma praça no Rio de Janeiro e impedidos de sair do perímetro. A partir daí, os policiais começaram a agredir o grupo e os jornalistas que estavam no local, lançando bombas de gás lacrimogênio e de pimenta. A jornalista freelance Ana Carolina Fernandes contou à BBC Brasil como foi agredida pela polícia: "Na confusão das bombas de gás eu caí e a tropa de choque começou a passar por cima de mim. Aí veio um policial e se abaixou; eu achei que ele ia me ajudar mas ele abriu a minha máscara de gás e jogou spray de pimenta no meu olho".

2.2.1 Suplícios, linchamentos e a perda do senso comum

A tortura e o uso da violência já eram encontrada nos rituais de suplícios a que eram submetidos os condenados por crimes no século XVIII. O comando da execução da pena vinha da monarquia francesa, que via na tortura uma forma de demonstrar poder.

A intensidade e a ferocidade da repressão estão na verdade ligadas à vontade do Estado de afirmar sua supremacia e seu monopólio de poder. Nesse sentido, a ascensão do Estado moderno desde o final da Idade Média se fez através da destruição dos particularismos e da organização brutal da vida social: o chicote e o patíbulo foram os principais símbolos do Estado moderno (MICHAUD, 1989, p. 28).

Nessa época, os condenados eram torturados com crueldade e sua execução era feita em praça pública para que a população pudesse acompanhar de perto. O sofrimento do condenado era

calculado de acordo com o crime cometido, podendo ser uma morte rápida ou o sofrimento por várias horas, como relata o filósofo Michel Foucault:

Além disso, o suplício faz parte de um ritual. É um elemento na liturgia punitiva, e que obedece a duas exigências. Em relação à vítima, ele deve ser marcante: destina-se, ou, pela cicatriz que deixa no corpo, ou pela ostentação de que se acompanha, a tornar infame aquele que é sua vítima; o suplício, mesmo se tem como função 'purgar' o crime, não reconcilia; traça em torno, ou melhor, sobre o próprio corpo do condenado sinais que não devem se apagar. [...] E pelo lado da justiça que o impõe, o suplício deve ser ostentoso, deve ser constatado por todos, um pouco como seu triunfo. O próprio excesso das violências cometidas é uma das peças de sua glória: o fato de o culpado gemer ou gritar com os golpes não constitui algo de acessório e vergonhoso, mas é o próprio cerimonial de justiça que se manifesta em sua força (FOUCAULT, 2013, p.36).

Com o passar dos anos, o suplício acabou sendo abrandado após apelos não só da população, como também de juristas, que pediam que o criminoso fosse punido ao invés de vingado.

Fazer da punição e da repressão das ilegalidades uma função regular, coextensiva à sociedade; não punir menos, mas punir melhor; punir talvez com uma severidade atenuada, mas para punir com mais universalidade e necessidade; inserir mais profundamente no corpo social o poder de punir (FOUCAULT, 2013, p.79).

Foucault lembra que o sistema jurídico deve cobrir todas as ilegalidades, para que não haja exceção que leve a comportamentos violentos. "A esperança da impunidade não pode se precipitar no silêncio da lei", diz o pensador francês (2013, p.94). É o caso dos linchamentos no Brasil, que vem ganhando mais destaque na mídia. Uma pesquisa feita pelo jornal G1, da Globo, apurou 50 casos que foram noticiados na mídia só no primeiro semestre de 2014. O que torna mais difícil o impedimento desse tipo de situação é a falta, na legislação brasileira, de uma lei específica que trate desse tipo de crime. O fato da violência não receber a punição adequada faz crescer ainda mais os índices criminais, como atesta o cientista social José de Souza Martins, depois de uma extensa pesquisa sobre linchamentos praticados no Brasil. Para os pesquisador (2015), a prática de linchar uma pessoa é a continuação da sentença da pena de morte, abolida no Brasil na época do Império e serve para mostrar seu desacordo com as violações das normas de conduta tradicionais.

Os participantes de um linchamento anunciam em sua ação coletiva um imaginário social referido ao primado da ordem e não ao primado da ruptura e da desordem. Nela anunciam sua interpretação do que a sociedade deveria ser mas não é. Ou deveria continuar sendo, se é que alguma vez o foi. O ato de linchar é uma tentativa

de "consertar" a sociedade para colocá-la no rumo da sociedade imaginada (MARTINS, 2015, p.65).

Para Martins (2015), os casos de linchamentos são uma forma de quebra de confiança da população no Estado.

Trágica expressão do divórcio entre o legal e o real que historicamente preside os impasses da sociedade brasileira, divórcio entre o poder e o povo, entre o Estado e a sociedade. Os linchamentos, de certo modo, são manifestações de agravamento dessa tensão constitutiva do que somos. Crescem numericamente quando aumenta a insegurança em relação à proteção que a sociedade deve receber do Estado, quando as instituições não se mostram eficazes no cumprimento de suas funções, quando há medo em relação ao que a sociedade é e ao lugar que cada um nela ocupa (MARTINS, 2015, p.11).

Isso pode ser visto nos comentários feitos na página do jornal online Extra, que tem seu conteúdo divulgado pelo portal da Globo na internet. Em uma matéria, que trazia a notícia do linchamento até a morte de um assaltante em São Luís (MA), ocorrida no dia 07 de julho de 2015, a maioria se mostrava favorável ao ato praticado pelos transeuntes no Maranhão, citando o descaso da polícia em resolver crimes e a justiça, que não aplicaria a pena que a maioria acha devida, como justificativa para tomar atitudes como essa. O excerto a seguir mostra algumas opiniões dadas pelo público, que apoiados pelo anonimato, fazem declarações de ódio:

Figura 7 - Homem é linchado até a morte em São Luís (MA)



Fonte: Jornal Extra¹¹

¹¹ Disponível em: <<http://extra.globo.com/casos-de-policia/assaltante-amarrado-em-poste-espantado-ate-morte-por-pedestres-em-sao-luis-16686215.html>>. Acesso em: 07 jul. 2015.

Figura 8- Quadro de comentários sobre notícia de espancamento até a morte de assaltante em São Luís.

<p>Romeu há 14 dias</p>	<p>Muito bem justiça com as próprias mãos. Agora me digam porque a polícia não trabalha bem? Simples o governo finge que paga e a polícia finge que trabalha. E quanto ao ladrão político, ninguém vai fazer nada? Esse sim merecia a união da sociedade para retirá-lo do comando da nação. Pois se a ordem e desenvolvimento vai mal, é culpa dos maus políticos. Esse sim merecia pena de morte. Se não existisse tanto ladrão no poder poder, o Brasil era um país de ordem e uma super potência.</p> <p>▶ DENUNCIAR COMENTÁRIO</p>
<p>BETOCUNHA há 14 dias</p>	<p>O POVO CANSOU,A POLICIA PRENDE EM POUCOS DIAS ELES DE VOLTA AS RUAS.AGREDINDO ESTUPRANDO, ESPANCANDO ATÉ OS PAIS. ROUBANDO TRAFICANDO, " O POVO NÃO AGUENTA MAIS ". ESSE DEVERIA SER O TÍTULO DA MATÉRIA.</p> <p>▶ DENUNCIAR COMENTÁRIO</p>
<p>TIGRESA há 14 dias</p>	<p>IMAGENS FORTE?? ONDE?? VI NADA DEMAIS.</p> <p>▶ DENUNCIAR COMENTÁRIO</p>
<p>Tricolor há 14 dias</p>	<p>Estamos precisando muito aprender com os moradores de São Luis. O rio de janeiro precisa de vcs!!!</p> <p>▶ DENUNCIAR COMENTÁRIO</p>

Fonte: Jornal Extra¹²

De acordo com a teórica política Hannah Arendt (2014), essas reações são naturais quando se tem seu senso de justiça ofendido.

Recorrer à violência em face de eventos ou condições ultrajantes é sempre extremamente tentador em função de sua inerente imediação e prontidão. Agir com rapidez deliberada é contrário à natureza da raiva e da violência, mas não os torna irracionais. Pelo contrário, tanto na vida privada quanto na vida pública há situações em que apenas a própria prontidão de um ato violento pode ser um remédio apropriado. O ponto central não é que isso, nos permite desabafar — o que poderia igualmente ser feito dando-se uma pancada na mesa ou batendo-se a porta. O ponto é que, em certas circunstâncias, a violência — o agir sem argumentar, sem o discurso ou sem contar com as consequências — é o único modo de reequilibrar as balanças da justiça (ARENDR, 2014, p. 82).

¹² Disponível em: <<http://extra.globo.com/casos-de-policia/assaltante-amarrado-em-poste-espancado-ate-morte-por-pedestres-em-sao-luis-16686215.html>>. Acesso em: 07 jul. 2015.

A agressão e a violência podem ser entendidas também do ponto de vista neurofisiológico, que seria dividida por especialistas em agressão mesenfálica, que seria a violência desencadeada pela irritabilidade ou pelo medo e a agressão diencefálica, que está associada com as interações de elementos simbólicos, históricos e passionais.

Estudos realizados por neurofisiologistas desde os anos 1970 mostram que estímulos no hipocampo podem desencadear crises de agressão. Já quando o córtex frontal é estimulado, há sorrisos e cordialidade como resultado. A prova dessas pesquisas está nos remédios existentes hoje que controlam a agressividade. Os pesquisadores procuram responder também se a agressividade é algo natural, já que estudos feitos em animais mostram que é possível desenvolver comportamentos agressivos após treinamento, mas não se sabe se é preciso ter a agressividade nata para que o treinamento seja efetivo.

Os estudos da psicologia geral da agressividade tentam responder essas questões. Nas pesquisas, foram observados que certos estímulos desenvolvem a agressividade. Esses estímulos podem ser o calor ou o barulho, por exemplo.

A tese central de J. Dollard é de que a primeira e típica reação à frustração (definida como o estado de um sujeito para quem estão proibidas as respostas adequadas os estímulos que ele recebe) é a agressão. Esta varia em proporção direta com a força de instigação à resposta frustrada, com o grau de interferência com a resposta frustrada e com o número de respostas frustradas. [...] A agressão é em suma uma catarse da frustração (MICHAUD, 1989, p.79).

Para provar essa teoria foram feitos testes com bebês, medindo a intensidade da raiva dos infantes diante da privação de uma certa quantidade de leite. Essas descobertas acabaram sendo ampliadas para outros aspectos da vida, para explicar a agressividade na sociedade.

Outro experimento, realizado pelo psicólogo social Stanley Milgram em 1961, mostra como as pessoas obedecem cegamente a ordens, mesmo que isso traga o sofrimento alheio. No teste, Milgram recrutou voluntários, que ficariam sob o comando de um cientista. Eles teriam que aplicar choques elétricos, que variavam de 15 a 300v, cada vez que um outro participante errasse uma questão. Os voluntários que aplicavam os choques (que eram fictícios) não conseguiam ver as pessoas que recebiam as punições, mas podiam ouvir seus gritos.

O que espantou os pesquisadores é que ninguém se negou a participar da experiência, mesmo ciente de que infringiria dor a uma outra pessoa. E mesmo afirmando que parariam de dar choques quando estes se tornassem dolorosos ou perigosos, 60% foram até o fim da experiência, aplicando os choques mais pesados, afirmando que só faziam isso pelo bem da ciência. O teste foi

refeito em 2006 pelo psicólogo estadunidense Jerry Burger, em parceria com a emissora ABC e os resultados, divulgados na revista *American Psychologist*, foram os mesmos alcançados por Milgram.

Para mostrar como o ser humano pode se tornar violento, a artista sérvia Marina Abramovic filmou em 1974, uma performance intitulada *Rhythm 0*, em uma galeria de arte. Durante seis horas, a artista ficou imóvel em uma sala, em frente a uma mesa com 72 objetos, que iam desde uma rosa até uma arma. O público poderia fazer o que quisesse com a artista usando os objetos na mesa. No começo, os participantes, receosos, levantavam seus braços ou a beijavam. Depois de três horas e vendo que não havia reação por parte de Marina, o público arrancou suas roupas e a cortou com uma lâmina, além de a espartar com os espinhos de uma rosa. Um espectador chegou a colocar a arma na mão dela e a apontou para a cabeça da artista, querendo ver se Marina atiraria em si mesma.

Figura 9- Imagens da performance *Rhythm 0*.



Fonte: art21.org¹³

¹³ Disponível em: <<http://www.art21.org/images/marina-abramovic/rhythm-0-1974>>. Acesso em 23 jul. 2015.

Quando o tempo se esgotou e Marina começou a andar em direção ao público, os participantes saíram correndo. A artista relata que, enquanto não era vista como humana pelo público, era mais fácil agredi-la. Quando o experimento acabou e ela pode voltar a ser uma pessoa, os espectadores não tiveram coragem de encará-la.

A conclusão que se pode chegar após esses experimentos é que superestimamos nossa autonomia. No caso da violência, não há garantia de uma que vez que comecemos a agredir uma outra pessoa, que iremos parar a tempo de impedir consequências graves. Outra lição apreendida com o teste de Milgram é a obediência cega à autoridade. No experimento, quando estavam sendo comandados por cientistas, os participantes obedeciam todas as ordens dadas, mas quando eram regidos por universitários ao invés dos cientistas, os voluntários desobedeciam aos comandos assim que ouviam os gritos de dor. O teste foi feito um ano depois do julgamento de Adolf Eichmann e visava descobrir se os alemães poderiam mesmo obedecer cegamente às ordens de superiores. Durante a Segunda Guerra Mundial, o governo nazista alemão foi o responsável pelo extermínio de milhões de judeus. O responsável pelo departamento de Emigração do governo de Hitler e quem assinava as listas com os judeus a serem deportados aos campos de extermínio era Adolf Eichmann. Capturado em Buenos Aires, Eichmann foi levado para Jerusalém para ser julgado e afirmava que não era culpado pelas mortes, já que estava apenas obedecendo ordens. A teórica política Hannah Arendt cobriu o julgamento como correspondente da revista *The New Yorker* e causou polêmica com seus artigos.

O principal ponto de polêmica foi a imagem que Arendt tinha de Eichmann. Descrito como um monstro, Arendt não conseguia ver naquele burocrata sentado atrás de uma cabine de vidro na corte israelense o monstro que todos enxergavam. Para a teórica, Eichmann era apenas um sujeito ordinário, incapaz de pensar e cujo maior erro foi cumprir ordens sem questionar. Para Arendt, Eichmann não teria agido sem consciência, mas não foi capaz de pensar no que estava prestes a fazer. Pensar, segundo a teórica, talvez não fosse a palavra mais adequada, mas sim refletir. Reflexão que faltou aos líderes do regime nazista.

O maior medo da teórica era o que o nazismo fizesse surgir pessoas sem intenção e sem reflexão. A banalidade do mal, termo usado por Arendt, não diz respeito ao número de pessoas assassinadas, mas pela maneira que tais atos foram realizados como se fossem tarefas simples do cotidiano. Os oficiais responsáveis viram as ordens de enviar milhões de judeus para um campo de extermínio como mais uma tarefa burocrática do escritório.

Foi assim que Raul Hilbert, o maior dos historiadores do Holocausto, entendeu essa missão quando repetiu muitas vezes que a máquina de genocídio nazista não diferia em sua estrutura da organização 'normal' da sociedade alemã: era a mesmíssima sociedade desempenhando um de seus papéis 'normais', cotidianos. O teólogo Richard Rubenstein lembrava a quem quisesse ouvi-lo que - da mesma forma que higiene corporal, ideias filosóficas sutis, obras de arte refinadas e músicas maravilhosas - a servidão, a guerra, a exploração e os campos de concentração também eram atributos banais da civilização moderna (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 45-46).

Para Arendt, a banalização da violência é produto da falta de confiança da população no governo.

A vida dos povos, segundo Montesquieu, é regida por leis e costumes; [...] As leis estabelecem o âmbito da vida pública política, e os costumes, o âmbito da sociedade. A queda das nações começa com o enfraquecimento da legalidade, seja por abuso do governo no poder, seja porque a autoridade da fonte dessas leis se torna duvidosa e questionável. Nos dois casos, as leis deixam de ser consideradas válidas. Daí resulta que a nação, junto com a "crença" em suas próprias leis, perde a capacidade de ação política responsável; as pessoas deixam de ser cidadãos no sentido pleno do termo (ARENDDT, 2008, p. 338).

Arendt acreditava que a sociedade havia perdido o senso comum e a necessidade de compreensão. O senso comum é, segundo a pesquisadora (2008, p. 338-339) o "saber herdado que todos os homens compartilham em qualquer dada civilização." São as normas de convivência que determinam se é correto ou não linchar uma pessoa até a morte.

A principal distinção entre lógica e senso comum é que este pressupõe um mundo comum em que todos nós cabemos, onde vivemos juntos porque possuímos um senso que controla e ajusta todos os dados sensoriais estritamente particulares aos de todos os outros; ao passo que a lógica e toda a evidência com que procede o raciocínio lógico podem alegar uma confiabilidade totalmente independente do mundo e da existência de outras pessoas (ARENDDT, 2008, p.341).

E para piorar ainda mais a situação, os casos de "justiça com as próprias mãos" acabam tendo um destaque cada vez maior na mídia. Só no período de 07 a 16 de julho de 2015, pelo menos três casos de linchamento foram destaque nos portais jornalísticos do país, todos com vídeos feitos pelo público, que é incentivado pelos veículos de comunicação a mandar suas imagens para publicação.

3 WEBJORNALISMO, REDES SOCIAIS E JORNALISMO COLABORATIVO

Se por um lado a internet propicia uma maior velocidade na propagação de notícias, por outro, faz com que muitas imagens violentas acabem sendo publicadas sem a devida edição. Não é raro vermos notícias sendo corrigidas após a publicação nas edições online, culpa da pressa por dar a notícia primeiro.

Para a atividade jornalística, a velocidade é cada vez mais importante. A notícia é, por sua própria natureza, uma mercadoria altamente perecível, torna-se antiga no instante mesmo de sua divulgação, especialmente em um mundo interconectado por satélites e bombardeado, a cada segundo, por uma imensa montanha de novos dados. Daí a importância que o furo, a prerrogativa de ter sido o primeiro veículo a informar, adquire para as empresas de comunicação. Paradoxalmente, não importa se o furo será mesmo visto ou lido, ou muito menos compreendido pelos telespectadores e leitores, mas sim o fato de que uma empresa possa afirmar que ela foi mais rápida e eficaz do que as outras (ARBEX JR, 2001, p. 88-89).

Uma pesquisa alarmante, feita pela revista Columbia Journalism Review e publicada na edição de março de 2010, mostra que o conteúdo online não é tão rigorosamente editado como nas versões impressas.

Figura 10- Capa da edição de março/10 da revista Columbia Journalism Review.



Fonte: Columbia Journalism Review¹⁴

¹⁴ Disponível em: <http://www.cjr.org/resources/magazines_and_their_websites/index.php>. Acesso em: 27 jan. 2015.

Quase metade dos entrevistados na pesquisa disseram que suas normas de edição são mais baixos para o conteúdo online em comparação com o impresso. A pressa em colocar a notícia nos portais no menor tempo possível pode afetar a qualidade e a confiabilidade das informações divulgadas.

No jornalismo atual, e principalmente o que é oferecido na internet, o tempo de produção de informações é distinto do que era há duas ou três décadas. O intervalo entre o acontecimento e a distribuição do seu relato está muito menor, pois sites e portais querem dar a notícia antes da TV e do rádio. Com prazos vencendo antes, os jornalistas e meios de comunicação precisam ser mais eficientes, ágeis e versáteis. As etapas de produção de notícia não mudaram e, na prática, isso obriga a escolher entre ser altamente competente ou queimar algum estágio desse processo (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 98).

É o que aconteceu com uma reportagem exibida no jornal EPTV Sul de Minas, que foi veiculada no dia 05 de dezembro de 2014. O vídeo mostra o atropelamento de um motociclista por um caminhão após uma discussão de trânsito. As imagens, captadas por uma câmera de segurança, mostram o caminhão passando por cima do motociclista e o sangue jorrando no canto inferior da tela, além da mancha de sangue deixada no asfalto após a passagem do veículo. Outras imagens mostram o corpo do motociclista coberto com um plástico preto, tendo em sua volta pedaços de um substância não identificada, mas que pela natureza do acidente, deve se tratar de pedaços de cérebro. Também é possível ver a perna estraçalhada da vítima em meio aos destroços da moto, como na imagem mostrada na reportagem disponível no portal globo.com:

Figura 11 - Imagem que ilustra reportagem no portal globo.com.



Fonte: Globo.com¹⁵

A reportagem estava disponível para todo o Brasil através do site da emissora, mas no dia seguinte, a reportagem foi reeditada e as cenas mais violentas suprimidas. O manual de redação do veículo pede para que os jornalistas tenham cuidado na hora de exibir imagens violentas ou sensacionalistas, levando em conta seu público-alvo:

A sensibilidade do público será levada em conta. Cenas chocantes receberão o tratamento devido de acordo com as características do público-alvo. Quanto mais indistinto o público, mais cuidados são necessários. Nesses casos, o público deve ter sempre a confiança de que não será surpreendido por cenas que afrontem os valores médios presumidos da sociedade. A título de exemplo, talvez seja necessário mostrar o vídeo ou a foto de um homem-bomba se explodindo, mas a cena pode ser congelada segundos antes do dilaceramento. Em resumo, a decisão de publicar ou não cenas potencialmente chocantes e de como tratá-las deve sempre levar em conta a sua relevância para o entendimento da questão abordada. A melhor saída é submeter a decisão à opinião do maior número de jornalistas de uma redação. De um grupo, sempre emerge mais facilmente o bom senso (Manual de Redação Globo)¹⁶.

No caso do atropelamento do motociclista, o horário de veiculação da reportagem se deu por volta do meio-dia, horário em que muitas crianças estão chegando ou se preparando para ir à escola

¹⁵ Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2014/12/video-mostra-morte-de-motociclista-apos-briga-de-transito-em-pocos-mg.html>>. Acesso em: 05 dez. 2014.

¹⁶ Disponível em: <http://grupoglobo.globo.com/principios_editoriais.php>. Acesso em: 07 ago. 2015.

e foi transmitida no canal com maior audiência e depois repassada para o resto do país com destaque através de seu site. Muitas das imagens veiculadas na edição inicial da reportagem eram desnecessárias, por não acrescentar nenhuma informação relevante. O uso de imagens violentas pela reportagem pode ser atribuída à imprensa, já que de acordo com o manual de redação da Globo, o tempo é essencial no trabalho do jornalista e a notícia tem que ser dada imediatamente:

A informação tem de ser prestada no menor espaço de tempo da melhor maneira possível, eis a equação diante da qual os jornalistas se veem todos os dias. Portanto, é atributo fundamental da qualidade da informação jornalística ser produzida com rapidez. Se a História pode dispor de anos de trabalho para fazer aflorar a realidade, o jornalismo dispõe de algumas horas (no máximo, de alguns dias, se a publicação for semanal ou mensal). É a celeridade com que traça o primeiro retrato dos fatos que ao mesmo tempo dá utilidade à produção jornalística e justifica as suas lacunas. A notícia tem pressa (Manual de Redação Globo)¹⁷.

E quando um fato chama muito a atenção, logo ganha uma extensa cobertura da mídia. Não é raro vermos coberturas que duram mais de 24 horas, transformando a notícia em uma cobertura sensacionalista. No Brasil, a GloboNews diz se orgulhar de cobrir o resgate dos trabalhadores presos em mina no Chile em 2010 por mais de 24 horas, apesar do próprio manual da emissora refutar as coberturas sensacionalistas:

Nenhum veículo do Grupo Globo fará uso de sensacionalismo, a deformação da realidade de modo a causar escândalo e explorar sentimentos e emoções com o objetivo de atrair uma audiência maior. O bom jornalismo é incompatível com tal prática. Algo distinto, e legítimo, é um jornalismo popular, mais coloquial, às vezes com um toque de humor, mas sem abrir mão de informar corretamente; O jornalismo, contudo, não é insensível a riscos evidentes, mas estes são evitáveis quando se respeita outra regra de ouro: só se divulga informação relevante. Para citar um exemplo, um vídeo divulgado por um assassino em série pode e deve ser divulgado naquilo que é importante, mas não faz sentido deixar o criminoso ensinar como se articula um plano de assassinato em massa. Da mesma forma, não se publicam informações úteis para grupos criminosos, como o local aonde a polícia irá à caça de um sequestrador. E respeitam-se pedidos de pessoas que se considerem em risco com a publicação de informações que lhe digam respeito, como um policial que matou em ação um traficante perigoso e pode ser vítima de refúgio de seus comparsas (Manual de Redação Globo).¹⁸

¹⁷ Disponível em: <http://grupoglobo.globo.com/principios_editoriais.php>. Acesso em: 07 ago. 2015.

¹⁸ idem.

O bom senso sobre publicar notícias sobre ações policiais faltou para os veículos de comunicação franceses durante os atentados ocorridos em janeiro de 2015. No dia 9 de janeiro, Amédy Coulibaly, invadiu um supermercado na periferia de Paris e fez os clientes de refém. A imprensa, na porta do estabelecimento, fazia a cobertura do caso, já que dois dias antes, dois jihadistas haviam entrado na sede da revista Charlie Hebdo e matado doze pessoas. Coulibaly era procurado por ter atirado em uma policial desarmada a queima roupa no dia anterior e chegou a matar quatro reféns no supermercado. Os sobreviventes agora processam a mídia por ter colocado suas vidas em risco, principalmente a BFMTV, que divulgou a informação de que eles estavam escondidos na câmara frigorífica do supermercado. O terrorista seguia o que estava acontecendo fora do estabelecimento através da cobertura ao vivo, inclusive pela BFMTV e se tivesse ouvido a informação passada pela emissora, poderia ter assassinado também quem estava escondido. O Conselho Superior Audiovisual (CSA), que é o órgão responsável por fiscalizar e ditar as regras para os meios de comunicação franceses, emitiu advertências a várias emissoras de rádio e canais de televisão por transmitir ao vivo informações que poderiam ter colocado em risco a vida dos reféns.

A Folha de S. Paulo, que publica seu conteúdo pelo UOL, também recomenda discrição quando o assunto é sensacionalista e apoia coberturas longas apenas em casos de grande repercussão.

Noticiário policial - Na Folha, exige tratamento sóbrio e criterioso. Evite sensacionalismo. Casos de grande repercussão ou que ocorram no universo sociocultural do leitor merecem maior destaque e acompanhamento. Casos corriqueiros merecem apenas registro. Em crime de conteúdo social, evite tanto a simplificação ideológica quanto o sociologismo. Veja acusação criminal (no cap. Texto); perfil do leitor (no cap. Projeto Folha); consulte também o anexo Jurídico (Manual de redação da Folha, 2015).

3.1 O cidadão como produtor de notícia

O aumento no número de imagens violentas publicadas pode também ser explicado pelo fenômeno do jornalismo colaborativo. A interação do leitor com o jornal começou de forma tímida. Primeiro os jornais passaram para os meios digitais exatamente como eram no meio impresso, limitando a participação do público através de envio de e-mail, participação em enquetes e a possibilidade de navegar pelo menu. Depois vieram os recursos de hipermídia e conteúdo feito

especialmente para a internet, levando posteriormente à adaptação do conteúdo para outras plataformas, como tablets e celulares.

Com a tecnologia, hoje há câmeras fotográficas nos telefones celulares, o que transforma qualquer pessoa em produtor de fotografia.

A figura do fotógrafo como aquele ser que sabe das coisas, que circula pelos bastidores das notícias, que está no olho do furacão dos acontecimentos para 'capturar' cenas de ângulos inusitados, manuseando dispositivos de câmeras complexas, com lugar privilegiado na hierarquia de produção de imagem, está sendo abalada pelos cidadãos e cidadãs comuns e suas câmeras de celulares, cada vez mais sofisticadas (SIMONETTI apud BUITONI, 2011, p. 138).

É o que pode ser visto nas propagandas da Apple espalhadas por São Paulo desde março de 2015. Nos cartazes são mostradas fotografias tiradas com o recém-lançado Iphone 6, com a qualidade esperada de uma câmera profissional. "Todos os dias as pessoas fazem fotos e vídeos incríveis com o iPhone 6. Aqui está uma seleção dos nossos favoritos. Explore a galeria, aprenda truques e veja o que é possível fazer com a câmera mais popular do mundo", diz a introdução da galeria de fotos disponível no site da empresa. Além da Apple, a Sony também investe na tecnologia e acaba de incluir a categoria de foto tirada por celulares na premiação do Sony World Photograph. Com os smartphones, o público passou a ser incentivado pelos veículos de comunicação a enviar imagens e vídeos sobre flagrantes registrados, sobretudo se for um caso de grande repercussão. Como o jornalista não pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo, é deixado para que o público forneça as imagens faltantes. No Manual de Redação da Globo, pede-se atenção com as imagens obtidas dessa maneira:

Informações e imagens enviadas pelo público pela internet só devem ser publicadas depois de averiguação quanto à sua veracidade. Na cobertura de eventos em que o trabalho de jornalistas esteja cerceado, haverá casos em que será necessária a publicação de informações e imagens assim obtidas, sem averiguação, mas o público deverá ser avisado de que não há como confirmar se são verdadeiras (Manual de Redação Globo).

E não são só as fotografias enviadas pelo público que estão sendo utilizadas pelos veículos de comunicação. As redes sociais causaram tamanho impacto no cotidiano das pessoas que os jornalistas estão se utilizando dessa ferramenta na composição das notícias. É o que mostra uma pesquisa feita em 2010, pela Society for New Communications Research em parceria com a Middleberg Communications, que afirma que sete em cada dez jornalistas usam sites de redes

sociais para pesquisa e elaboração das notícias. Os blogs também são citados como fonte importante por dois em cada três jornalistas, por acreditarem "que os blogueiros se tornaram importantes formadores de opinião nos últimos anos". Outro estudo, realizado no final de 2009, dessa vez feito pela empresa de monitoramento de mídia Cision e Don Bates, da Universidade George Washington, nos Estados Unidos, descobriu que quase nove em cada 10 jornalistas usam blogs para a investigação de uma história. Os sites de mídia social, por sua vez, são usados por 65% dos jornalistas, principalmente o Twitter, que é usado por 52% dos entrevistados. E apesar de ser feita pelos usuários e por isso não ser totalmente confiável, o site Wikipedia, um dicionário online feito com a colaboração dos internautas, é usada por 61% dos jornalistas pesquisados. Apesar do uso massivo das redes sociais, 84% dos entrevistados diz não confiar tanto nas fontes encontradas nesse meio.

Em alguns casos, as redes sociais acabam ditando o que será notícia, principalmente quando um vídeo se torna polêmico e causa uma comoção na internet. Logo chama a atenção da mídia, que o converte em reportagem. O problema é que muitas vezes nos deparamos com a falta de contexto, que nos leva a um julgamento pré-estabelecido. É o caso de um vídeo divulgado em uma rede social, que traz dois jovens brigando. Um dos jovens aplica um golpe no outro, imobilizando-o e ao mesmo tempo que o estrangula, até que o jovem agredido caia inconsciente no chão.

Figura 12- Jovem aplica golpe de arte marcial e mata amigo em brincadeira.



Fonte: newsrondonia.com¹⁹

¹⁹ Disponível em: <<http://www.newsrondonia.com.br/noticias/video+de+garoto+estrangulado+em+briga+foi+filmado+em+2013/49013>>. Acesso em: 07 out. 2014.

Sem qualquer contexto, o vídeo é publicado como um pedido para que o agressor seja identificado. Os comentários já pedem a pena de morte para o jovem, mesmo sem o conhecimento do que realmente aconteceu. Para o fotógrafo Boris Kossoy (2007, p.31), "as imagens guardam entre si apenas indícios, a face externa de histórias que não se mostram, e que pretendemos desvendar." Pouco depois, circula a informação de que o vídeo em questão já teria mais de um ano e se tratava de uma brincadeira entre amigos de infância, que se reuniam aos sábados para treinar MMA (Mixed Martial Arts), categoria de arte marcial que se tornou famosa e é sempre transmitida na televisão.

Obtém-se assim, por meio da composição imagem-texto, um conteúdo transferido de contexto: um novo documento é criado a partir do original visando gerar uma diferente compreensão dos fatos, os quais passam a ter uma nova trama, uma nova realidade, uma outra verdade. Mais uma ficção documental (Kossoy, 2009, p. 55).

Nos comentários da reportagem, um internauta coloca à disposição um link, que leva para a verdadeira história, no qual o delegado do caso afirma que o vídeo que circulava nas redes sociais não tem relação com o caso dos jovens que mataram o amigo por acidente, e que se tratava realmente de um homicídio. O vídeo poderia ter sido publicado sob qualquer legenda, já que não há informações no filme que conte a história por trás dos acontecimentos.

4 A PREFERÊNCIA DO PÚBLICO POR NOTÍCIAS VIOLENTAS

Analisando o ranking com as notícias mais lidas do dia, nota-se a preferência do público por notícias violentas. Os estudos realizados pelo médico psiquiatra Sigmund Freud (1856-1939) podem explicar o fascínio que as notícias sensacionalistas ou violentas causam.

O psiquiatra austríaco publicou um ensaio, intitulado "O Id e o Ego", em 1923, no qual foram introduzidos os termos ego, id e superego para designar o inconsciente. O id corresponderia aos instintos. O ego seria capaz de perceber os instintos e na maioria das vezes, dominá-los. O ego e o id são parecidos, mas o ego é modificado pelo mundo exterior, enquanto o id age por instinto e pulsão. Já o superego trata de manter as regras aprendidas pelo ego, principalmente no período da infância.

Do ponto de vista do controle instintual, da moralidade, pode-se dizer do id que ele é totalmente amoral; do ego, que se esforça para ser moral, e do superego que pode ser supermoral e tornar-se tão cruel quanto somente o id pode ser. É notável que, quanto mais um homem controla a sua agressividade para com o exterior, mais severo - isto é, agressivo - ele se torna em seu ideal do ego. A opinião comum vê a situação do outro lado; o padrão erigido pelo ideal do ego parece ser o motivo para a supressão da agressividade. Permanece, contudo, o fato de que, como afirmamos, quanto mais um homem controla a sua agressividade, mais intensa se torna a inclinação de seu ideal à agressividade contra seu ego (FREUD, 1996, p. 69).

Freud discorreu sobre a agressividade humana no que o psicanalista chamou de pulsão de morte. Essa agressividade seria inerente a todos e o ser humano precisa se livrar desse sentimento de alguma maneira. Alguns têm profissões que permitem o uso da força e da agressão, servindo como válvula de escape. Para os demais, resta o jornalismo sensacionalista, como explica o psicólogo Cícero Christiano de Souza (1969),

a notícia sensacionalista neste caso tem obviamente sentido catártico: serve para aliviar as pressões das forças internas que não foram totalmente sublimadas, educadas. Portanto, tem uma função útil, construtiva a função de aliviar cada um de nós e, portanto, o grupo social considerado como um todo, permitindo que cada um e o conjunto possam sobreviver e permanecer mais ou menos íntegros (SOUZA, 1969, p. 69).

O sociólogo e psicanalista Erich Fromm (2008) compara como Karl Marx (1818-1883) e Freud (1856-1939) enxergavam a natureza humana. Marx dividia a natureza humana em duas, sendo uma genérica e outra que podia ser alterada de acordo com a época histórica ou pela cultura de uma região. Já Freud, de acordo com Fromm, afirmava que o homem era uma máquina regida pela libido, que precisa ser descarregada na forma de prazer. O processo contínuo de acúmulo de libido e busca pelo prazer foi chamado pelo psicanalista de "princípio do prazer". Freud também relata o "princípio de realidade", no qual o homem precisa se adaptar à realidade para sobreviver. O equilíbrio entre os dois princípios seria fundamental para uma boa saúde mental.

Ainda de acordo com Fromm, Freud acreditava que o homem primitivo sempre satisfizesse seus instintos, mas com a formação da civilização, foi obrigado a suprimir seus desejos para uma melhor convivência. Essa supressão acaba causando uma frustração, que pode ser descontada na própria civilização.

Mas segundo Freud, as tendências hostis e agressivas também são reprimidas por entrar em conflito com as normas e costumes existentes, assim como com o Superego. Qualquer que sejam os conteúdos específicos das tendências reprimidas, desde o ponto de vista freudiano, estas sempre representam o aspecto "negativo" do homem, a bagagem antissocial e primitiva do ser humano que não foi assinalado e que contrasta com o que o homem considera civilizado e decente. É preciso reafirmar que, segundo o conceito freudiano do inconsciente, a repressão implica que a consciência do impulso tem sido reprimida e não o impulso em si; no caso dos impulsos sádicos, por exemplo, a repressão implica que não percebo meu desejo de causar dor aos outros (FROMM, 2008, p. 137, tradução nossa).²⁰

Buscando agradar ao id, temos hoje jogos de videogames que simulam batalhas, assassinatos e violência que fazem sucesso por permitir que se liberte de seus instintos sem consequências maiores. O psicólogo estadunidense Jeffrey Goldstein tenta entender porquê a violência na mídia é tão atrativa, principalmente entre os jovens. O pesquisador cita os mangás japoneses, que trazem decapitações e assassinatos em suas páginas como se fossem atos naturais. A violência excessiva também pode ser vista na televisão. Duas das séries mais vistas em 2015 são *Game of Thrones* e *The Walking Dead*. A primeira começou com decapitações e já teve episódios

²⁰ Pero, siguiendo a Freud, las tendencias hostiles y agresivas también son reprimidas por entrar en conflicto con las normas y costumbres existentes así como con el Superego. Cualesquiera que sean los contenidos específicos de las tendencias reprimidas, desde el punto de vista freudiano éstas siempre representan el aspecto "negativo" del hombre, el bagaje antisocial y primitivo del ser humano que no ha sido sublimado, y que contrasta con lo que el hombre considera civilizado y decente. Es preciso recalcar de nuevo que según el concepto freudiano del inconsciente, la represión implica que la conciencia del impulso ha sido reprimida y no el impulso en sí; en el caso de los impulsos sádicos, por ejemplo, la represión implica que no percebo mi deseo de causar dolor a otros.

com execuções múltiplas, em um episódio chamado informalmente de "Casamento Vermelho", pela quantidade de sangue derramado. *The Walking Dead*, conta a história de um grupo de sobrevivente, em um país infestado de zumbis. Mortes sangrentas e até canibalismo fazem parte da série. *Game of Thrones* tem um público médio de 7 milhões de espectadores só nos Estados Unidos, enquanto que *The Walking Dead* passa os 15 milhões, contando apenas os assinantes de TV a cabo.

Goldstein (1999) cita o envolvimento social como uma justificativa para o apreço do público por filmes e séries violentas. O pesquisador ressalta que nunca assistimos a um filme de terror sozinhos e se o fazemos, é para comentar com os amigos no dia seguinte, como o que acontece com a séries citadas anteriormente. Nos casos dos meninos, assistir um conteúdo violento é um rito de passagem, onde as imagens passam de nojentas para legais, como forma de impressionar os amigos e fazer parte do grupo. O pesquisador ainda afirma que, para apreciar as imagens violentas, é necessário que se esteja em um local seguro, como a sala de casa ou em um cinema. Um experimento feito na Universidade de Utrecht, na Holanda, mostrou que, quando os participantes assistiam a um filme violento segurando o controle remoto, aceitavam mais as cenas sangrentas do que as pessoas que assistiam sem o controle nas mãos. O controle remoto funcionava como um lugar seguro, onde as pessoas se sentiam no controle da situação. O mesmo pode ser transferido para as telas dos computadores e smartphones. Se há um vídeo violento como destaque em algum portal, a segurança se dá na possibilidade de parar a reprodução ou até mesmo fechar a página.

O autor cita os estudos do sociólogo alemão Norbert Elias (1982), que afirma que o gosto por imagens violentas pode ser uma consequência do "processo civilizatório", que impossibilitou experimentar a violência real, desde que os suplícios e execuções em praça pública foram extintos e a morte se tornou cada vez mais velada. O mesmo acontece com o sensacionalismo. O público se satisfaz internamente ao ver a morte de um assassino ou de alguém que eles acham que deveriam morrer. É matar sem sujar as mãos. Tirar satisfação em ver a morte alheia vem desde a Idade Média, quando as execuções públicas ou o sacrifício de hereges queimados em fogueiras acendidas em praça pública eram comuns e atraíam multidões.

Normalmente, o mundo externo governa o ego por duas maneiras: em primeiro lugar, através de percepções atuais e presentes, sempre renováveis; e segundo, mediante o armazenamento de lembranças de percepções anteriores, as quais, sob a forma de um 'mundo interno', são uma possessão do ego e parte constituinte dele (FREUD, 1996, p.170).

Mas o público sabe diferenciar a violência real da imaginária. Temos em filmes e em novelas vilões que matam e diariamente usam a violência. O público tende a aceitar esse tipo de violência, pois sabe que se trata de ficção. Mas o mundo imaginário é capaz de produzir cenas violentas que se assemelham ao real e os noticiários policiais passaram a fazer parte dessa realidade construída, tão consumida pela população, que pode ver o "mundo-cão" das ruas mostrado na televisão e se identificar com isso.

O meio de comunicação sensacionalista se assemelha a um neurótico obsessivo, um ego que deseja dar vazão a múltiplas ações transgressoras – que busca satisfação no fetichismo, voyeurismo, sadomasoquismo, cropofilia, incesto, pedofilia, necrofilia –ao mesmo tempo em que é reprimido por um superego cruel e implacável. É nesse pêndulo (transgressão-punição) que o sensacionalismo se apoia (ANGRIMANI, 1995, p. 17).

Para o jornalista Eugênio Bucci (2000), parte da culpa recai nos próprios veículos de comunicação, que adequariam seu conteúdo aos índices de audiência. Como visto em exemplos anteriores, os rankings de notícias mais lidas é formado em sua maioria por notícias sobre violência.

[...] há a hipocrisia dos responsáveis pelas programações, que se escudam no argumento de que dão ao público o que o público pede. A popularidade, um indicador de mercado, se sobrepõe à legitimidade. Então, é legítimo aquilo que goza de popularidade. A imprensa tem o dever de se insubordinar contra isso. De novo, a única solução ética ao alcance dos jornalistas — e, acima deles, dos responsáveis principais pelos meios de comunicação — é buscar um parâmetro mínimo de bom gosto, sendo o critério do bom gosto aquilo que cada um aceitaria com tranquilidade dentro de sua própria casa. Isso não basta, por certo, mas seria um bom patamar mínimo. Não se pode culpar ninguém pelo pecado da deselegância, mas pode-se perfeitamente questionar um dono de emissora que ofere à sociedade aquilo que sabidamente não toleraria que fosse oferecido a seus filhos (BUCCI, 2000, p. 160).

Bucci (2000) ainda cita a necessidade de cenas "vibrantes" para que um assunto tenha destaque na mídia. "O telejornalismo não registra os acontecimentos em si, mas as imagens dos acontecimentos. E são as imagens que determinam quais serão os temas dos debates públicos" (BUCCI, 2000, p. 144). Os exemplos a seguir mostram a dependência da mídia por imagens violentas:

Figura 13- Imagem de câmera de segurança é usada em reportagem.

21/08/2015 11h57 - Atualizado em 21/08/2015 12h09

Vídeo mostra assalto e morte de jovem em ônibus em Porto Alegre

Jovem de 21 anos foi atingido por disparos no coletivo em Porto Alegre. Nesta sexta-feira (21), polícia ouviu mais testemunhas sobre o caso.

Do G1 RS



Fonte: Globo.com²¹

Figura 14- Chamada do portal globo.com, com imagem de acidente.



Jovens sobem calçada em SP, atropelam idoso e ainda impedem o socorro; vídeo



Teto de igreja desaba durante culto e deixa três pessoas feridas no sul do Tocantins

Fonte: Globo.com²²

²¹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/08/com-video-policia-busca-suspeitos-de-assalto-e-morte-em-onibus-no-rs.html>>. Acesso em: 21 ago. 2015.

²² Disponível em: <globo.com>. Acesso em: 29 ago. 2015.

Imagem 15- Vídeo filmado por transeunte ilustra matéria em site de notícias Extra.

The image shows a screenshot of the Extra website. At the top, the logo 'EXTRA' is prominent, followed by navigation links: FOTO, VÍDEO, Extra Digital, Promoções, Acervo, Classificados, O Globo, and Princípios Editoriais. Below this is a search bar and a secondary navigation menu with categories like CAPA, NOTÍCIAS, POLÍCIA, EMPREGO, FAMOSOS, MULHER, TV E LAZER, and ESPORTE. The main content area features a news article titled 'Militante do Estado Islâmico tem corpo arrastado por rebeldes sírios em estrada; imagens fortes'. The article includes a video player showing a white pickup truck on a road with a body being dragged behind it. To the right of the article is a 'Comentário' section with the heading 'Comentários Encerrados' and a disclaimer. Below the article is a red banner that reads 'Assine o Extra Digital por 30 dias Grátis'. On the left side, there are social media sharing icons for Facebook, Twitter, and Google+, along with a vertical list of icons for messaging and email.

Fonte: Extra/globo.com²³

O filósofo e sociólogo Jean Baudrillard (1998) afirma que todas as notícias são universais e são recebidas da mesma forma depois de serem espetacularizadas e transformadas em signos. O sociólogo chama a atenção para o fato das notícias serem trazidas direto do local onde ocorreram, numa fantasia de estar em lugar e não estar ao mesmo tempo.

Essa mitologia é sustentada por toda a demanda voraz por mais realidade, por **verdade**, por **objetividade**. Em todos os lugares encontramos o cinema vérité, reportagem em tempo real, o flash da notícia, a foto de alto impacto, o relatório de testemunha ocular, etc. Em todos os lugares que se busca é o coração do evento, o coração da batalha, o ao vivo, o cara a cara - no sentido vertiginoso de uma presença total no evento, a grande emoção da realidade vivida - ou seja, o **milagre**, mais uma vez, já que a verdade dos reportes de mídia, televisionadas e gravadas, é precisamente que eu não estava lá. Mas é a mais verdadeira das verdades que conta, ou, em outras palavras, o fato de estar lá sem estar lá. Ou, dito de outra

²³ Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/mundo/militante-do-estado-islamico-tem-corpo-arrastado-por-rebeldes-sirios-em-estrada-imagens-fortes-17323512.html>>. Acesso em: 31 ago. 2015.

maneira, a *fantasia* (BAUDRILLARD, 1998, p. 35, grifo do autor, tradução nossa).²⁴

4.1 Transformação da realidade e hipnose do público

A superexposição de imagens pode ser utilizada pelas mídias como forma de hipnose, criando alienação e passividade do público, principalmente em veículos televisivos. Ao invés de produzir discussões críticas a respeito do conteúdo que estão assistindo, os telespectadores parecem aceitar passivamente o que está sendo transmitido. Arbex Jr. (2001, p.50) escreve que, "nesse estado de ânimo e relaxamento, estabelece-se um tipo muito particular de transação, pelo qual se tende a atribuir à mensagem o significado que inconscientemente se deseja. Mais do que em hipnose, pode-se aqui em auto hipnose, ou projeção".

A mídia cria diariamente a sua própria narrativa e a apresenta aos telespectadores – ou aos leitores – como se essa narrativa fosse a própria história do mundo. Os fatos, transformados em notícia, são descritos como eventos autônomos, completos de si mesmos. Os telespectadores, embalados pelo ‘espaço hipnótico’ diante da tela da televisão, acreditam que aquilo que veem é o mundo em estado ‘natural’, é ‘o’ próprio mundo (ARBEX JR, 2001, p.103).

Para sociólogo Pierre Bourdieu (1997), a maneira como os assuntos são tratados pelos meios de comunicação podem fazer com que o público seja influenciado em sua maneira de pensar.

Nossos apresentadores de jornais televisivos, nossos animadores de debates, nossos comentaristas esportivos tornaram-se pequenos diretores de consciência que se fazem, sem ter que forçar muito, os porta-vozes de uma moral tipicamente pequeno-burguesa, que dizem "o que se deve pensar" sobre o que chamam de "os problemas da sociedade", as agressões nos subúrbios ou a violência na escola (BOURDIEU, 1997, p.65).

Isso fica claro em recentes discussões sobre assuntos importantes no país, como a redução da maioria penal. Ao invés de criar uma discussão profunda sobre a solução para os crimes cometidos por menores de 18 anos, a mídia acaba por acentuar mais um lado, influenciando na maneira de pensar da população, como pode ser visto em dois exemplos recentes.

²⁴ That mythology is buttressed by the all the more voracious demand for reality, for ‘truth’, for ‘objectivity’. Everywhere we find ‘cinéma-vérité’, live reporting, the newsflash, the high-impact photo, the eye-witness report, etc. Everywhere what is sought is the ‘heart of the event’, the ‘heart of the battle’, the ‘live’, the ‘face to face’ -- the dizzy sense of a total presence at the event, the Great Thrill of Lived Reality -- i.e. the **miracle** once again, since the truth of the media report, televised and taped, is precisely that I *was not there*. But it is the truer than true which counts or, in other words, the fact of being there without being there. Or, to put it yet another way, the *fantasy*.

O primeiro exemplo ganhou repercussão nacional e trata do assassinato do médico Jaime Gold, 57, no Rio de Janeiro, morto por menores de idade que queriam roubar sua bicicleta no dia 20 de maio de 2015. Na reportagem, uma retrospectiva de casos semelhantes traz a informação de que os crimes são cometidos por menores de idade e no caso de Gold, um dos menores já havia sido apreendido pela polícia quinze vezes.

Figura 16 - Reprodução da página G1 sobre esfaqueamento de ciclista no Rio de Janeiro

The image shows a screenshot of a news article from G1. At the top, there is a dark red navigation bar with a 'MENU' icon, the 'G1' logo, and the text 'RIO DE JANEIRO'. Below the navigation bar, the article's date and update time are shown: '20/05/2015 07h22 - Atualizado em 20/05/2015 10h47'. The main headline reads 'Morre ciclista esfaqueado na Lagoa, na Zona Sul do Rio'. Below the headline is a sub-headline: 'Homem não teria reagido a assalto, mas, mesmo assim, foi atacado. Segundo testemunhas, dois adolescentes golpearam o médico.' Underneath the sub-headline, it says 'Do G1 Rio'. To the right of the text are social media sharing icons for Facebook, Twitter, Google+, and Pinterest. The main content area features a video player with a play button in the center. The video frame shows a person lying on a stretcher, surrounded by emergency responders in a dark, outdoor setting.

Fonte: G1²⁵

O segundo exemplo, que também repercutiu em todo o país foi o estupro e espancamento de quatro adolescentes no Piauí no dia 27 de maio de 2015. O crime foi cometido por cinco pessoas, quatro delas menores de idade. As adolescentes foram amarradas, violentadas, espancadas e jogadas

²⁵ Disponível em: < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/05/morre-ciclista-esfaqueado-na-lagoa-na-zona-sul-do-rio.html>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

de um penhasco. Elas foram resgatadas com vida, mas uma delas não resistiu e faleceu dias depois em decorrência das lesões sofridas.

Figura 17 - Reprodução de notícia do site G1 sobre crime cometido por menores no Piauí.



Fonte: G1²⁶

Os dois exemplos aconteceram quando a proposta de redução da maioridade penal estava para ser votada pela Câmara dos Deputados e uma pesquisa do Datafolha mostrou que 87% dos entrevistados eram a favor da redução na idade para que uma pessoa seja julgada como adulto. Para aproveitar o calor da discussão, deputados e senadores agora brigam para terem suas ideias aprovadas, sem que haja, por exemplo, uma discussão mais séria sobre o sistema judiciário como um todo.

Nesse filme acelerado, vê-se como, através da mídia agindo como instrumento de informação mobilizadora, uma forma perversa da democracia direta pode instalar-se e fazer desaparecer a distância em vista da urgência, da pressão das paixões coletivas, não necessariamente democráticas, distância que é normalmente assegurada pela lógica relativamente autônoma do campo político. Vemos reconstituir-se uma lógica da vingança contra a qual toda lógica jurídica, e mesmo política, constitui-se. Acontece também que os jornalistas, na falta de manter a distância necessária à reflexão, desempenhem o papel de bombeiro incendiário. Eles podem contribuir para criar o acontecimento, pondo em evidência uma notícia [...], para em seguida denunciar os que vêm pôr lenha na fogueira que eles próprios acenderam (BOURDIEU, 1997, p.93).

²⁶ Disponível em: <<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2015/05/quatro-adolescentes-sao-violentadas-em-castelo-do-piaui.html>> Acesso em: 29 mai. 2015.

Bourdieu vê a velocidade de informações que a televisão, e agora a internet trazem como causadora de reações instantâneas e emotivas, devido a falta de tempo para um aprofundamento em questões cruciais. Parte dessa falta de reflexão vêm da substituição de programas culturais por atrações sensacionalistas. Causando sensações, a mídia acaba por incitar o público a disseminar discursos de ódio e usar a agressão física no dia a dia, como no caso dos linchamentos.

E a mesma busca do sensacional, portanto do sucesso comercial, pode também levar a selecionar variedades que, abandonadas às construções selvagens da demagogia (espontânea e calculada), podem despertar um imenso interesse ao adular as pulsões e as paixões mais elementares (com casos como os raptos de crianças e os escândalos capazes de suscitar a indignação popular), ou mesmo formas de mobilização puramente sentimentais e caritativas ou, igualmente passionais, porém agressivas e próximas do linchamento simbólico, com os assassinatos de crianças ou os incidentes associados a grupos estigmatizados (BORDIEU, 1997, p.74).

O jornalista Maxwell McCombs (2009), um dos fundadores da Teoria do Agendamento, afirma que a mídia tende a concentrar os fatos, criando o pânico. Ele cita o exemplo do verão de 2001, onde surgiram várias notícias sobre ataques de tubarões aos humanos. Concentradas, as notícias davam a impressão de um aumento no número de casos, criando alarde entre a população, enquanto que cientistas marinhos diziam que o número estava dentro do esperado para a época do ano.

Um exemplo dos conceitos desenvolvidos por McCombs pode ser visto no portal globo.com, quando uma notícia violenta acaba gerando uma retrospectiva de casos semelhantes, como fica evidente nesse trecho recortado de uma matéria sobre um jovem esfaqueado durante um assalto no Rio de Janeiro.

Figura 18 - Seleção de notícias sobre um mesmo tema disponibilizado pelo portal globo.com ao lado da reportagem principal.

saiba mais

Homem é morto a facadas em assalto em Del Castilho, na Zona Norte do Rio

Taxista é esfaqueado durante assalto em Niterói, no RJ

Turista vietnamita é esfaqueada após tentativa de assalto no Centro do Rio

Corpo de médico esfaqueado na Lagoa vai ser enterrado nesta quinta

'Falou que ia me matar', diz chilena esfaqueada em assalto no Rio

Homem é esfaqueado ao tentar defender mulher em assalto no Rio

Estudante esfaqueado em vagão de trem no Rio desabafa em rede social

Fonte: Globo.com²⁷

McCombs (2009) também revela que a alta concentração de notícias sobre violência faz com que ocorra a síndrome do mundo mediano, na qual há uma impressão negativa sobre o mundo. O pesquisador relata uma pesquisa feita no Texas desde o começo dos anos 1990, em relação ao que os texanos consideravam o maior problema que o país estava enfrentando. O item mais citado foi a criminalidade, apesar dos índices apontarem um declínio. Foram comparadas a seguir o conteúdo publicado nos jornais durante o período da pesquisa e notou-se que houve um aumento no número de notícias sobre crimes nos meios de comunicação, influenciando como os entrevistados enxergavam sua cidade. A pesquisa também foi feita em outras cidades e revelou que os leitores dos jornais que dedicavam um maior espaço para notícias sobre crimes, exibiam ou demonstravam maior medo da criminalidade do que leitores de outros jornais.

²⁷ Disponível em: <globo.com>. Acesso em: 28 mai. 2015.

Para Yves Michaud (2008), a violência retratada no cotidiano acaba por criar uma insegurança nas pessoas. Ao ter acesso a esse conteúdo diariamente, temos a impressão de que vivemos em uma sociedade extremamente violenta.

O sentimento de insegurança [...] raramente repousa sobre a experiência direta da violência. Ele corresponde à crença, fundada ou não, de que tudo pode acontecer., de que devemos esperar por tudo, ou ainda de que não podemos ter certeza de nada nos comportamentos cotidianos. Aqui, novamente, imprevisibilidade, caos e violência estão juntos (MICHAUD, 1989, p.13).

4.2 Os efeitos da exposição prolongada à violência

Nos últimos 50 anos, muitos estudos surgiram e apoiam veemente a conclusão de que a visualização de violência na mídia é um dos fatores que contribuem para o desenvolvimento da agressão. Por agressão, nós queremos dizer sérias ações interpessoais com a intenção de machucar a outra pessoa. E por violência na mídia, nós queremos dizer o retrato visual de uma pessoa sendo fisicamente agressiva contra outra (HUESMANN; SKORIC, 2003, p. 220, tradução nossa).²⁸

A afirmação acima mostra a preocupação com o excesso de violência mostrado na mídia. O psicólogo Dr. Rowell Huesmann, professor do departamento de psicologia da Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, conduz um centro de estudos sobre o tema e alerta para o risco da exposição exacerbada à violência na mídia.

Huesmann (2007) define dois tipos de efeitos dessa superexposição: os efeitos de curto e os de longo prazo. Os efeitos de curto prazo são divididos em três fases: priming, excitação e mímica.

Na fase priming, ocorre um processo de ativação de uma rede de neurônios, que acaba estimulando um nódulo cerebral responsável pela cognição, emoção ou comportamento. Essa ativação acontece depois de receber um estímulo externo. Esse estímulo externo pode ser a imagem de uma arma ou uma pessoa negra, que o preconceito associa com a figura de um criminoso. Quando esse conceito é associado com violência, gera uma resposta agressiva na pessoa, como também atesta o psicólogo social Giuseppe Mininni (2008).

²⁸ Over the past 50 years, a body of literature has emerge that strongly supports the conclusion that media violence viewing is one factor contributing to the development os aggression. By aggression, we mean serious interpersonal acts intended to harm the other person. By media violence, we mean visual portrayals os one person behaving physically aggressively against another.

No sistema cognitivo, as cenas (e, mais em geral, os conteúdos midiáticos) de violência desencadeiam dois tipos de mecanismos, já que podem tanto ativar pensamentos obsessivos (quando a pessoa se perde em fantasias que tendem a elaborar um clima de preocupação e medo) quanto passar em revista os modelos mentais mais idôneos para enfrentar uma situação análoga de violência, se por acaso estivesse envolvido ela diretamente (MININNI, 2008, p. 88-89).

Na fase de excitação, o comportamento agressivo é ativado pelo excesso de violência mostrado na mídia. Agitada pelas imagens vistas, a pessoa pode atingir picos de inibição de respostas apropriadas, sendo agressivo na resolução de problemas sociais.

Uma outra teoria geral a que geralmente recorre a posição "apocalíptica" no debate sobre a violência da mídia é a da transferência de excitação, sistematizada pelos elegantes experimentos de Zillman e seus colaboradores (1972). Segundo essa teoria, assistir a cenas violentas implica num estado de excitação fisiológica (*arousal*) que pode transbordar para outras situações da vida real. Se, depois de ter assimilado conteúdos midiáticos violentos, as pessoas se deparam com situações que provocam emoções (conflito de decisão entre marido e mulher, briga entre irmãos, etc), tendem a transferir para o novo contexto de interação o estado de excitação anterior, talvez nelas desencadeando sem que percebessem, razão pela qual reagem de maneira mais agressiva do que normalmente fariam (MININNI, 2008, p. 88).

Na terceira fase, a da mímica, pode ocorrer a imitação de comportamentos violentos específicos. Apesar de ser mais observado em crianças, exemplos recentes nos mostram esse efeito em adultos, como nos recentes casos em que ladrões foram capturados pela população e amarrados a postes. Depois do primeiro caso noticiado, a "solução" foi copiada diversas vezes.

A Teoria da Aprendizagem Social, descrita pelo psicólogo Albert Bandura em 1977, também apoia a imitação de comportamentos violentos pelas crianças. O pesquisador chegou a conduzir um experimento em 1961, realizado com 72 crianças. Um terço dos participantes assistiu a um vídeo com cenas de violência em um programa de TV ou viram um adulto ser violento com um boneco inflável. Logo depois as crianças foram deixadas em uma sala cheia de brinquedos. O grupo que assistiu aos vídeos com cenas violentas foi mais agressivo em suas brincadeiras do que os demais grupos, inclusive imitando os gestos que os adultos fizeram ao brincar com o boneco. "O objetivo de Bandura é mostrar que as pessoas aprendem não apenas por experiências diretas, mas também por meio da observação de modelos," relata Mininni (2008, p. 87-88).

Huesmann (2003) também corrobora a afirmação de que as crianças tendem a aprender por observação. De acordo com o psicólogo, os comportamentos agressivos podem aparecer na idade entre 2 e 4 anos de forma espontânea,

[...] no entanto, a observação de alguns comportamentos agressivos específicos naquela idade leva a aquisição de scripts de comportamento agressivo mais elaborado para a resolução de problemas e o contra-ataque do ambiente condiciona a criança a abandonar a agressividade. À medida que a criança fica mais velha, os scripts sociais adquiridos através da observação da família, colegas, comunidade e da mídia de massa, se torna mais complexa, abstrata e automática quando invocada (HUESMANN et al. , 2003, p. 202, tradução nossa).²⁹

Para Fromm (2008), a família é responsável por passar os requerimentos da sociedade para a criança, seja através do caráter dos pais ou pela educação recebida em cada cultura. No caso do espancamento ocorrido no Guarujá, pais levaram seus filhos para acompanhar o linchamento. De acordo com Huesmann, quanto mais a criança for exposta à violência, mais propensa será a ter um comportamento agressivo no futuro, como foi observado em muitos de seus estudos. Uma dessas pesquisas foi realizada em 1977 com 557 crianças, que foram acompanhadas por quinze anos. O resultado mostrou que as crianças que assistiam a muitos programas violentos na televisão, independentemente de sua agressividade inicial ou sua condição social, tinham um risco elevado de desenvolver a agressividade na idade adulta. Huesmann já havia conduzido um estudo semelhante, mas dessa vez com crianças de cinco países, alguns com histórico de baixos programas desse tipo, como a Finlândia, tendo os mesmos resultados.

Outro efeito de longo prazo também atinge mais as crianças. No processo de aprendizado observacional, o comportamento social da pessoa é controlado por normas sociais aprendidas, principalmente nas três fases da infância. Esse código de conduta também é construído pelo que a pessoa vê ao seu redor ou na mídia. Crianças expostas repetitivamente à violência podem ter esse código moral afetado e passar a agir com agressividade.

Mas a relevância da mídia é também mais geral, pois ela ocupa, de forma da vez mais destacada, o papel dos "outros significativos", originalmente desempenhados pela família e pelo grupo de pares, pela igreja e pela escola. Estas antigas agências de socialização foram, em grande parte, substituídas pelos meios de comunicação de massa na tarefa de transmitir aos indivíduos os valores culturais e as tramas de significado que sustentam a construção dos mundos de referência potencialmente partilhado de todos (MININI, 2008 p. 32).

²⁹ [...] however, the observation of specific aggressive behaviors at that age leads to the acquisition of more coordinated aggressive scripts for social problem solving and counteracts environmental forces aimed at conditioning the child out of aggression. As the child grows older, the social scripts acquired through observation of family, peers, community, and the mass media become more complex, abstract, and, automatic in their invocation.

A perda da sensibilidade é outro efeito de longo prazo. Para Huesmann (2003), quando uma pessoa é exposta a violência todos os dias através da mídia, pode ocorrer um fenômeno que o pesquisador chama de "Teoria da Dessensibilização". De acordo com essa teoria, o corpo tem uma resposta fisiológica negativa natural ao se deparar com cenas violentas. Os sintomas costumam ser o aumento dos batimentos cardíacos, sudorese e desconforto. Com uma exposição contínua, a pessoa acaba se acostumando com a violência vista todos os dias na mídia e, como consequência, perde a resposta fisiológica diante dos fatos, passando a ser indiferente aos acontecimentos.

O mesmo é atestado pela pesquisadora Nancy Cardia, em estudo feito pelo Núcleo de Pesquisa da Violência da Universidade de São Paulo (USP). De acordo com Cardia, o processo de dessensibilização seria uma resposta patológica diante da exposição da violência.

A dessensibilização implica em subestimarem as consequências da violência para suas vítimas culparem as vítimas pelo que lhes ocorre, processo também denominado de exclusão moral – uma espécie de anestesia moral ou de desligamento baseado na crença em um 'mundo justo' – coisas ruins acontecem às pessoas que fizeram algo ruim. (...) normalizar a violência resulta também em reduzida capacidade de confiar no outro, ou de se vincular ao outro (Kliewer et al. 2001) e menor interdição quanto a prática de violência (Hallyday-Boykins & Graham, 2001) (CARDIA, 2003, p. 301).

Para Baudrillard (1998), o cotidiano mostrado pela mídia acaba fazendo com que o público se acostume com a violência vista nos meios de comunicação. Essa aceitação faz com que o sociólogo compare a violência com a previsão do tempo, ou seja, um assunto normal e banal de se discutir no dia-a-dia.

A liturgia formal do objeto que a cotidianidade poderia capturar a grandeza e sublimidade do qual é, precisamente, o lado inverso. Fatalidade é assim evocada e significada em todos os lados, de modo que a banalidade pode deleitar-se com ela e se favorecer. O fato de que os acidentes rodoviários caem tão extraordinariamente bem no rádio e na TV, na imprensa, na conversa individual e na conversa da nação comprova isso: o acidente é o melhor exemplar de 'fatalidade diária'. Se for explorada com tanta paixão, é porque ela desempenha uma função essencial coletiva. A ladainha de mortos na estrada é apenas rivalizado pela ladainha de previsões meteorológicas. Na verdade os dois formam um casal mítico - a obsessão com o sol e a ladainha de morte são inseparáveis (BAUDRILLARD, 1998, p. 36-37).³⁰

³⁰ The formal liturgy of the object that everydayness may seize back the grandeur and sublimity of which it is, precisely, the reverse side. Fatality is thus evoked and signified on all sides, so that banality may revel in it and find favour. The fact that road accidents play so extraordinarily well on radio and TV, in the press, in individual conversation and in the talk of the nation proves this: the crash is the finest exemplar of 'daily fatality'. If it is exploited with such passion, this is because it performs an essential collective function. The litany of road deaths is rivalled only by the litany of weather forecasts. In fact the two form a mythic couple -- the obsession with the sun and the litany of death are inseparable.

5 A IMAGEM DE VIOLÊNCIA E SEU USO NA MÍDIA

Tendo em vista os diversos estudos feitos sobre a exposição prolongada às imagens violentas, há uma discussão sobre o uso de tais imagens e sua necessidade de publicação. Duas defensoras da fotografia, as jornalistas Susie Linfield (2010) e Susan Sontag (2008) já discutiram em seus livros as vantagens e desvantagens da publicação de fotos com conteúdos violentos na mídia.

A primeira justificativa para as fotos brutalmente claras, que obviamente violavam um tabu, residia no puro dever de registrar. 'A câmera é o olho da história', teria dito Brady. E a história, evocada como uma verdade inapelável, se aliava ao crescente prestígio de uma certa ideia de temas que demandavam mais atenção, conhecida como realismo — ideia que, em breve, viria a ter mais defensores entre romancistas do que entre fotógrafos. Em nome do realismo, permitia-se — exigia-se — que se mostrasse fatos desagradáveis, brutais. Fotos desse tipo também transmitem 'uma moral útil' ao mostrar 'o puro horror e a realidade da guerra, em oposição à sua pompa' — escreveu Gardner no texto que acompanha a foto tirada por O'Sullivan, de soldados confederados caídos, com os rostos em agonia voltados para o espectador, no álbum de fotos dele e de outros fotógrafos da firma de Brady, publicado após a guerra (SONTAG, 2008, p.46-47).

Duas imagens violentas chamaram a atenção em 2015 e serão estudadas nesse capítulo. A primeira foi amplamente difundida em sites jornalísticos de todo o mundo e também nas redes sociais (ver anexo). No dia 02 de setembro de 2015, um grupo de refugiados sírios tentava a travessia da Turquia para a Grécia quando o bote em que viajavam virou. Os corpos dos ocupantes do barco foram encontrados na orla de uma praia turca. Entre as vítimas estava Allan Kurdi, um menino de três anos, que faleceu junto com seu irmão e sua mãe. Vestido com uma bermuda azul e uma camiseta vermelha, Allan foi encontrado deitado de bruços sob a areia.

Figura 19- Corpo de Allan Kurdi é encontrado em praia turca.



Fonte: UOL³¹

Figura 20- Corpo de Allan Kurdi é retirado por policial turco.



Fonte: UOL³²

³¹ Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2015/09/02/corpo-de-crianca-refugiada-afogada-aparece-em-praia-de-resort-turco.htm>>. Acesso em: 02 set. 2015.

³² idem.

O outro caso ocorreu no dia 26 de agosto de 2015, quando um ex-funcionário de uma afiliada da emissora estadunidense CBS Vester Lee Flanagan, que usava o nome de Bryce Williams no trabalho, assassinou a tiros a repórter Alison Parker e o cinegrafista Adam Ward, enquanto gravavam uma entrevista no Estado da Virgínia. As primeiras imagens divulgadas foram captadas pela câmera de Ward. Pouco pode ser visto, mas os gritos de Parker enquanto era baleada podem ser ouvidos na gravação. Flanagan filmou os assassinatos em primeira pessoa e os postou em suas contas nas redes sociais, antes de cometer suicídio. Logo o vídeo foi publicado em todos os portais, incluindo globo.com e UOL. Nas imagens, Flanagan se aproxima e mostra a arma. A equipe está distraída com a gravação de uma entrevista e não vê o ex-colega de trabalho se aproximando. A tensão continua até que os tiros são disparados, mostrando o terror no rosto da vítima. Os dois vídeos, um captado pelo câmera do cinegrafista e o outro, filmado pelo assassino, receberam destaque nos dois portais, com apenas uma advertência no começo das imagens sobre o conteúdo violento que se seguiria.

Figura 21- Jornalista estadunidense é baleada por ex-colega de emissora.



Fonte: globo.com³³

³³ Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/08/jornalistas-de-tv-morrem-em-tiroteio-durante-entrevista-ao-vivo.html>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

Figura 22- Imagem gravada por assassino mostra momentos antes de disparo.



Fonte: globo.com³⁴

Alguns sites de jornalismo decidiram não publicar a foto de Allan, como fez o periódico espanhol *El País*, justificando que a foto poderia ferir "a sensibilidade do leitor". Tanto o portal UOL quanto o globo.com trouxeram a foto como destaque. O UOL também publicou em seu site, uma justificativa para a publicação da imagem de uma criança morta. Com o título "Por que publicamos a imagem do menino sírio afogado?", o portal indaga se era realmente necessário publicar a imagem em sua primeira página, impactando seus milhares de leitores. Em seguida, justifica a decisão pela publicação da foto, entendendo que esse tipo de imagem pode trazer uma ação por parte da população. O UOL deu o exemplo da famosa foto da menina vietnamita que corre nua pelas ruas de Trang Bàng após o lançamento de um bomba, em 1972. A foto teria fortalecido o movimento anti-guerra, culminando em seu término mais cedo.

³⁴ Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/08/jornalistas-de-tv-morrem-em-tiroteio-durante-entrevista-ao-vivo.html>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

A justificativa feita pelo portal UOL não foi o único na história. Em 1936, o jornal comunista *Daily Worker* também trouxe em sua primeira página, fotos de algumas das setenta crianças mortas por bombas nazistas. Logo abaixo da manchete veio a justificativa:

Fotografias de vítimas crianças tem sido usadas, às vezes, com mais cuidado. Em 12 de novembro de 1936, o jornal comunista *Daily Worker* publicou um artigo chamado '*Bombas nazistas matam setenta crianças espanholas*' ilustrado com terríveis fotografias de alguns dos jovens cadáveres (um dos olhos de um menino tinha sido explodido para fora). Mas logo abaixo da manchete, o jornal colocou uma explicação intitulada 'Por que nós imprimimos essa página': uma explicação que o jornal obviamente acreditava que devia aos seus leitores. Anteriormente, o editor apontou, deixaria de publicar tais imagens 'porque parecia o mero horror não serviria nosso grande propósito, que era endurecer a determinação de lutar contra o fascismo e defender a democracia. Mas as imagens nessa página não são de mero horror. Elas nos contam a história do lado mais assustador do conflito no qual o fascismo lançou na população espanhola (LINFIELD, 2010, p. 132, tradução nossa).³⁵

O portal globo.com também publicou um artigo sobre a importância da divulgação da imagem de Allan. O site traz citações de jornais europeus, que acreditam no poder de transformação através da imagem.

Diante da repercussão, os cidadãos alemães, destino da maioria dos refugiados, já que o governo alemão prometeu ajuda, fizeram doações em massa e cruzaram a fronteira com a Hungria para dar carona para os refugiados que faziam o percurso a pé. As doações foram tantas que a organizadores pediam para que as pessoas checassem primeiro o que estava realmente sendo necessário e em Munique, a prefeitura pediu para que a arrecadação fosse interrompida, por não haver mais espaço para o material doado. Susie Linfield (2010) acredita que a solidariedade mostrada nessas ocasiões é falsa e que o ser humano nunca se importou com o outro, mas usa a solidariedade como forma de eximir da culpa. Sontag (2008) também acredita que as pessoas usam a solidariedade para minimizar sua impotência diante de uma catástrofe.

É a passividade que embota o sentimento. Os estados definidos como apatia, anestesia moral ou emocional, são repletos de sentimentos; os sentimentos são raiva e frustração. Mas, se ponderarmos quais emoções seriam desejáveis, parece

³⁵ Photographs of child victims have sometimes been used with more care. On November 12, 1936, the Communist newspaper *Daily Worker* printed an article called 'NAZI BOMB KILLS SEVENTY SPANISH CHILDREN,' illustrated with gruesome photographs of a few of the young corpses (one boy's eye had been blast out). But just below this headline, the newspaper ran an explanation entitled 'Why we print this page': an explanation, the paper obviously believed, that it owed its readers. Previously, the editors noted, it had refrained from printing such pictures 'because it seemed that mere horror would not serve our great purpose, which is to harden the determination to fight fascism and defend democracy. But the pictures on this page are not mere horror. They tell the tale of the most fearful side of the conflict into which fascism has hurled the Spanish people'.

demasiado simples escolher a solidariedade. A proximidade imaginária do sofrimento infringido aos outros que é assegurada pelas imagens sugere um vínculo entre os sofredores distantes — vistos em close de tevê — e o espectador privilegiado, um vínculo simplesmente falso, mais uma mistificação de nossas verdadeiras relações com o poder. Na mesma medida em que sentimos solidariedade, sentimos não ser cúmplices daquilo que causou o sofrimento. Nossa solidariedade proclama nossa inocência, assim como proclama nossa impotência (SONTAG, 2008, p. 85-86).

Se uma fotografia tem o poder de fazer as pessoas agirem, o excesso de exposição de uma mesma imagem faz com que seu efeito seja reduzido. A foto de Allan, além de ter sido publicada amplamente nos veículos de comunicação, foi reproduzida excessivamente também nas redes sociais.

Uma imagem tem sua força drenada pela maneira como é usada, pelos lugares onde é vista e pela frequência com que é vista. Imagens mostradas na tevê são, por definição, imagens das quais, mais cedo ou mais tarde, as pessoas se cansam. O que parece insensibilidade se origina na instabilidade da atenção que a tevê intencionalmente provoca e nutre por meio da sua superabundância de imagens (SONTAG, 2008, p. 88).

Se os portais se justificaram pela publicação da foto de Allan, nenhuma justificativa foi dada em relação ao conteúdo violento do vídeo do assassinato dos jornalistas estadunidenses, como se esse tipo de cena não chocasse mais a público e por isso não precisasse de explicação para sua exibição. O filósofo Leonidas Donskis (2013) afirma que o excesso de visualização da violência faz com que as pessoas deixem de reagir e precisem de estímulos mais fortes para ter uma reação. O pesquisador usa o termo *Adiaphoron*, que em grego significa algo sem importância, para relacionar a falta de empatia com o próximo, que é visto como um objeto e não um ser humano.

Para que uma coisa agite a sociedade, deve ser realmente inesperada ou brutal. Assim, a sociedade e a cultura de massa os adiaforizam de forma inevitável. Os resultados da mídia não são só políticos. Ela produz indivíduos insensíveis, cuja natureza e atenção sociais só são despertadas por estímulos sensoriais e destrutivos. A estimulação torna-se um método e uma forma de autorrealização. Coisas transformadas em rotina não encantam ninguém - é preciso tornar-se um astro ou uma vítima para atrair algum tipo de atenção de sua própria sociedade (DONSKINS, 2014, p. 49).

Baudrillard defende que os meios de comunicação apenas nos dão vestígios da realidade, que são consumidos do conforto de casa. Essa distância afeta a maneira como as pessoas se comprometem com o que está acontecendo em sua volta.

O conteúdo das mensagens, os significantes dos signos são em grande parte irrelevantes. Nós não estamos envolvidos neles, e os meios de comunicação não envolvem-nos no mundo, mas oferecem para o nosso consumo signos como signos, ainda que signos credenciados com a garantia do real. É aqui que podemos definir a práxis de consumo. A relação do consumidor com o mundo real, à política, à história, à cultura não é uma relação de interesse, investimento ou responsabilidade comprometida - nem é de total indiferença: é uma relação de **curiosidade**. No mesmo padrão, podemos dizer que a dimensão do consumo como o definimos aqui não é um conhecimento do mundo, nem é de total ignorância: é a dimensão do **não-reconhecimento**. Curiosidade e não-reconhecimento, denotam uma única e mesma forma de comportamento geral em relação ao real, uma forma de comportamento generalizado e sistematizado pela prática de comunicação de massa e característica, portanto, da nossa 'sociedade de consumo'. Esta é a negação do real sobre a base de uma apreensão ávida e repetida de seus sinais (BAUDRILLARD, 1998, p. 35, grifo do autor, tradução nossa).³⁶

Outra justificativa para a publicação de fotografias de violência é a necessidade de retratar o mundo como ele é. Na justificativa que o portal UOL publicou com a foto do menino sírio, lê-se: "Mas o jornalismo existe para informar. E palavras não descreveriam com a força necessária a dimensão da tragédia em curso na Europa e Oriente Médio. Não nos compete suavizar a realidade, mas sim retratá-la com precisão". Linfield (2010) vê essa retratação do mundo com precisão, como justifica o portal, como falsa, já que a fotografia, quando não oferecida com um contexto, não consegue transmitir os pormenores da situação. A foto de um menino morto na beira da praia nem de longe consegue explicar o conflito que existe na Síria e suas consequências.

[...] Sekula teria feito uma queixa quase idêntica: a fotografia de documentário, ele diz, tem 'contribuído muito para o espetáculo, para a excitação retinal, para o voyeurismo, para o terror, inveja e nostalgia, e só um pouco para o entendimento crítico do mundo social.' [...] Fotografias não explicam a maneira como o mundo funciona; eles não oferecem razões ou causas; elas não nos contam histórias com um coerente, ou até mesmo um discernível começo, meio e fim. Fotografias não podem abrir um buraco por dentro para revelar a dinâmica interna dos eventos históricos (LINFELD, 2010, p. 21, tradução nossa).³⁷

³⁶ The content of the messages, the signifieds of the signs are largely immaterial. We are not engaged in them, and the media do not involve us in the world, but offer for our consumption signs as signs, albeit signs accredited with the guarantee of the real. It is here that we can define *the praxis of consumption*. The consumer's relation to the real world, to politics, to history, to culture is not a relation of interest, investment or committed responsibility -- nor is it one of total indifference: it is a relation of **curiosity**. On the same pattern, we can say that the dimension of consumption as we have defined it here is not one of knowledge of the world, nor is it one of total ignorance: it is the dimension of **misrecognition**. Curiosity and misrecognition denote one and the same form of overall behaviour towards the real, a form of behaviour generalized and systematized by the practice of mass communications and characteristic, therefore, of our 'consumer society'. This is the denial of the real on the basis of an avid and repeated apprehending of its signs.

³⁷ [...] Sekula would have made an almost identical claim: documentary photography, he charged, has 'contributed much to spectacle, to retinal excitation, to voyeurism, to terror, envy and nostalgia, and only a little to the critical understanding of the social world.' [...] Photographs don't explain the way the world works; they don't offer reasons or causes; they don't tell us stories with a coherent, or even discernible, beginning, middle, and end. Photographs can't burrow within to reveal the inner dynamics of historic events.

O sociólogo Gabriel Zacarias (2015) afirma que a fotografia de Allan é pobre de informações e seu apelo reside no fato de ser uma criança, que sensibilizaria quem tem filhos. Apenas de olhar para a imagem, não é possível saber a real situação na Síria, nem imaginar estar na mesma situação. O sociólogo também diz que a imagem só chamou a atenção pelo fato de Allan estar vestido como um menino ocidental e questiona se a comoção seria a mesma se ele estivesse trajando roupas típicas, como muitas outras crianças sírias que foram mortas nos conflitos e não tem suas fotos estampadas nas primeiras páginas dos jornais.

O fato de usar a imagem de uma criança para prender a atenção do público já chamava a atenção de Linfield (2010, p. 131, tradução nossa). "De fato, a aflição de crianças é tão indefensável que o impulso dos espectadores é querer fazer praticamente qualquer coisa para pará-la — e o desconforto que isso nos causa — o mais rápido possível."³⁸ A situação na Síria só voltou a ser destaque nos noticiários devido às crianças. Relatos de que os moradores estariam morrendo de fome em Madaya, que está sitiada, o que dificulta a entrada de mantimentos na cidade, chamou a atenção por só mostrar imagens envolvendo crianças.

³⁸ In fact, the affliction of children is so indefensible that the viewer's impulse is to want to do virtually anything to stop it — and the discomfort it cause us — most quickly.

Figura 23- Reportagem mostra sofrimento de população síria usando crianças como exemplo.

UOL notícias 🔍

ÚLTIMAS • SEU ESTADO • CIÊNCIA E SAÚDE • ECONOMIA • INTERNACIONAL • JORNAIS • OPINIÃO • POLÍTICA • TECNOLOGIA • + CANAIS •

Crise na Síria

NOTÍCIAS FOTOS VÍDEOS OITO CAPÍTULOS PARA ENTENDER A CRISE O INTERESSE DA RÚSSIA

Sitiada por guerra, população de cidade síria 'come cães e gatos' para não morrer de fome 🗨️ 56

BRASIL 07/01/2016 | 16h12

f t p in ✉️ 🔊 Ouvir 🖨️ Imprimir 📧 Comunicar erro

Cidadãos sírios estão morrendo de fome em Madaya, cidade próxima à capital Damasco e sitiada pelo governo em meio à guerra civil no país, segundo denunciaram ativistas da oposição.

"As pessoas estão morrendo. Elas estão comendo coisas do chão. Estão comendo cães e gatos", disse à BBC uma ativista cuja família está em Madaya.

Relatos também dão conta de situação semelhante em dois vilarejos xiitas no norte do país, que são alvo de um

Reprodução/Reuters



Vale palavrão?
Como o Congresso registra seus próprios "barracos"? 🗨️ 1

Tecnologia
Twitter passa por instabilidade e afeta diversos países 🗨️ 2

Saúde
Carnaval é 'coquetel explosivo' para espalhar zika, dizem infectologistas 🗨️ 2

Armas protegem?
Quais são os países onde policiais patrulham sem arma de fogo

Fonte: UOL³⁹

³⁹ Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2016/01/07/sitiada-por-guerra-populacao-de-cidade-siria-come-caes-e-gatos-para-nao-morrer-de-fome.htm>>. Acesso em: 07 jan. 2016.

Figura 24- Imagem de criança morrendo de fome ilustra reportagem sobre Síria.

ISOLADOS PELA GUERRA, SÍRIOS COMEM ATÉ TERRA E GRAMA



Fonte: UOL⁴⁰

Figura 25- Imagem de jovem desnutrido é usada em vídeo sobre crise na Síria.

globo.com | g1 | globoesporte | gshow | famosos & etc | videos

ASSINE JÁ | CENTRAL | E-MAIL | ENTRAR >

MENU | G1 | MUNDO | BUSCAR

As maiores ONGs alertaram que "se não houver uma ajuda de emergência" precisam de assistência imediata.

Um porta-voz da ONG disse à agência EFE que um hospital da cidade está atendendo 250 casos graves de desnutrição aguda. O coordenador regional de Comunicações da MSF, Sam Taylor, disse por telefone à agência que "a situação médica é extremamente complicada" nesta cidade.

Imagem chocante mostra jovem desnutrido por falta de alimentos em Madaya, na Síria (Foto: Local Revolutionary Council in Madaya/AP)

PUBLICIDADE

A RAINHA DA SUCATA VAI REINAR NA SUA CASA!

SÃO 12 DISCOS IMPERDÍVEIS.

COMPRAR

LOJA GLOBO

Últimas notícias	+
Bashar al-Assad	+
Genebra	+
ONU	+
Síria	+

Fonte: G1⁴¹

⁴⁰ Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2016/01/07/sitiada-por-guerra-populacao-de-cidade-siria-come-caes-e-gatos-para-nao-morrer-de-fome.htm>>. Acesso em: 07 jan. 2016.

⁴¹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/01/mais-de-20-pessoas-morrem-de-fome-em-cidade-sitiada-na-siria.html>>. Acesso em: 08 jan. 2016.

5.1 Publicar ou não publicar: eis a questão

Susan Sontag (2008, p.12) defende a publicação de fotos sobre violência a qualquer custo. Em seu livro "Diante da dor dos outros", a jornalista afirma que as imagens, principalmente as de guerra, precisam ser vistas por todo mundo, principalmente pelos "socialmente privilegiados", que não vivem no dia-a-dia os horrores que os conflitos causam e precisam ter ciência do que acontece no resto do mundo. "As fotos são meios de tornar 'real' (ou 'mais real') assuntos que as pessoas socialmente privilegiadas, ou simplesmente em segurança, talvez preferissem ignorar", diz a autora.

Mostrar um inferno não significa, está claro, dizer-nos algo sobre como retirar as pessoas do inferno, como amainar as chamas do inferno. Contudo, parece constituir um bem em si mesmo reconhecer, ampliar a consciência de quanto sofrimento causado pela crueldade humana existe no mundo que partilhamos com os outros (SONTAG, 2008, p. 95).

A jornalista Susie Linfield (2010) também concorda que as fotografias são importantes para a disseminação do conhecimento, principalmente em áreas que necessitem de ajuda humanitária, como hoje ocorre na Síria.

E é a câmera — a câmera imóvel, a câmera de filme, as câmeras de vídeo e agora, as câmeras digitais — que tem feito muito para globalizar nossa consciência; é a câmera que nos trouxe as más notícias do século vinte. Hoje é, simplesmente, impossível dizer, 'eu não sabia': fotografias nos roubaram o alibi da ignorância. Nós sabemos do sofrimento de vastas partes do mundo, de maneiras que nossos antepassados nunca puderam, e as imagens que nós vemos — em alguns lugares, sob algumas condições — demandam não só nosso interesse, mas nossa resposta (LINFIELD, 2010, p. 46, tradução nossa).⁴²

Mais do que mostrar os horrores de uma guerra, a publicação das fotografias pode levar também a agir, impedindo que tais atrocidades continuem a ser praticadas. Essa é a esperança de Sontag, que espera que as imagens tragam pelo menos a reflexão sobre o que está ocorrendo no mundo.

⁴² And it is the camera — the still camera, the film camera, the video camera, and now the digital camera — that has done so much to globalize our consciences; it is the camera that brought us the twentieth century's bad 'news. Today it is, quite simply, impossible to say, 'I didn't know': photographs have robbed us of the alibi of ignorance. We know of suffering in far-flung parts of the world in ways that our forebears never could, and the images we see — in some places, under some conditions — demand not just our interest but our response.

O fato de não estarmos completamente transformados, de podermos dar as costas, virar a página, mudar de canal, não impugna o valor ético de uma agressão por meio de imagens. Não é um defeito o fato de não ficarmos atormentados, de não sofrermos o *bastante* quando vemos essas imagens. Tampouco tem a foto a obrigação de remediar nossa ignorância acerca da história e das causas do sofrimento que ela seleciona e enquadra. Tais imagens não podem ser mais do que um convite a prestar atenção, a refletir, aprender, examinar as racionalizações do sofrimento em massa propostas pelos poderes constituídos (SONTAG, 2008, p. 97).

Já Linfield (2010) reconhece, e espera, que a fotografia possa trazer uma reflexão, mas se mostra cética quanto ao poder de transformação causado pela visualização de imagens. "Não que a fotografia pare as atrocidades, muito menos as previne: nossa inocência nessa área acabou faz tempo. A crença no poder da salvação da exposição pela exposição não pode mais ser sustentada" (LINFIELD, 2010, p. 47, tradução nossa).⁴³

Não há dúvida — como dizem Brecht, Sontag e Sekula — que fotografia tem, mais do que qualquer outro meio do século vinte, exposto a violência — feito a violência visível — para milhões de pessoas ao redor do mundo. Ainda, a história da fotografia também mostra quão limitada e inadequada essa exposição é: ver não necessariamente se traduz em acreditar, se importar ou agir. Essa é a dialética, e a falha, no centro da fotografia de sofrimento (LINFIELD, 2010, p. 33, tradução nossa).⁴⁴

O filósofo Roland Barthes (2001, p. 68) acusa os fotógrafos pela dificuldade em se relacionar com o tema das imagens. "Alguém tremeu por nós, refletiu por nós, julgou por nós; o fotógrafo não nos deixou nada — a não ser um simples direito de aprovação intelectual. [...] carregadas de sobre-indicações pelo próprio artista, para nós não têm história, não podemos inventar nosso acolhimento."

As duas pesquisadoras revelam pontos de vistas diferentes quanto a uma regulamentação do conteúdo transmitido pelos veículos de comunicação. Sontag (2008), por exemplo, critica a mídia por suavizar o conteúdo de suas publicações para não chocar o público.

Na era da guerra telemonitorada contra os inumeráveis inimigos do poder americano, as normas reguladoras do que deve e do que não deve ser visto ainda

⁴³ Not the photographs stops atrocities, much less prevent them: out innocence on that front ended long ago. The belief in the saving power of exposure can no longer be sustained.

⁴⁴ There is no doubt — pace Brecht, Sontag, and Sekula — that photography has, more than any other twentieth-century medium, exposed violence — made violence visible — to millions of people all over the globe. Yet the history of photography also shows just how limit and inadequate such exposure is: seeing does not necessarily translate into believing, caring, or acting. That is dialectic, and the failure, at the heart of the photograph of suffering.

estão sendo elaboradas. Os produtores de programas jornalísticos na tevê e os editores de fotografia das revistas e dos jornais tomam, todos os dias, decisões que consolidam o instável consenso acerca dos limites do conhecimento do público. Muitas vezes suas decisões são cunhadas como julgamentos a respeito do 'bom gosto' — sempre um critério repressivo quando invocado por instituições. Permanecer dentro dos limites do bom gosto foi a razão primária apresentada para não exibir nenhuma das horripilantes imagens dos mortos colhidas no local do atentado contra o World Trade Center, logo após o ataque no dia 11 de setembro de 2001. (Os jornais sensacionalistas, em formato tabloide, são em geral mais atrevidos do que os jornais sérios, em formato grande, quando se trata de imprimir imagens sinistras; a foto da mão amputada de um homem sobre uma pilha de entulho do World Trade Center saiu em uma edição tardia do *Daily News*, de Nova York, pouco depois do atentado; aparentemente não foi publicada em nenhum outro jornal.) E os noticiários de tevê, com seu público muito mais amplo e, portanto, muito mais receptivos às pressões dos anunciantes, trabalham sob uma coerção ainda mais rigorosa e, em sua maior parte, auto-policada quanto ao que é 'adequado' para ir ao ar. Essa nova insistência no bom gosto em uma cultura saturada de estímulos comerciais em favor de padrões de gosto mais baixo pode ser algo intrigante. Mas faz sentido se entendida como um ocultamento de um infinidade de preocupações e de anseios a respeito da ordem pública e da moral pública que não podem ser explicitados, e também como uma indicação da incapacidade de apresentar ou defender de outra maneira as convenções tradicionais relativas ao modo de prantear os mortos. O que se pode mostrar, o que não se deveria mostrar — poucas questões suscitam um clamor público mais forte (SONTAG, 2008, p.59-60)

Assim como nos casos de notícias sensacionalistas, como visto no capítulo 2, em que as fotografias de vítimas podem ser vistas como um desrespeito às famílias dos mortos, Sontag também critica a censura sobre esse tipo de imagem. Para a pesquisadora, o direito ao conhecimento de um fato é mais importante do que o respeito às famílias das vítimas e volta a criticar os meios de comunicação por sucumbir às pressões do público.

O outro argumento muitas vezes empregado para suprimir imagens evoca o direito dos parentes. Quando um semanário de Boston difundiu na internet um vídeo de propaganda feito no Paquistão que mostrava a 'confissão' (de que ele era judeu) e o subsequente ritual de execução do jornalista americano sequestrado Daniel Pearl, em Karachi, no início de 2002, ocorreu um veemente debate no qual o direito da viúva de Pearl de ser poupada de mais sofrimento foi brandido contra o direito do jornal de imprimir ou difundir pela internet aquilo que julgasse adequado, e contra o direito do público de ver as imagens. O vídeo foi rapidamente retirado do ar. O notável é que ambos os lados trataram os três minutos e meio de horror como se fosse apenas um tipo de filme pornô e sádico que mostra, no fim, a morte real de um dos atores (SONTAG, 2008, p. 60).

Susie Linfield concorda com Sontag quanto a necessidade de se ver as fotografias, mas defende um limite para a superexposição. A jornalista cita as atrocidades cometidas pelo Estado Islâmico, que vem realizando uma série de decapitações, tendo os prisioneiros estrangeiros sua

execução filmada e exposta para o mundo, como aconteceu com o jornalista estadunidense Daniel Pearl, capturado e decapitado no Paquistão em 2002.

E assim os assassinos de Pearl e seus camaradas me ensinaram algo. Este livro argumenta repetidamente que nós precisamos olhar para a violência no mundo em que habitamos; mas há um limite para o quanto de crueldade visual eu quero ver. Eu não quero assistir Daniel Pearl, ou lamentáveis outros, quando suas cabeças são talhadas de seus corpos; eu não quero assistir iraquianos ou afegãos ou israelitas como homens-bomba, sendo transformados de seres humanos inteiros em fragmentos de carne. Essa não é uma questão de moralidade complexa ou princípios políticos, mas uma simples ruptura. Aqui é o ponto no qual eu me vejo dizendo não simplesmente 'é o suficiente', mas: 'é demasiado'. (LINFIELD, 2010, p. 171, tradução nossa).⁴⁵

Se uma imagem como a de Allan serve para despertar a atenção do público para a situação dos refugiados sírios, a imagem dos jornalistas assassinados nos Estados Unidos traz apenas o terror cotidiano. Nenhum dos portais se justificou por mostrar as imagens, apenas advertindo o público para o teor violento do vídeo. De acordo com Susan Sontag (2008), a cultura de massa é a responsável pelo que é aceitável ser publicado e a cada dia tem seus limites estendidos.

Como todos já observaram, existe uma curva ascendente da violência e do sadismo aceitáveis na cultura de massa: filmes, programas de tevê, quadrinhos, jogos de computador. Uma imagística que teria feito o público encolher-se e virar a cara de nojo quarenta anos atrás é vista sem sequer um piscar de olhos por qualquer adolescente nos cinemas. De fato, para muitas pessoas na maioria das culturas modernas, a brutalidade física é antes um entretenimento do que um choque. Mas nem toda violência é vista com igual distanciamento. Algumas desgraças são mais passíveis de ironia do que outras (SONTAG, 2008, p. 84).

A violência, de acordo com Michaud, está no pânico que as imagens violentas mostradas diariamente nos meios de comunicação causam.

Cada novo fenômeno pode causar um surto de pânico moral e uma reação exagerada. Podemos ver aqui uma espécie de medo controlado ou domesticado. A questão é que o medo se tornou desde então parte da cultura popular, nutrindo nossa imaginação perturbada e apocalíptica: terremotos, tsunamis, outros desastres naturais e crimes de guerra deixaram de se situar num plano remoto da realidade. Agora estão conosco o tempo todo, alimentando nossa mídia sensacionalista e privando-nos do doce sonho de que haja em algum lugar (ou pelo menos deveria

⁴⁵ And so Pearl's killers and their comrades have taught me something. This book argues again and again the we need to look at the violence of the world we inhabit; but there is a limit to the visual cruelty that I want to let in. I do not want to watch Daniel Pearl, or piteous others, as their heads are sliced away from their bodies; I do not want to watch Iraqis or Afghans or Israelis as the suicide bombers transform them from whole human being into fragments of flesh. This is not a matter of complex morality or political principle but one of simple breakage. Here is the point at which I find myself saying not just 'enough', but: 'Too much.'

haver) uma ilha distante onde pudéssemos nos sentir absolutamente seguros e felizes (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 116-117).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os folhetins na França no século XVI, que tinham maior venda os que traziam assuntos sobre violência, até o mundo online, na qual as notícias desse tipo são as mais lidas, o sensacionalismo vem sendo usado com cada vez mais frequência, contando com a predileção do público.

A tecnologia também contribuiu para essa proliferação. A invenção da fotografia provou ser um aliado importante da mídia na composição de notícias e as imagens permitiram que o público pudesse conhecer o mundo sem sair de casa. Usada para chamar a atenção para problemas sociais, a imagem também foi usada para trazer ao público o bizarro e o sensacional. As fotografias ganharam movimento e logo a televisão veio se aliar aos jornais e revistas na disseminação das imagens de violência. Com a internet, todas as mídias foram agrupadas em um só lugar, permitindo aos veículos de comunicação o lançamento de notícias multimídias.

A banalização das imagens violentas na mídia já vem sendo estudada por diversas áreas, devido a seu impacto na população. O mais visível é a dessensibilização diante da violência cotidiana. Acostumados a ver pessoas sendo baleadas, esfaqueadas ou atropeladas, o público já não reage quando vê tal situação na vida real, aproveitando para filmar ou fotografar o evento em busca da fama de ter seu conteúdo reproduzido nos veículos de comunicação. A mídia, cada vez mais dependente de imagens, incentiva o envio de imagens que possam trazer mais realidade as suas notícias. Mas a principal preocupação dos pesquisadores está na influência que a violência retratada em excesso pode causar. As crianças, principal alvo dos estudos, são as que mais sofrem a influência negativa dessa banalização, já que estão moldando seu caráter de acordo com o que vêem da mídia.

Dois portais foram estudados para essa dissertação: UOL e globo.com, devido a visibilidade que possuem. Dos muitos exemplos que podem ser vistos nesse trabalho, dois se destacaram e receberam mais atenção. O primeiro exemplo traz a foto de Allan Kurdi, um menino sírio de três anos, encontrando morto em uma praia na Turquia, quando o bote que trazia um grupo de refugiados naufragou. O outro exemplo traz o assassinato de uma equipe de jornalismo por um ex-colega de trabalho, ocorrido nos Estados Unidos. O que difere os dois casos foi a maneira como os dois portais trataram as notícias. No caso de Allan, os dois sites se justificaram pela publicação da foto, por se tratar de uma imagem violenta. Tão forte e violenta quanto a foto de Allan, o vídeo do

assassinato dos jornalistas recebeu no máximo um alerta antes do começo das imagens. Essa diferença mostra como a banalização da violência tornou o vídeo de pessoas sendo baleadas em algo comum e que pode ser publicado sem pudores.

Se uma imagem pode ser importante para trazer à tona os problemas enfrentados por nações mais distantes, ela ainda é pouco utilizada pela mídia, que prefere se ater à violência cotidiana. Foi preciso uma criança ser encontrada morta em uma praia para que as mazelas dos refugiados sírios chamassem a atenção. Mas o que incomoda é que a maioria das imagens não traz o clamor por mudança. É apenas a violência pela violência, a constante lembrança da fragilidade humana, como no exemplo do motociclista morto, ou dos linchamentos que estampam as páginas principais dos portais. Mais do que isso, a banalização da violência nos transporta para uma realidade cruel, onde impera o medo e o pânico, como afirma Michaud. Exemplos disso são encontrados diariamente nas páginas de conglomerados jornalísticos e nos muitos exemplos citados durante esse trabalho.

O que se vê atualmente é uma ampliação dos limites do que é aceitável para publicação, contrariando muitas vezes os manuais de redações, o que preocupa os pesquisadores. Diante de toda discussão, soluções radicais não são a resposta. Ao invés de censurar as imagens violentas, banindo-as dos noticiários, deve-se questionar quais imagens são importantes para uma melhor compreensão da história e quais são dispensáveis, por trazerem apenas o grotesco. Para isso, os veículos de comunicação precisam fazer a mesma indagação de Susie Linfield: o quanto é suficiente e o quanto já é demasiado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVIC, M. Rythm 0 (1974). **Vimeo**. Disponível em: <<https://vimeo.com/71952791>>. Acesso em: 23 jul. 2015.
- ALESSI, G. CYMBALUK, F. Linchadores não acham que praticam crimes nem tentam esconder identidade. **UOL**. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/05/09/linchamentos-ocorrem-em-areas-onde-o-estado-nao-age-dizem-especialistas.htm>> Acesso em: 09 mai. 2014.
- AMARAL, M. F. **Sensacionalismo: inoperância explicativa**. Em questão, Porto Alegre, v.9, n.1, p. 133-146, jan/jun. 2003.
- ANGRIMANI, D. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995.
- ARBEX JUNIOR, J. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.
- ARENDT, H. Compreensão e política (As dificuldades da compreensão). In: ARENDT, H. **Compreender: formação, exílio e totalitarismos**. São Paulo: Cia. das Letras / Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- _____. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2014.
- Atirador filmou ataque em primeira pessoa nos EUA. **UOLTV**. Disponível em: <<http://tvuol.uol.com.br/video/atirador-filmou-ataque-em-primeira-pessoa-nos-eua-04020C1C316EE0A95326>>. Acesso em: 26 ago. 2015.
- BARTHES, R. Fotos-choque. In: BARTHES, R. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BAUMAN, Z.; DONSKIS, L. **Cegueira moral: a perda de sensibilidade na modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- BAUDRILLARD, J. **The consumer society: Myths and structures**. London: SAGE Publications, 1998.
- BOECHAT, B. Assaltante é amarrado em poste e espancado até a morte por pedestres em São Luís. **EXTRA**. Disponível em: <<http://extra.globo.com/casos-de-policia/assaltante-amarrado-em-poste-espancado-ate-morte-por-pedestres-em-sao-luis-16686215.html#ixzz3gjSPxCSF>>. Acesso em: 07 jul. 2015.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- BUCCI, E. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BUITONI, D. **Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem**. São Paulo: Saraiva, 2011.
- BRAZIER, C. MH17: my error of judgment, by Sky News reporter. **The Guardian**. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/media/2014/jul/22/mh17-sky-news-reporter-colin-brazier-crash-victims-luggage>> . Acesso em: 22 abr. 2015.

CARDIA, Nancy. **Exposição à violência** : seus efeitos sobre valores e crenças em relação a violência, polícia e direitos humanos. Lusotopie, 2003 : 299-328. Disponível em: <<http://www.nevusp.org/downloads/down066.pdf>> Acesso em: 18 jul. 2014.

CLIFFORD, S. Survey Finds Slack Editing on Magazine Web Sites. **New York Times**. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2010/03/01/business/media/01mag.html?adxnml=1&ref=business&adxnmlx=1267531557-725L29wHQBP EaIPCA37VwA&r=0>>. Acesso em: 27 jan. 2015.

CHRISTOFOLETTI, R. **Ética no jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

COELHO, C. N. P.; CASTRO, V. J. (org). **Comunicação e Sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.

D'AGOSTINI, R. Dias de intolerância. **G1**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/dias-de-intolerancia/platb/#inicio>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

DINES, A. Sensacionalismo na imprensa. In: MELO, J. M. **Jornalismo sensacionalista: documentos da I Semana de Estudos de Jornalismo, 1969**. São Paulo: Aleph, 1972.

Dorothea Lange's "Migrant Mother" Photographs in the Farm Security Administration Collection: An Overview. **The Library of Congress**. Disponível em: <http://www.loc.gov/rr/print/list/128_migm.html>. Acesso em: 05 set. 2015.

FIA pede investigação urgente sobre causas do acidente de Jules Bianchi. **Globo Esporte**. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/motor/formula-1/noticia/2014/10/fia-pede-investigacao-urgente-sobre-causas-do-acidente-de-jules-bianchi.html>> Acesso em: 07 out. 2014.

Foto chocante de menino morto revela crueldade de crise migratória. **G1**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/foto-chocante-de-menino-morto-vira-simbolo-da-crise-migratoria-europeia.html>>. Acesso em: 02 set. 2015.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2013.

FREUD, S. **O ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FROMM, E. **Las cadenas de la ilusión: una autobiografía intelectual**. Barcelona: Paidós, 2008.

GOLDSTEIN, J. **The attractions of violent entertainment**. Media Psychology, 1999.

HAGEMEYER, R. **História e audiovisual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

HUESMANN, R. L. **The impact of electronic media violence: scientific theory and research**. Journal of Adolescent Health, n.41, p. 06-13, 2007.

HUESMANN, R.L.; SKORIC, M.M. Regulating media violence: why, how and by whom? In: PALMER, E.L.; YOUNG, B.M. **The faces of televisual media: teaching, violence, selling to children**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2013.

HUESMANN, R. L. et al. **Longitudinal relations between children's exposure to TV violence and their aggressive behavior in young adulthood: 1977-1992**. Developmental Psychology, v.39, n.2, p. 201-221, 2003.

- _____. **Does television violence cause aggression?** American Psychologist, 1972.
- JUSTI, A. Professores e polícia entram em confronto durante votação na Alep. **G1 PR**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2015/04/professores-entram-em-confronto-com-pm-durante-votacao-na-alep.html>>. Acesso em: 29 abr. 2015.
- KAWAGUTI, L. PUFF, J. Polícia usa violência em protesto e fere ao menos 10 jornalistas no Rio. **BBC Brasil**. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140713_wc2014_protesto_feridos_lk_lgb>. Acesso em: 05 jun. 2015.
- KOSSOY, B. **Os tempos de fotografia: o efêmero e o perpétuo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- _____. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- LIFENEWS. **Exclusive footage of the crash site, "Boing"**. Disponível em: <<http://lifenews.ru/news/136823>>. Acesso em: 05 set. 2014.
- LINFIELD, S. **The cruel radiance: photography and political violence**. Chicago, IL: The University of Chicago Press, 2010.
- Jornalistas são mortos nos EUA por atirador durante transmissão ao vivo. **G1**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/08/jornalistas-de-tv-morrem-em-tiroteio-durante-entrevista-ao-vivo.html>>. Acesso em: 26 ago. 2015.
- Mais de 20 pessoas morrem de fome em cidade sitiada na Síria. **G1**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/01/mais-de-20-pessoas-morrem-de-fome-em-cidade-sitiada-na-siria.html>>. Acesso em: 08 jan. 2016.
- MARTINS, J. S. **Linchamentos: a justiça popular no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.
- MCCOMBS, M. **A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- MELO, J. M. **Jornalismo sensacionalista: documentos da I Semana de Estudos de Jornalismo**, 1969. São Paulo: Aleph, 1972.
- METZ, C. **A significação do cinema**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- MICHAUD, Y. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.
- MININNI, G. **Psicologia cultural da mídia**. São Paulo: A Girafa Editora: Edições Sesc SP, 2008.
- MIYABARA, S. Leitor diz que sensacionalismo da mídia estimula a violência. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2013/08/1331548-leitor-diz-que-sensacionalismo-da-midia-estimula-a-violencia.shtml>>. Acesso em 17 out. 2013.
- MUNGER, D. Would we still obey? The first replication of Milgram's work in over 30 years. Scienceblogs. Disponível em: <<http://scienceblogs.com/cognitivedaily/2009/01/26/would-we-still-obey-the-first/>>. Acesso em: 04 de set. 2015.
- Morre ciclista esfaqueado na Lagoa, na Zona Sul do Rio. **G1**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/05/morre-ciclista-esfaqueado-na-lagoa-na-zona-sul-do-rio.html>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

National Survey Finds Majority of Journalists Now Depend on Social Media for Story Research. Disponível em: <<http://www.cision.com/us/about/news/2010-press-releases/national-survey-finds-majority-of-journalists-now-depend-on-social-media-for-story-research/>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

Quatro adolescentes são brutalmente agredidas e estupradas no Piauí. **G1**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2015/05/quatro-adolescentes-sao-violentadas-em-castelo-do-piaui.html>> Acesso em: 29 mai. 2015.

Por que publicamos a imagem do menino sírio afogado? **UOL**. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2015/09/02/por-que-publicamos-a-imagem-do-menino-sirio-afogado.htm#comentarios>>. Acesso em: 02 set. 2015.

PRADO, M. **Webjornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

PORTÃO, R. G. Como se faz “notícias populares”. In: MELO, J. M. **Jornalismo sensacionalista: documentos da I Semana de Estudos de Jornalismo, 1969**. São Paulo: Aleph, 1972.

Portal **Globo**. Disponível em: <globo.com>. Acesso em: 7 a 16 de jul. 2015.

Grupo Globo. Disponível em: <<http://grupoglobo.globo.com>>. Acesso em: 30 jan. 2015.

Reféns de atentados de Paris denunciam meios de comunicação. **France Presse**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/04/refens-de-atentados-de-paris-denunciam-meios-de-comunicacao.html>>. Acesso em: 03 abr. 2015.

ROUILLE, André. **A fotografia: entre o documento e a arte contemporânea**. São Paulo: Editora SENAC, 2009.

Redução da maioria penal é aprovada por 87%, diz Datafolha. **G1**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/06/reducao-da-maioridade-penal-e-aprovada-por-87-diz-datafolha.html>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

Sitiada por guerra, população de cidade síria 'come cães e gatos' para não morrer de fome. **BBC Brasil/UOL**. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2016/01/07/sitiada-por-guerra-populacao-de-cidade-siria-come-caes-e-gatos-para-nao-morrer-de-fome.htm>>. Acesso em: 07 jan. 2016.

SONTAG, S. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUSA, J.P. **Fotojornalismo: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2004.

TV britânica se desculpa por repórter que mexeu em mala do voo MH17. **G1**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/07/tv-britanica-se-desculpa-por-reporter-que-mexeu-em-mala-do-voe-mh17.html>>. Acesso em: 22.abr. 2015

UOL História. **UOL**. Disponível em: <<http://sobreuol.noticias.uol.com.br/historia/linhadotempo.jhtm>> <http://grupoglobo.globo.com/pdf/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.pdf>> . Acesso em: 30 jan. 2015

Vídeo mostra morte de motociclista após briga de trânsito em Poços, MG. **G1**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2014/12/video-mostra-morte-de-motociclista-apos-briga-de-transito-em-pocos-mg.html>> Acesso em 06 dez. 2014.

Vídeo de garoto estrangulado em briga foi filmado em 2013. **News Rondônia**. Disponível em: <<http://www.newsrondonia.com.br/noticias/video+de+garoto+estrangulado+em+briga+foi+filmado+em+2013/49013>> Acesso em: 07 out. 2014.

ZACARIAS, G. O que não vimos. **O Estado de S. Paulo**. Disponível em: <<http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,o-que-nao-vimos,1756884>>. Acesso em: 05 set. 2015.

ANEXOS

Crise de imigração na Europa

NOTÍCIAS FOTOS VÍDEOS AS ROTAS CONFLITOS QUE ALIMENTAM A FUGA DOS REFUGIADOS C

Corpo de criança refugiada afogada aparece em praia de resort turco 445

Do UOL, em São Paulo 02/09/2015 | 12h49



Por que publicamos a imagem do menino sírio afogado? Leia: <http://uol.com/bhf54R>

Uma imagem chocante, que ilustra o drama dos refugiados que tentam chegar à Europa a qualquer custo, chegou ao topo das edições online dos principais jornais do mundo e viralizou nas redes sociais nesta quarta-feira (2).

A imagem mostra uma criança de no máximo dois anos de idade, vestindo bermuda azul, camiseta vermelha e sapatos pretos encharcados, seu rosto pousado contra a areia das praias de Bodrum, na Turquia (veja abaixo; atenção, o conteúdo pode chocar).

Uma segunda foto, também dramática, mostra seu corpo sendo recolhido momentos mais tarde por um agente de segurança turco.

O menino era provavelmente um dos cerca de 12 refugiados sírios que morreram afogados após seus botes afundarem próximo à península de Bodrum -- um balneário com resorts de luxo frequentados por praticantes de mergulho -- numa tentativa de chegar à ilha de Kos, na Grécia.

Pelo menos uma mulher e cinco crianças estavam entre as vítimas da travessia fracassada. Segundo o governo grego, eles fugiam do Estado Islâmico na Síria.

Kos tem sido o destino buscado por milhares de refugiados que tentam chegar à Europa. Apenas nesta quarta, 2.500 deles chegaram ao local a bordo de 60 botes e barcos precários.

Veja a seguir a imagem do menino afogado, que viralizou com a hashtag #HumanidadeLavadaàCosta (#KiyiyaVuranInsanlik).



(Com agências internacionais)

Crise de imigração na Europa

[NOTÍCIAS](#) [FOTOS](#) [VÍDEOS](#) [AS ROTAS](#) [CONFLITOS QUE ALIMENTAM A FUGA DOS REFUGIADOS](#)

Por que publicamos a imagem do menino sírio afogado? 410

Do UOL, em São Paulo 02/09/2015 | 13h40

[Ouvir texto](#)[Imprimir](#)[Comunicar erro](#)

Nilufer Demir/Reuters



As imagens são chocantes. Na primeira, um policial turco encontra o corpo de um menino sírio na costa de Bodrum, balneário popular no verão europeu. De camiseta vermelha e bermuda azul, ele está de bruços, com o rosto para baixo, próximo à linha da água. Na segunda foto, o policial é visto carregando o corpo da criança para fora da praia.

O garoto era uma das 12 pessoas que perderam a vida na travessia marítima em direção à ilha grega de Kos. Entre os mortos havia outras quatro crianças e uma mulher.

A Europa enfrenta uma das mais graves crises migratórias da sua história recente. Milhares de sírios trocam a perspectiva de uma morte certa em território controlado pelo Estado Islâmico pela possibilidade de sobreviver no continente europeu. Em muitos casos, como o de hoje, a esperança termina em tragédia.

A notícia é relevante e merece destaque. Mas a imagem forte deveria estampar a primeira página do **UOL**, acessada por milhões de pessoas todos os dias? Nossos usuários deveriam, sem qualquer aviso prévio, ser impactados pela foto?

Nós entendemos que sim.

Imagens influenciam o curso da história. Em 1972, a foto de uma menina vietnamita correndo nua após o lançamento de bombas incendiárias perto de Trang Bàng fortaleceu o movimento antiguerra, que terminou três anos depois.

A decisão de hoje não foi fácil. Além de jornalistas, somos pais, mães, filhos, tios. E as fotos nos comovem profundamente. Provavelmente seremos acusados de sensacionalismo e de busca por audiência fácil -- quando o cenário mais provável é que a imagem espante as pessoas, em vez de atraí-las.

Mas o jornalismo existe para informar. E palavras não descreveriam com a força necessária a dimensão da tragédia em curso na Europa e Oriente Médio. Não nos compete suavizar a realidade, mas sim retratá-la com precisão.



02/09/2015 15h57 - Atualizado em 02/09/2015 16h59

Foto chocante de menino morto revela crueldade de crise migratória

Corpo de garoto foi encontrado em praia turca após naufrágio. Jornal inglês questiona se poder da imagem fará Europa mudar política.

Do G1, em São Paulo



AVISO:
A IMAGEM É FORTE



Policial paramilitar turco investiga o local onde apareceu o corpo de uma criança imigrante numa praia de Bodrum, na Turquia (Foto: AP)

As imagens de um menino sírio morto numa praia da Turquia viraram símbolo da crise migratória que já matou milhares de pessoas do Oriente Médio e da África que tentam chegar à Europa para escapar de guerras, de perseguições e da pobreza.

O corpo do menino apareceu nesta quarta-feira (2) em Bodrum depois que duas embarcações com imigrantes naufragaram. Pelo menos nove sírios morreram, segundo a agência AFP -- outros veículos já citam 12. As duas embarcações haviam partido de Bodrum e tentavam chegar à ilha grega de Kos, anunciaram as autoridades locais.

A foto virou um dos assuntos mais comentados no Twitter e diversos veículos da imprensa internacional o destacaram como emblemática da gravidade da situação, até mesmo com potencial para ser um divisor de águas na política europeia para os imigrantes.

saiba mais

Imigrantes sírios morrem afogados em tentativa de chegar à Grécia

"Se estas imagens com poder extraordinário de uma criança síria morta levada a uma praia não mudarem as atitudes da Europa com relação aos refugiados, o que mudará?", questiona o jornal britânico "Independent". As fotos são "um forte lembrete de que, enquanto os líderes europeus progressivamente tentam impedir

refugiados e imigrantes de se acomodarem no continente, mais e mais refugiados estão morrendo em seu seu desespero para escapar da perseguição e alcançar a segurança", acrescenta.

"The Guardian", outro jornal britânico, disse que as fotos levaram para as casas das pessoas "todo o horror da tragédia humana que vem acontecendo no litoral da Europa".

O americano "Washington Post" classificou a imagem de "o mais trágico símbolo da crise de refugiados do Mediterrâneo".

Grave crise

O mundo enfrenta a pior crise de refugiados desde a Segunda Guerra Mundial, segundo organizações como a Anistia Internacional e a Comissão Europeia. Mais de 350 mil imigrantes atravessaram o Mediterrâneo desde janeiro deste ano e mais de 2.643 pessoas morreram no mar quando tentavam chegar à Europa, segundo dados da OIM (Organização Internacional para as Migrações).

Quase 220 mil chegaram à Grécia e quase 115 mil, à Itália. Mais de 2 mil chegaram à Espanha e uma centena a Malta. O número no decorrer de 2015 supera com folga o total de 2014, quando 219 mil migrantes tentaram atravessar o Mediterrâneo.

A maioria dos migrantes que chegam à Grécia por mar são sírios em fuga da guerra em seu país. Entre os que chegaram à Itália, os mais numerosos são os eritreus.

A travessia do Mediterrâneo é feita em botes ou em embarcações superlotadas, sem os mínimos requisitos de segurança, por traficantes de pessoas. A viagem pode custar mais de R\$ 10 mil por pessoa, o que torna o negócio altamente lucrativo - uma única embarcação pode render US\$ 1 milhão.



origens

a travessia

mortes

missões de resgate

caso alan kurdi

como ajudar

Reação da Europa

A chegada de centenas de milhares de imigrantes confundiu a União Europeia, que eliminou todos seus controles fronteiriços para viagens entre 26 países de sua área, mas requer que as pessoas que buscam asilo permaneçam no país onde chegaram, até que suas aplicações sejam processadas.

Alguns governos têm se recusado a receber refugiados e resistido a propostas da União Europeia para criar um plano comum para lidar com a crise.

No sábado (29), a Hungria anunciou que finalizou a construção de uma barreira constituída de três rolos de arame farpado que se estende ao longo de 175 km da fronteira com a Sérvia. A medida foi criticada pela França. A Comissão Europeia também deixou claro seu desagrado com a cerca húngara, mas o país não enfrenta sanção por construí-la.

A Alemanha tem tomado algumas iniciativas positivas com relação à acolhida dos refugiados. Inicialmente, o país favoreceu que os sírios peçam refúgio diretamente à Alemanha após excluí-los do Regulamento de Dublin. Esse regulamento indicava que esse estrangeiro fosse encaminhado ao país onde migrante ingressou na União Europeia. Países como a Itália e Grécia, por exemplo, têm recebido um número muito elevado de migrantes que chegam pelo mediterrâneo.



Agentes analisam local onde foi encontrado um menino morto em praia de Bodrum, na Turquia (Foto: AP/)



Policial paramilitar recolhe o corpo de uma criança morta que apareceu em praia de Bodrum, na Turquia (Foto: AP/DHA)

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

SÁBADO, 30 DE JANEIRO DE 2016 09:29

modo

Repórter e cinegrafista são baleados e mortos em cobertura ao vivo nos EUA



DE SÃO PAULO
DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

26/08/2015 © 10h14 - Atualizado às 15h38



Dois jornalistas de televisão foram baleados e mortos durante uma entrevista ao vivo no Estado americano da Virgínia na manhã desta quarta-feira (26), informou sua emissora, a WDBJ.

O incidente aconteceu durante uma transmissão às 6h45, horário local (7h45 em Brasília) no shopping Bridgewater Plaza, na cidade de Moneta, no condado de Franklin.

Os profissionais mortos foram identificados como a repórter Alison Parker, 24, e o cinegrafista Adam Ward, 27.

O atirador foi identificado como Vester Lee Flanagan 2º, 41, informou a agência de notícias Associated Press com base em dados fornecidos pela polícia do Condado de Augusta.

PUBLICIDADE

★ ★ ★
Nesta semana
Louis Vuitton
e outros

APENAS
R\$ 18,90

Morador de Roanoke, na Virgínia, ele usava Bryce Williams como nome profissional e trabalhou como apresentador no canal WDBJ, o mesmo de Parker e Ward, entre 2012 e 2013.

O suspeito, que [gravou o ataque](#) e postou o vídeo no Twitter, [morreu no hospital](#) para onde foi levado após ter sido capturado pela polícia.



Durante a transmissão ao vivo, Parker entrevistava uma mulher sobre turismo. Ela sorria quando ao menos oito tiros foram disparados. A câmera caiu no chão e aparentemente capturou o atirador. Parker pode ser ouvida gritando antes de ser morta.

Após os tiros, a transmissão volta para uma âncora no estúdio, que aparece visivelmente chocada com o incidente.



A repórter Alison Parker e o cinegrafista Adam Ward, da emissora WDBJ, foram baleados e mortos

"Nós não sabemos o motivo. Não sabemos quem é o assassino", disse o diretor da WDBJ, Jeffrey Marks. "Nossos corações estão partidos."

"Nós ouvimos gritos e depois não ouvimos mais nada, e a câmera caiu", afirmou Marks. "Escolhemos não transmitir o vídeo [do incidente] agora porque, francamente, nós não precisamos vê-lo de novo e nossos funcionários não precisam vê-lo de novo."



A mulher que era entrevistada durante o incidente foi identificada como Vicki Gardner, diretora executiva da Câmara de Comércio Regional de Smith Mountain Lake.

Gardner levou um tiro nas costas e foi submetida a uma cirurgia de emergência, disse Barb Nocera, ligada à câmara, ao jornal "Roanoke Times".

Segundo a emissora CNN, a polícia de Nova York reforçou a segurança em torno das emissoras da cidade.

reprodução/twitter/CriticalThinker



Imagem captada pela câmera da reportagem mostra atirador

De acordo com a WDBJ, Ward se formou no ensino médio na escola Salem e na universidade estadual Virginia Tech.

"Adam era nosso 'craque'. Ele estava disponível para praticamente tudo que pedíssemos", disse o porta-voz da WDBJ, Mike Morgan. "Ele fazia tomadas ao vivo para nosso programa matinal por vários anos."

Parker cresceu em Martinsville e frequentava o colégio comunitário Patrick Henry antes de iniciar sua graduação na Universidade James Madison. Segundo seu perfil no Facebook, ela praticava caiaquismo e gostava de ir ao teatro.

Segundo Chris Hurst, âncora da WDBJ, ele e Parker namoravam há quase nove meses e queriam se casar. "Estou paralisado."

"Ela era a mulher mais radiante que eu já conheci", disse Hurst. "E por algum motivo ela me amava de volta. Ela amava sua família, seus pais e seu irmão."



Chris Hurst 
@chrishurstwdbj

 Follow

We didn't share this publicly, but @AParkerWDBJ7 and I were very much in love. We just moved in together. I am numb.

10:31 AM - 26 Aug 2015

  20,775  20,254



👍 100% 👎 0% | </> Copie o código embed | 👁 150118

UOL Notícias

[Seguir](#)

Atirador filmou ataque em primeira pessoa nos EUA

26/08/2015 | 13h40



Comunicar erro

O atirador que assassinou nesta quarta-feira ao vivo uma repórter e um cinegrafista na Virgínia (leste dos Estados Unidos) filmou a cena na qual os mata e divulgou dois vídeos em suas contas do Twitter e Facebook. O vídeo contém cenas chocantes.



Notícias | **Especiais** | **Opinião** | **Samuel** | **Hoje na História** | **Babel**

Arqueologia # Atentados em Paris # Colômbia # Direitos humanos # Eleição

ESTADOS UNIDOS

Repórter e cinegrafista morrem baleados durante reportagem ao vivo nos EUA; vídeo

Redação | São Paulo - 26/08/2015 - 10h18

Eles faziam entrada ao vivo no jornal matinal de uma emissora na Virgínia, quando desconhecido começou a atirar; jornalista tinha acabado de se mudar para casa do namorado



0



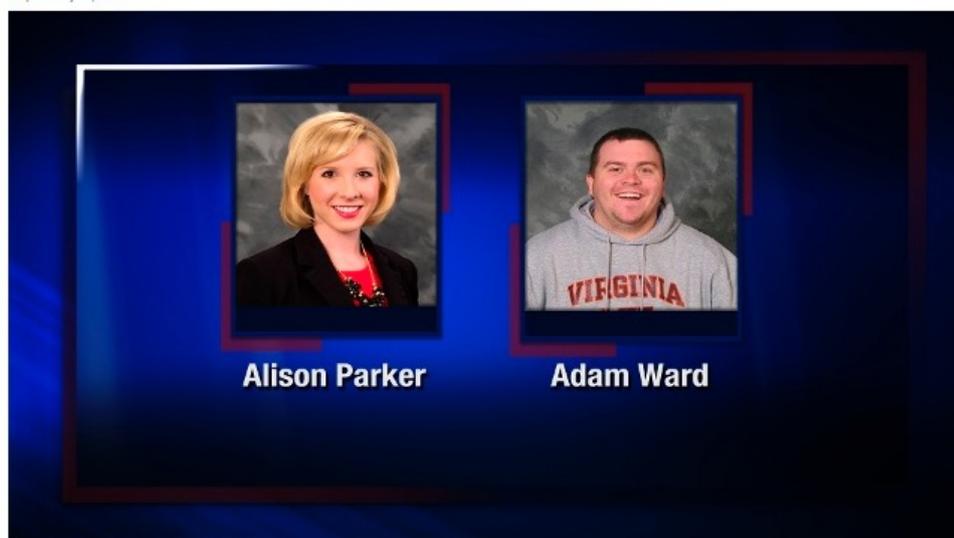
999+



Atualizada às 11h34

A repórter Alison Parker, de 27 anos, e o cinegrafista Adam Ward, de 24, morreram baleados nesta quarta-feira (26/08) enquanto faziam uma entrada ao vivo em um canal afiliado à rede CBS, nos Estados Unidos, em um telejornal matinal.

Reprodução/WBDJ7



Allison Parker e Adam Ward, em imagem fornecida pela emissora

A informação foi confirmada pela emissora WBDJ7, do Estado da Virgínia. A polícia ainda busca o autor dos tiros.

Segundo o diretor da emissora, Jeffrey A. Marks, "alguém disparou vários tiros". "Foram seis ou sete. Ouvimos gritos, e, então, não ouvimos mais nada", afirmou. Escolas na região foram fechadas logo que se ficou sabendo dos tiros.

A entrevistada foi identificada como Vicki Gardner. Ela foi atingida nas costas e levada a um hospital.

O governador da Virgínia, Terry McAuliffe, afirmou que o atirador parece ser um "ex-funcionário descontente" do canal de TV. "Não é um caso de terrorismo", disse.

Jornalistas

Além de jornalista, Parker, que tinha acabado de fazer aniversário, praticava caiaque e participava do teatro da comunidade enquanto não estava no trabalho. Ela tinha acabado de se mudar para morar com o namorado, o também jornalista Chris Hurst.

"Não deixamos isso público, mas Alison e eu estávamos apaixonados. Nós acabamos de nos mudar para morarmos juntos. Estou paralisado", afirmou Hurst, no Twitter. "Nós estávamos juntos por quase nove meses. Foram os melhores nove meses das nossas vidas. Nós queríamos nos casar e recentemente celebramos o 24º aniversário dela. (...) Ela era a mulher mais radiante que já conheci. E, por alguma razão, ela me amou de volta. Ela amou a família dela, os pais e o irmão", prosseguiu.



Chris Hurst ✓
@chrishurstwdbj

Folgen

We didn't share this publicly, but @AParkerWDBJ7 and I were very much in love. We just moved in together. I am numb.

10:31 - 26 Aug 2015

↩️ ↻️ 20.775 ❤️ 20.254



O vídeo mostra a repórter gritando enquanto se ouvem vários tiros. O cinegrafista cai e a imagem é interrompida.

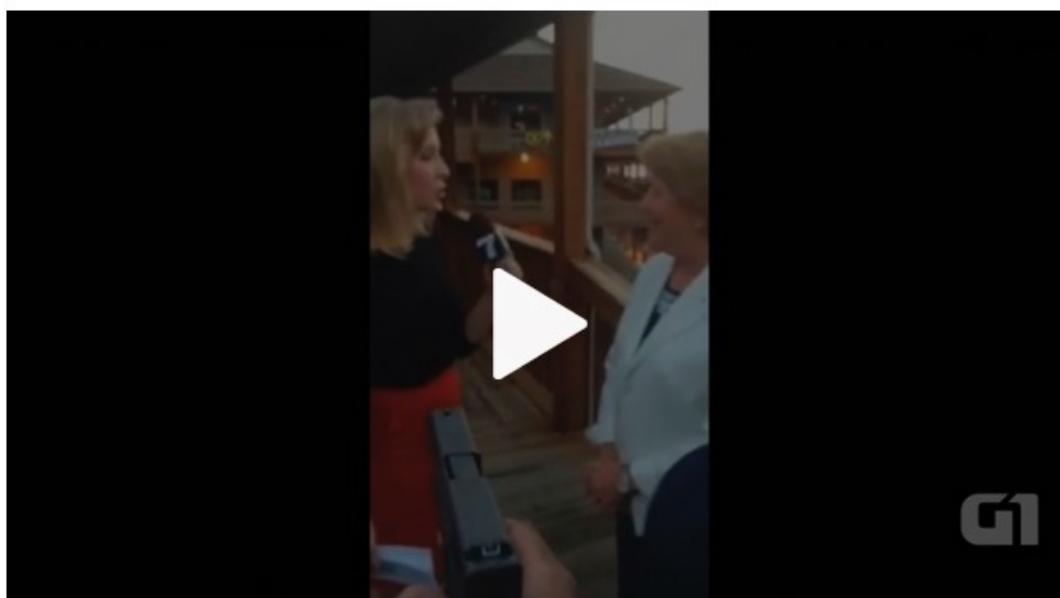


26/08/2015 10h19 - Atualizado em 26/08/2015 18h30

Jornalistas são mortos nos EUA por atirador durante transmissão ao vivo

Alison Parker e Adam Ward foram baleados durante entrevista. Atirador é ex-funcionário da emissora e se matou.

Do G1, em São Paulo



A repórter Alison Parker e o cinegrafista Adam Ward, jornalistas de uma TV afiliada à rede norte-americana **CBS**, foram mortos a tiros nesta quarta-feira (26) enquanto faziam uma entrevista ao vivo no estado da Virgínia, nos **Estados Unidos**. (Veja o vídeo acima)

(**ATUALIZAÇÃO:** por volta das 15h, a polícia da Virgínia informou que o suspeito morreu no hospital. Leia mais: **Suspeito de matar jornalistas nos EUA morre em hospital.**)



vídeo mostra disparo

perfil da repórter

morte do atirador



Foto de perfil do jornalista Bryce Williams no Twitter
(Foto: Reprodução/Twitter/brycewilliams7)

O **atirador, que é um ex-empregado da emissora**, atirou em si mesmo pouco depois dos assassinatos.

Os jornalistas do canal WDBJ-TV foram atingidos na Bridgewater Plaza, na cidade de Moneta, por volta de 6h45 (no horário local). A repórter tinha 24 anos, e o câmera, 27.

O suspeito Vester Lee Flanagan, que utiliza na mídia o nome de Bryce Williams, **registrou os disparos e postou em sua conta no Twitter**.

Ele tinha 41 anos, de acordo com a Associated Press, e foi preso. A polícia começou a persegui-lo logo depois do crime.

Entrevistada ficou ferida

Vicki Gardner, integrante da Câmara de Comércio da região, era entrevistada no momento do crime. Ela foi atingida nas costas, passou por cirurgia e tinha quadro de saúde estável.

Nas imagens gravadas pelo cinegrafista Adam Ward pouco antes de morrer, é possível ouvir os tiros e ver o momento em que a repórter tenta se esconder dos disparos.

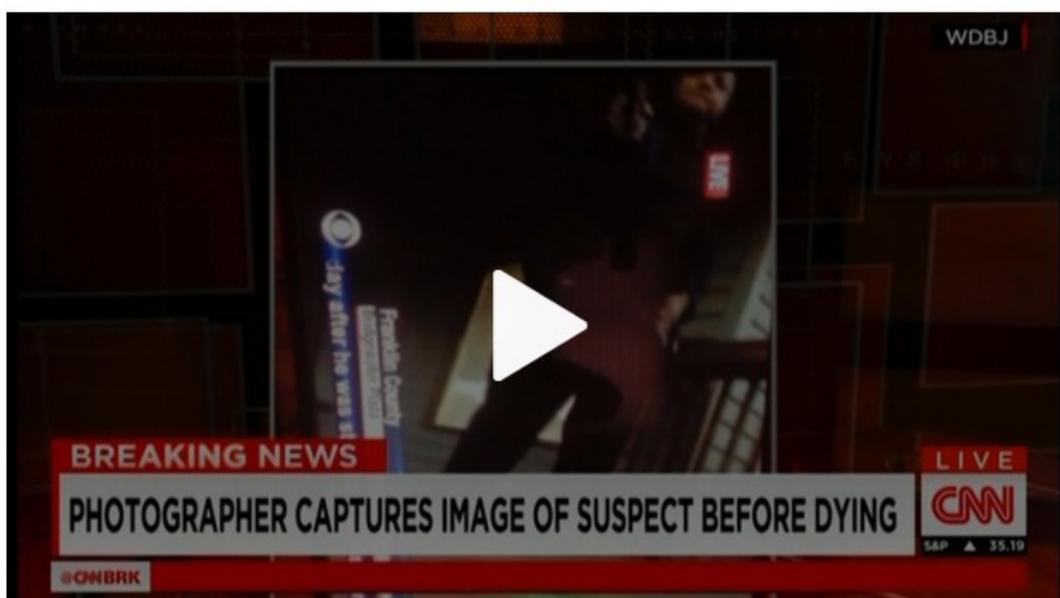
A câmera cai, mas ainda registra as pernas do atirador. Logo em seguida, e fora do campo de imagem, os gritos da jornalista continuam a ser ouvidos. *(Veja o vídeo abaixo)*

Acredita-se que o atirador tenha disparado seis ou sete vezes, disse o presidente e gerente-geral do WDBJ, Jeffrey Marks, segundo a CNN.

Relato de comentários racistas

A motivação do crime, no entanto, ainda não está clara. Bryce Williams postou comentários no Twitter afirmando que a repórter Alison Parker "fez comentários racistas" e que o cinegrafista Adam Ward fez uma reclamação contra ele no RH do canal, "depois de terem trabalhado junto apenas uma vez".

Em entrevista à Fox News, Jeffrey Marks disse que Vester Lee Flanagan "era para muitos uma pessoa difícil de se trabalhar".



Dois jornalistas de TV afiliada a CBS foram mortos com tiros na Virginia quando conduziam uma entrevista ao vivo. O incidente ocorreu em Bedford County. As imagens mostram que, quando os tiros foram ouvidos, a repórter e uma entrevistada se abaixaram assustadas (Foto: Reprodução/WDBJ 7)

Repórter assassinada

Alison Parker namorava Chris Hurst, que é âncora do mesmo canal de TV em que ela trabalhava. Em seu Twitter, ele escreveu que os dois **planejavam se casar**.

Atirador mata jornalistas nos EUA

Ataque ocorreu em Moneta, na Virgínia



.com.br

Infográfico elaborado em: 26/8/2015

"Estávamos juntos há quase nove meses. Foram os melhores nove meses das nossas vidas. Queríamos nos casar. Acabamos de celebrar seu aniversário de 24 anos", disse Chris Hurst. "Ela era a mulher mais radiante que eu já conheci", completou.

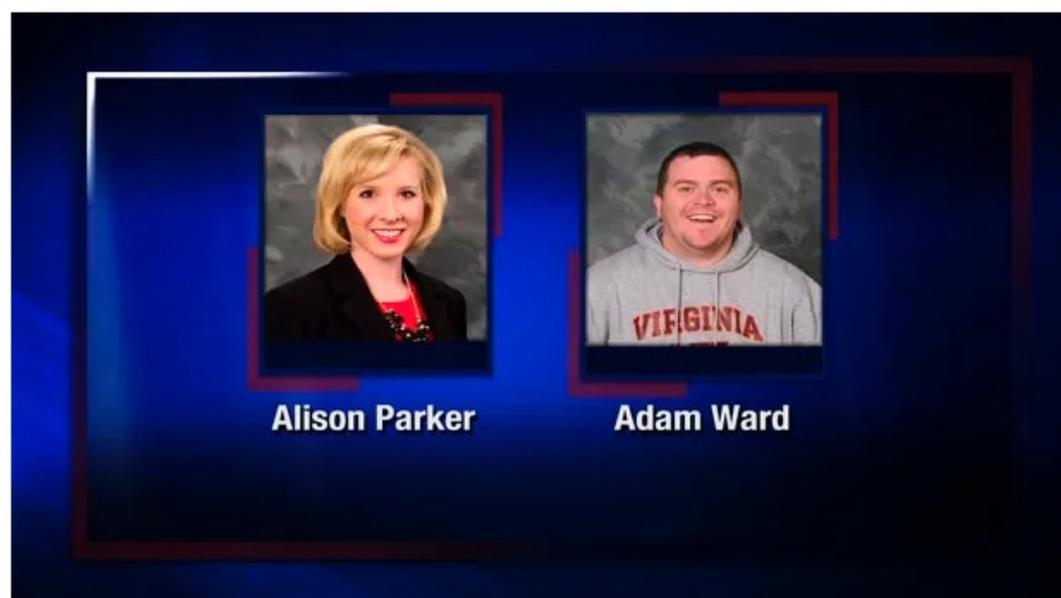
Hurst afirmou que Parker trabalhava diariamente com Adam Ward, o cinegrafista que também morreu no tiroteio.

"Eles eram uma equipe. Estou com o coração partido pela noiva dele."

Outro jornalista do canal disse que Ward tinha dito recentemente que planejava deixar o

jornalismo e fazer outra coisa.

Parker, que é repórter matutina da rede, começou como estagiária. Ela é natural da Virgínia e passou a maior parte de sua vida na cidade de Martinsville.



Canal WDBJ7, afiliado a CBS, postou em seu perfil no Twitter fotos de Alison Parker e Adam Ward em homenagem: 'Nós amamos vocês, Alison e Adam' (Foto: Reprodução/Twitter/WDBJ7)

Kimberly McBroom, a âncora que estava apresentando o jornal durante o ataque ao vivo, disse à CNN que Parker era uma "estrela de rock". "Você pedia qualquer coisa àquela garota e ela conseguia fazer."

Os colegas de trabalho ficaram muito chocados com o ocorrido. "É com extrema tristeza que nós informamos que Alison Parker e Adam Ward foram mortos em um ataque nesta manhã", lamentou no Twitter a rede de TV WDBJ7.



Imagens postadas em redes sociais mostram momento em que o atirador aparece no vídeo durante a entrada ao vivo do WDBJ7, canal afiliado a CBS, da Virgínia (Foto: Reprodução)

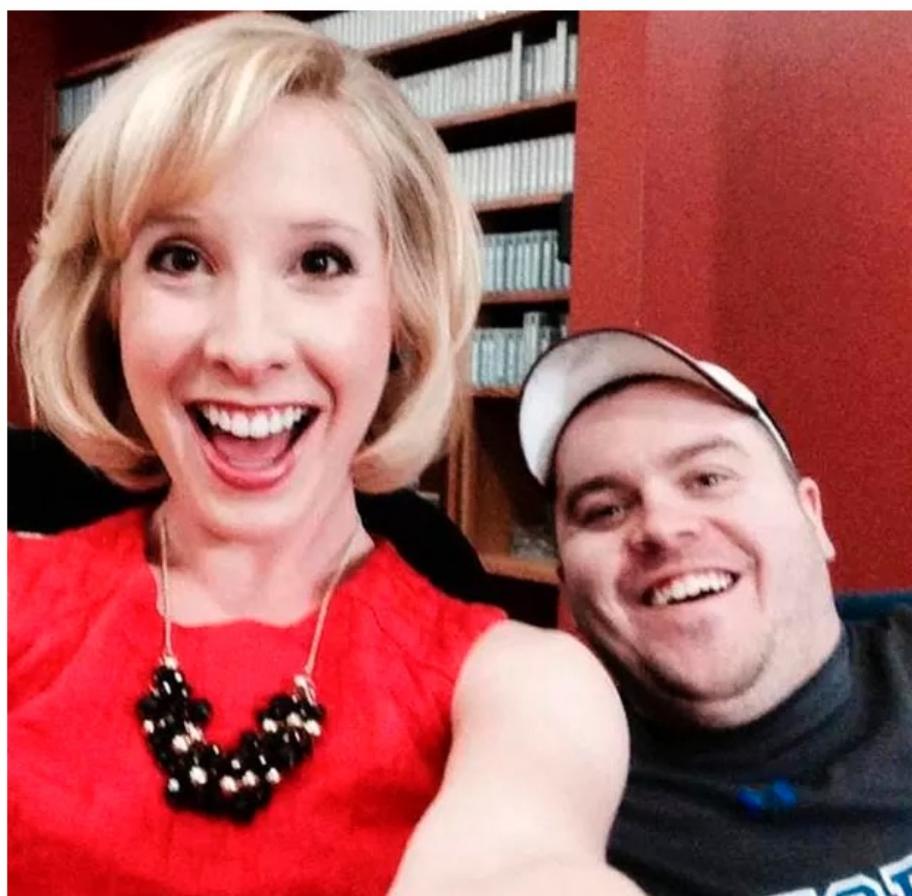


Imagem dos jornalistas Alison Parker e Adam Ward foi compartilhada em homenagem nas redes sociais: 'Como eles devem ser lembrados em vez daquele vídeo terrível' (Foto: Reprodução/Twitter)

Repórter e cinegrafista são mortos por ex-colega em transmissão ao vivo nos EUA

Atirador filmou disparos e postou na internet. Após uma caçada policial, ele se suicidou

POR O GLOBO

26/08/2016 10:03 / atualizado 26/08/2016 16:57



Sequência de imagens mostra Bryce Williams atirando na repórter Alison Parker durante transmissão ao vivo - HANDOUT / REUTERS/Facebook

RIO — Num crime transmitido ao vivo pela TV e repetido pelos noticiários de todo o mundo, o repórter Vester Lee Flanagan (que se apresentava como Bryce Williams) abriu fogo enquanto uma equipe fazia uma entrevista na Virgínia, matando dois ex-colegas — uma repórter e um cinegrafista — e ferindo a entrevistada, na cidade de Moneta. Em um vídeo gravado e divulgado pelo próprio autor, é possível ouvir os tiros e a dupla à frente da câmera correndo. O atirador fugiu após disparar ao menos seis vezes. Depois, tentou suicídio e morreu horas mais tarde, segundo a polícia estadual. Flanagan já havia feito ameaças a outras pessoas com quem trabalhou.



Na transmissão, a repórter Alison Parker, da WDBJ, entrevista uma empresária e não percebe a aproximação de Flanagan. Ela é surpreendida pelos tiros, enquanto o cinegrafista Adam Ward é atingido e cai morto no chão. Aos gritos, Alison corre em meio a outros disparos, e a transmissão é cortada, mostrando uma expressão de surpresa da apresentadora.



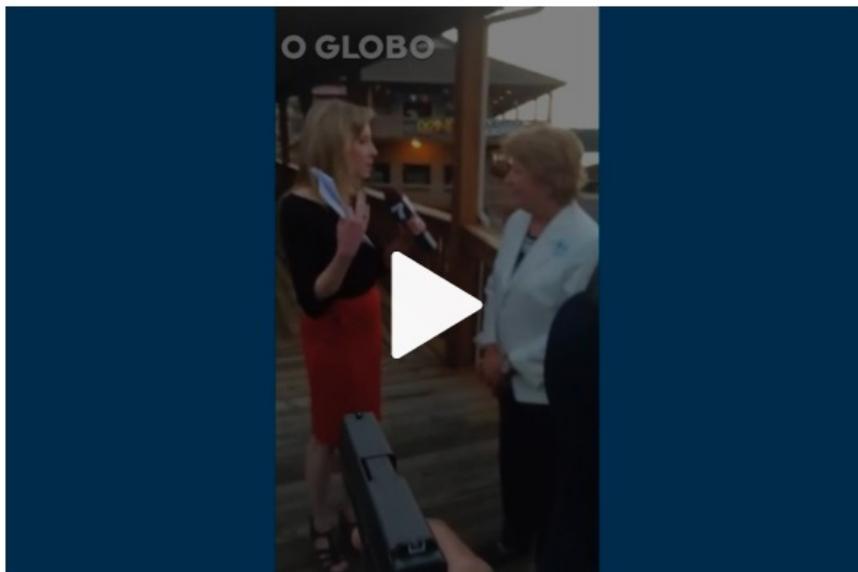
Tiros foram registrados ao vivo - Reprodução

Afiliada da CBS, a emissora anunciou a morte da dupla. A entrevistada Vicki Gardner, chefe da câmara de comércio da região onde houve o ataque, foi atingida nas costas e passou por cirurgia, já se recuperando. Brevemente flagrado na transmissão, Williams é visto com roupas escuras.

O crime chocou os americanos e era mostrado por apresentadores de TV consternados. Nos primeiros momentos, enquanto não estava claro quem era o atirador, as escolas perto da Bridgewater Plaza, onde ocorreu o episódio, tiveram as portas fechadas e a segurança reforçada. Equipes de segurança emitiram um alerta máximo para caçar o suspeito, enquanto em Nova York a polícia reforçava a segurança em emissoras de TV.

ATIRADOR ACUSA COLEGAS DE RACISMO

A atirador fugiu de carro por uma rodovia em direção a Washington, mas acabou batendo. Segundo a polícia, quando os agentes se aproximaram ele já tinha tentado se suicidar. Horas mais tarde, a polícia anunciou a sua morte, às 13h26m locais.



Antes de ser capturado, no entanto, Flanagan chegou a publicar um vídeo nas redes sociais mostrando ele se aproximando e apontando a arma para a repórter. Um segundo vídeo mostrava ele disparando.

Em outras mensagens no Twitter, ele acusou os colegas de racismo — ele já havia aberto uma ação contra a empresa por acusação semelhante. A conta do atirador no microblog foi suspensa quase de imediato.

Segundo o presidente e diretor-geral da emissora, Jeff Marks, o atirador era uma pessoa difícil:

— Ele tinha uma reputação complicada. Quando teve mais um de seus incidentes por explosões de raiva, dispensamos e o retiramos com ajuda de policiais — disse Marks.

A emissora XETV afirmou que o demitiu em 2000 por "comportamento bizarro e ameaças a funcionários".

Sem dar mais detalhes, a rede ABC informou no Twitter ter recebido um fax de Williams, e o entregou às autoridades.

HOMENAGENS AOS MORTOS

A repórter Alison Parker tinha 24 anos, e o cinegrafista Ward, 27. Eles receberam homenagens imediatas da WDBJ, que relatou o episódio desde o corte da transmissão. A noiva do atirador estava no local durante a transmissão, e chegou a ver o momento, segundo funcionários da WDBJ.



Atirador chegou a ser flagrado enquanto câmera caía - Reprodução

Após o ataque, a polícia de Nova York anunciou um aumento no reforço à segurança de estações de televisão da cidade. A iniciativa foi tomada com base em medidas de padrão antiterrorismo.

A ex-secretária de Estado Hillary Clinton lamentou o episódio, pedindo um maior controle das armas.

